

humanitária

Revista do Centenário e da Inauguração do Novo Quartel

Bombeiros Velhos

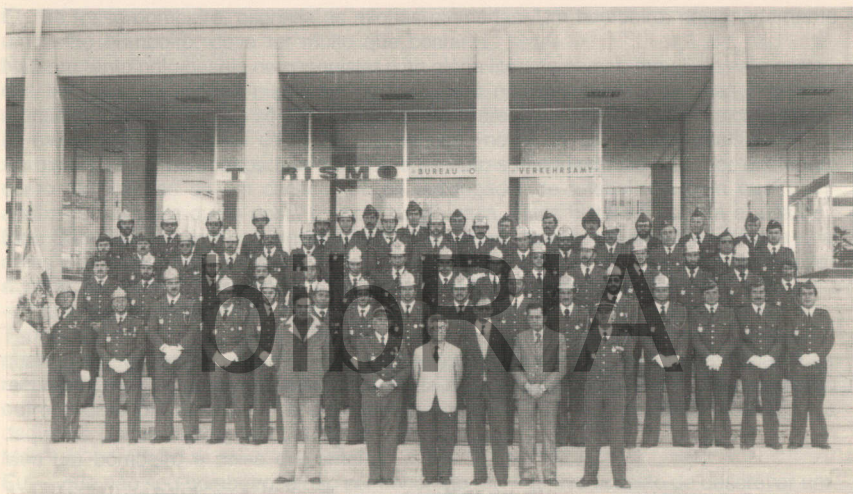
Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

biblioteca





INTERDITO
EMPRESTIMO



bibRIA



Manuel
Bispo de Aveiro

Se eu fosse bombeiro...

Eu, se fosse bombeiro, escrevia as minhas memórias. Um bombeiro, designadamente um velho bombeiro, deve ter muito que contar...

Não era tanto pelo desejo de conquistar uma glória literária e ver o meu livro na montra das livrarias. As minhas memórias poderiam até não ser publicadas, mas ficarem manuscritas num caderno só para os meus netos lerem quando fossem mais crescidos.

(É evidente que, no meu caso, tomo a palavra «neto» no seu sentido mais amplo).

As histórias dos bombeiros não são como as outras histórias! Não são, por exemplo, como as histórias de um caçador ou de um jogador de futebol. Se bem que

apaixonantes para quem gosta da bola ou da caça, estas histórias deixam a vida de

fora. São histórias de aventuras em que, raras vezes, esteve em jogo a existência — a

deles e a das outras pessoas. São histórias de triunfos e de azares. De como se esteve

à beira de matar um elefante — ou uma lebre... — ou de conquistar um troféu

«olímpico» em qualquer 3.^a Divisão.

Tenho ouvido estes «heróis» contar as suas proezas, com uma secreta vaidade. E,

quando adrego de ir à casa deles, lá vejo, resguardadas por uma vitrine, as taças e as

medalhas conquistadas; ou então, se se trata de um caçador, a pele embalsamada (ou

outros adereços da fera...) espalmados na parede. Quantas recordações cada uma

daquelas peças evoca no coração do «herói»!...

Mas um bombeiro é coisa diferente!

Eu — que não sou bombeiro, a não ser honorário... — já tive ocasião de descrever um

incêndio. Foi um incêndio que ficou célebre, numa conhecida tabacaria de Coimbra. Um

incêndio que deflagrou, pela calada da noite, num edifício de vários pisos, em plena

«Baixa» coimbrã. Vendo obstruída a única porta de saída, o dono da casa atirou da

janela do piso superior a filha pequenina para os braços de um transeunte. Ele mesmo,

procurando fugir à morte por asfixia, tentou saltar do segundo andar à rua. Tão

desastradamente o fez, que caiu sem sentidos sobre o passeio, vindo a morrer horas

depois. A esposa seguiu-lhe o exemplo, perante os olhos horrorizados da multidão que

assistia, impotente, a tão grande tragédia. Valeu-lhe ter ficado presa pelo vestido na

sacada do primeiro andar.

Em cima, os bombeiros atacavam o fogo com decisão. Deu-se, porém, o inevitável. O

pavimento do segundo andar, consumido pelo fogo, cedeu e caiu sobre o primeiro. Este,

não aguentando o peso dos escombros, ruíu também, sepultando no meio de tijolos e

de madeiramentos desconjuntados os infelizes que procediam, no rés-do-chão, ao

salvamento dos valores da tabacaria.

Havia um padre, de agulheta em punho, entre os bombeiros. Um padre que era um

valente. Chamava-se Padre Dr. Luís Lopes de Melo. Não tentou escrever a sua vida

que fez a descrição desse sinistro que apavorou a cidade. No dia seguinte os jornais,

tarjados de luto, traziam em toda a largura da página esta legenda: «A pavorosa

Se eu fosse bombeiro...

tragédia de sábado: 14 mortos!»

Volto aos bombeiros. Eu, se fosse bombeiro, escrevia as minhas memórias... Ao lado dos actos de bravura que cometi — ou de medo ou de timidez com que me aproximei das chamas — teria também de deixar escrita quantas foram as vezes que me lembrei de Deus — eu que nem sempre rezo... — e me confiei ao seu Poder e à sua Misericórdia.

Que um pecador se afoite a lançar-sa nas chamas, é sempre um acto de temeridade, se primeiro, ele mesmo, se não atira para os braços misericordiosos de Deus. Quantas vezes ao bombeiro (novo ou velho que seja...) não terá acontecido, em momentos de perigo, sentir acordar dentro de si o que em nós existe de mais vilal e mais essencial.

Se eu fosse bombeiro, escrevia as minhas memórias, com toda a sinceridade, sem nada encobrir, para que os meus netos pudessem conhecer, por fora e por dentro, em retrato de corpo inteiro, quem foi o avô que tiveram.

Talvez o que se não viu, e que ficou secreto dentro de mim, tenha para eles maior valor do que os actos de bravura que pratiquei e do que as medalhas de cobre ou de ouro que me pusaram ao peito...

Bem haja!

Com 6 ou 7 anos — muito mais «novo» do que aqueles que hoje se quedam na mesma idade!!! —, ali pelos primeiros Domingos depois do S. Miguel, soube pela primeira vez, o significado de *Bombeiro*.

Uma sineta de som forte, em paralelo com o roncar cavernoso dum motor, nada apressados, em direcção a um pequeno largo abrigado por meia dúzia de casas de lavradores — os mais afastados do sítio.

Ali, um carro aberto, vermelho, despeja homens de azul e dourados na cabeça, de bernal na mão, logo se encaminhando para as portas de família que, na minha aldeia, aqui e além definiam o burgo e a freguesia que o disciplinava.

Para mim, na novidade oferecida, alguma coisa de festa. Estes grupos que estendiam a sacola para que nela caíssem cereais ou moedas, sensibilizaram-me e, nas andanças com eles, calcorreando algumas ruelas, vivamente interessado nos resultados que iam ficando, de casa em casa, de pessoa para pessoa, também eu fui naquele dia.

Foi nesse entusiasmo festivo, no desequilíbrio duma curiosidade branda e inocente, que minha mãe com uma linguagem sonorisada de ternura me foi dizendo quem são esses homens vestidos de azul, com «pendurezas» brancas sobre o peito e as cabeças cobertas por capacetes brilhando ao sol. Explica-me, então, no seu entendimento carinhoso, o que é um *Bombeiro*; fala-me do seu trabalho, dos perigos que cercam estes homens; durante algum tempo, com exemplos que multiplica para que melhor possa compreendê-los, dá-me naqueles 6 ou 7 anos, toda a dimensão da sua grandiosidade. Não sei quem eram nem donde vinham; uma sineta tocando sempre, um automóvel vermelho roncando e quedando-se de seguida; aqueles homens assim vestidos, de porta em porta recebendo migalhas que lhes eram entregues, ficaram, para sempre, os heróis da minha imaginação.

Aveiro está de Festa, o Distrito rejubila, os Homens que sentem, na solidariedade social, a razão primeira da sua existência, louvam e saúdam estes bravos e humildes que, tudo dando para nada exigirem, têm por direito próprio o seu Quartel. A «casa» onde vão encontrar, na ética que os informa, a resposta legítima a algumas das suas preocupações, recebe desta forma que o tempo gastou, a nobreza com que sempre soube rebustecer, nas horas de boda e de tristeza, as acções que eles, bombeiros, logo esquecem quando esgotada a sua participação, desconhecendo ou para eles tendo insignificância, o risco, o sacrifício, o egoísmo, o interesse económico, sei lá que mais?!! Entram na história desta nossa Aveiro, os Bombeiros Velhos (novos no sentimento e na lembrança das gentes destes lugares, desta região), página rica virada junto à ria, na brancura, ainda, do seu salgado ou nas faldas da serra, quando a mata arde e a chama

Secretaria das Mulheres
Governador Otilio de Azeite

Bem haja!

lambe velhacamente os que se erguem, opôndo-se aos seus desejos ou desígnios. Um Bombeiro não se submete à morte. Despreza-a, libertando-se dela, em cada instante que entrega à eternidade a sua obra, o seu amor fraterno simples e puro. Saúdo esta Associação Humanitária e, nela, todos os Bombeiros deste Distrito com o muito respeito que tenho pelos Bombeiros portugueses. Bem Haja!

bibRIA

José Girão Pereira
Presidente da Câmara Municipal de Aveiro

A nossa homenagem

Todo o Homem tem o seu próprio Tempo e a sua História. Todo o Homem é efeito e causa de e para os outros homens. Como os homens, também as associações, congregação de esforços para fins comuns, são fruto e agentes activos do meio que as envolve.

Quando e toda a vez que se fizer a história de Aveiro se falará da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, os Bombeiros Velhos, na expressão carinhosa dos aveirenses. É que, cem anos de existência, servindo os grandes valores que moldam a história, são motivo de orgulho para a comunidade em que se inserem. Ao longo de um século, muito Aveiro mudou. De pequeno burgo pacato e silencioso, veio-se transformando num centro urbano pleno de pujança e rico de futuro.

Mas, na essência, tem mantido os valores tradicionais que moldaram os agentes e deram forma à comunidade. E eu diria que é nos Bombeiros que essa preservação tem sido, fundamentalmente, assegurada.

O mesmo espírito de servir, o mesmo humanitarismo firme e silencioso, a mesma capacidade de olhar para os outros e amar o próximo sem distinção, no fundo, os grandes valores que hão-de ficar na história dos homens e de cada homem.

A todos os que ao longo de um século se entregaram com humildade a este ideal, a todos os que ainda hoje são capazes de gritar, no meio do materialismo e do egoísmo crescentes, a fraternidade pura entre os homens, sem nada esperar, a nossa homenagem. O profundo agradecimento e respeito da Câmara Municipal e o obrigado sentido dos Aveirenses.

Por tudo quanto foi feito ao longo de tantos anos ao serviço da nossa Causa, pela Arredução e esperança com que projectam o futuro, a Liga dos Bombeiros Portugueses expressa o sincero agradecimento dos Bombeiros de Portugal e faz votos ardentes para que, ao longo dos tempos, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro permaneça fiel aos princípios estatutários que lhe deram vida e se mantenha, em todas as circunstâncias, ao serviço desta maravilhosa Cidade de Aveiro.

Aos bombeiros Velhos

O cheiro a óleo e a gases de escape; os homens a fardarem-se meio escondidos pelas viaturas; nós a atravessarmos o parque de material, que era simultaneamente sala de entrada; o gabinete de telecomunicações comprimido no vão da escada; os degraus de acesso ao 1.º andar que davam a sensação de não suportarem mais do que o nosso peso; o bar com o balcão entre os umbrais duma porta; a camarata do pessoal de serviço pendurada nas águas furtadas; o salão nobre que tanto tinha para contar sobre a vida dos Bombeiros do Distrito; a sala da dupla — direcção e comando — onde um imponente cofre era motivo de gracejos porque se sabia que, normalmente, lá dentro só havia ar, o ar a saber a sal em que Aveiro é fértil...

Era assim o quartel dos Bombeiros Velhos que, resistindo ao Centenário, assistiu ao erguer do monumento que lembra aos aveirenses e aos visitantes 100 anos — um século — de uma das mais prestigiadas Corporações de Bombeiros do Distrito e do País. Por este quartel velho passaram centenas de «Homens Bons» de Aveiro — dirigentes e operacionais — que lhe souberam dar vida, transformando-o numa casa de paz e fraternidade, homens sempre prontos a abrirem as portas ao primeiro chamamento, lançando-se ao serviço dos outros, numa entrega que até a própria vida já exigiu e que os transforma em «Heróis duma Ordem Superior», como tão lapidariamente lhes chamou um dia um ilustre homem do Distrito — o Bispo D. Manuel Trindade Salgueiro. Cem anos de luta, de sacrifícios, de entrega, que são agora coroados com um dos maiores sonhos de todos os Corpos de Bombeiros — a entrada em funcionamento de um quartel projectado e construído para a função, uma função que faz apelo aos mais altos ideais do homem completo que, nesta bela cidade de Aveiro, tem encontrado muitos e grandes exemplos.

O Serviço Nacional de Bombeiros, órgão máximo das Corporações de Bombeiros do Continente, a que tenho a honra de presidir, não esquece que, no salão nobre do velho quartel, na era de 70, foi sonhada e debatida a sua constituição. E faz votos para que o espírito que animou aquelas velhas paredes se transfira, na sua total integridade, para a nova casa e se reflita na constante melhoria técnica e operacional dos seus homens e no fortalecimento da unidade dos Bombeiros do Distrito e do País.

Saudação

Chamam-lhes os Bombeiros Velhos de Aveiro!

A palavra «Velhos» tem uma leitura imediata que poderia levar-nos ao estabelecimento de conceitos desajustados à realidade concreta.

Ao invés do ser humano, que tende à perda de qualidades à medida do correr do tempo e cuja longevidade é quantificável, as instituições como as Associações de Bombeiros Voluntários, alicerçadas na prática das virtudes que dignificam o homem, duram para além dos seus fundadores e são tanto mais jovens quanto souberem acumular experiência. Longe de sofrerem a erosão dos anos, ficam enriquecidas com o testemunho das gerações que vão fazendo a sua história.

Naquele dia já longínquo de 22 de Janeiro de 1882, nasceu em Aveiro uma Associação de Bombeiros Voluntários. Seria mais ideia do que realidade palpável. Teriam muito mais anseios do que meios para a prestação do socorrismo a que se propunham. Mas a ideia era simultaneamente força e esperança. O entusiasmo dos fundadores encontrou eco no coração das gentes de Aveiro e, tantos anos passados, esta palavra «Velhos», que pronunciamos com o maior carinho, significa simplesmente que viveu muitos anos fazendo o bem.

Ao longo de mais de 100 anos, quantos serviços foram prestados à comunidade, aliviando-a nos seus momentos de aflição?

Quantos homens bons passaram por esta casa, dando o testemunho da sua generosidade, da sua disponibilidade para o serviço dos outros?

A simples constatação deste facto levar-nos-ia a considerar toda a riqueza espiritual que se encerra no já longo historial dos Bombeiros Velhos de Aveiro.

Mas a festa de hoje não é mais do que um simples ponto na trajectória da sua existência, um ponto de onde o nosso pensamento evoca todo um passado glorioso e do qual encaramos com confiança os tempos que hão-de vir, ao mesmo tempo que nos alegramos com as obras do seu Quartel-Sede.

Será nesta casa que os bombeiros, com farda ou sem farda, hão-de encontrar-se para combinarem as melhores formas de servir a comunidade. Uma «Catedral da Paz» onde os homens, apesar das suas convicções políticas, credos religiosos, classes sociais ou côr da sua pele, hão-de sentir-se mais irmãos.

Por tudo quanto foi feito ao longo de tantos anos ao serviço da nossa Causa, pela Juventude e esperança com que projectam o futuro, a Liga dos Bombeiros Portugueses expressa o sincero agradecimento dos Bombeiros de Portugal e formula ardentes votos de que, ao longo dos tempos, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro permaneça fiel aos princípios estatutários que lhe deram vida e se mantenha, em todas as circunstâncias, ao serviço desta maravilhosa Cidade de Aveiro.

Joaquim A. S. Mendonça
Presidente da Assembleia Geral dos
Bombeiros Velhos

Bombeiro sinónimo de amar!

Ronca a sirene! O som transmite-se nos espaços e leva a todas as casas da localidade a ansiedade e a interrogação.

Mesmo sem ondas hertzianas, nem sistemas de Morse, o significado desse som é imediato e inteligível por quantos o ouvem. E uma palavra se associa a esse som:

Tragédia.

Porém, um receptor há que o capta de maneira especial e talvez mais compreensível, quicá mais preocupante: O BOMBEIRO, que, sem hesitações, deixa refeição, abandona convívio, trabalho, descanso, carinhos da família... e corre ao cais de embarque do socorrismo equivalente ao seu quartel.

Que pensar de tal atitude?

Que há no Bombeiro que, num instante, o faz, indiferente ao aconchego da vida familiar ou à comodidade e alegria de viver em sociedade ou à responsabilidade dos seus deveres profissionais, tudo deixar e acorrer a tão dramático chamamento?

É a angústia do sofrimento alheio.

É o sentimento, natural e belo, de servir o próximo.

É o sentir-se homem e irmão do outro homem.

É a consciência do direito e do dever de, como ser humano, compreender ser igual aos seres humanos, pois que todos eles imbuídos da chama íntima do AMOR Verdadeiro...

Toca a sirene, ou soa, pelas ruas, o «ni-no-ni... ni-no-ni...» das ambulâncias ou dos pronto-socorros, o Bombeiro lá segue, ansioso, a caminho do «desconhecido» que o espera, e que tanto pode ser o fogo desbastador das florestas, das habitações ou fábricas, como o acidente trágico no mar, nos rios ou nas estradas... Bombeiro

Voluntário porque aderiu, por si e por Amor, a colocar-se à disposição das necessidades trágicas do irmão-homem como na protecção da própria Natureza que o acolheu como SER, sem se preocupar com a retribuição material...

E é assim através dos tempos...

E tem sido assim, ao longo de mais de cem anos, com os Bombeiros Voluntários de Aveiro — os meus Bombeiros Velhos!...

sempre acreditaram em vós e para os quais continuareis a representar, apesar de não viverem esta alta hora da colectividade, a Esperança de um Socorrismo alicerçado no Amor.

Que pelos séculos futuros se mantenha, também, a vossa Fidelidade a esse lema dinâmico de bem-fazer que os BOMBEIROS VELHOS de Aveiro ostentam nas suas próprias insígnias: «SEMPER FIDELIS»!

BEM HAJAM! . . .

Um século já voltado, e quantos trabalhos, quanta dor e quanto sangue estancados, quanto Bem distribuído . . . E, também, quanta incompreensão, quantos desgostos, quanta angústia perante a impotência de uma acção mais eficaz, quanto desespero por não possuir os meios que lhe facilitassem a sua acção bemfazeja! . . .

Mas, acima de tudo, quanta alegria pelo dever cumprido, quanta satisfação íntima por, através da sua missão, ter completado a obra colaboradora do próprio Deus-Criador! . . . BOMBEIROS VELHOS de Aveiro, orgulho de tantas gerações e orgulho da Cidade, agora que se avizinha a realização do nosso Sonho, e que foi o sonho daquelas mesmas gerações de servidores, deveis manter-vos dignos desses antepassados, dignos de todos os homers que, durante cem anos da vossa existência associativa,

Ulisses Pereira
Presidente da Direcção dos
Bombeiros Velhos



De parabéns... Aveiro.

Cem anos. Uma já longa vida, esta, a da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro. — SEMPER FIDELIS

Daqui, deste Velho Quartel, onde vive o sonho e a esperança de um outro — Novo, novíssimo, tão desejado, por merecido e necessário a um melhor serviço, por mais cem anos — os NOSSOS PARABÉNS para esta magnífica população de Aveiro, Aveiro-Cidade, Aveiro-Concelho que, sempre fiél, tem garantido a continuidade perenne destes seus «BOMBEIROS VELHOS», imaginem desta comunidade fraterna e tolerante. Os Nossos Parabéns, pois, para Aveiro, e suas gentes!

bibRIA

Antônio Manuel Soares Machado
Comandante dos Bombeiros Velhos



O reafirmar de um compromisso

Longo o caminho percorrido desde o já distante dia 28 de Janeiro de 1882, caminho cheio de tristezas e alegrias, repleto de acontecimentos relevantes, muito enfim, da história da própria Cidade ao longo dos últimos cem anos.

Hora grande a da inauguração do Novo Quartel, mas também hora de recordar todos quantos, de uma forma ou de outra, deram o melhor de si mesmos a esta causa e muito em particular os que por ela deram a vida. É, realmente, o grande exemplo de todos eles, que nos anima a prosseguir, arrostando com inúmeras dificuldades esta realidade linda que são os «Bombeiros Velhos».

Hora de saudade, de alegria, mas também hora de reafirmar publicamente, em nome do Corpo de Bombeiros que me orgulho de comandar, um compromisso solene para com a Terra que servimos sem nos servirmos e à qual pertencemos. O compromisso da nossa disponibilidade voluntária de cada vez melhor servir, com dignidade, de cara levantada, no fundo, com a consciência tranquila do dever cumprido.

A minha esperança é, mais do que a minha esperança, a certeza de que em 1882, como Hoje, e Hoje como Amanhã, assim será.

Gaspar Albino
Presidente da Direcção dos
Bombeiros Novos

Semper (Et Ubique) Fidelis!

Simbiose na cidade dos dois.

Correspondendo às apetências concorrenciais de duas zonas bem diferenciadas da nossa urbe.

Aí estão, garantia de contra-ponto, VELHOS e NOVOS, de mãos dadas, ao longo de décadas, depois de décadas.

Na base, bem na base, só e a mesma coisa: o voluntariado, sempre o mesmo voluntariado, adequado à satisfação das características daquelas duas zonas que sempre estarão unidas em AVEIRO.

Esta cidade, felizmente, cresce por si própria. Não carece muito de apoio do exterior. VELHOS e NOVOS, com o tempo, também se vão definindo, reafirmando de forma compatível com a dimensão da sua cidade.

Com o revolutar dos anos, o nível etário vai-se, cada vez mais diluindo, igualizando-nos.

Quem dirige aveirenses sabe disso muito bem.

Nós, e os que aqui se radicaram, só temos que exigir que, independentemente do que somos, ou por força do que somos, sejamos respeitados.

Nós sentimos, nós sabemos, que, na diferença, os aveirenses sempre souberam encontrar o sinal de união.

Quartel novo — vida nova? Não! Dificuldades acrescidas? Isso sim!

As circunstâncias, a conjuntura, tudo isso provoca dificuldades.

Essas dificuldades sempre foram para nós, os de Aveiro, um sinal mais de união.

Por isso mesmo, nós os novos, só poderemos pedir que os VELHOS, em conjunto, apostem no diálogo permanente, para o preenchimento de necessidades colectivas que só o socorrismo voluntário pode garantir.

O planeamento, a estruturação conjunta de meios de apoio, o financiamento desses meios, tudo isso é possível, sem lutas de clube.

Estamos abertos.

No vosso quartel novo, nas vossas dificuldades, na vida do dia-adia, está, convosco, a permanente vida dos BOMBEIROS NOVOS.

As vossas alegrias são o acrescento das nossas alegrias.

SEMPER ET UBIQUE FIDELIS.

Sejamos diferentes na unidade de intenções para sermos mais coerentes na sua tradução prática.

A vossa felicidade, no momento da inauguração do vosso quartel, é a nossa felicidade.

É o voluntariado que somos que fica enriquecido.

É o dar-de-mãos, mais uma vez!

Lúcio Lemos

Comandante dos Bombeiros
da Portucel

«Felicitades, «Bombeiros Velhos»»

Como comandante de uma das três Corporações do Concelho de Aveiro sempre tenho procurado manter e inculcar, como se impõe, nos meus subordinados o maior e mais fraterno espírito de colaboração e entre-ajuda com a família dos «Bombeiros Velhos», Associação do meu «bairro» (leia-se freguesia) para cujo comando fui, anos atrás, (poucos sabem disto!) convidado pelo Presidente dessa altura, Eng.º Branco Lopes. Razões óbvias, (da minha parte) impediram-me de aceitar tão cativante convite. Mas, ainda bem!

O recurso a outros bons amigos (Eng.º Mendonça e, posteriormente, ao também já muito consagrado António Manuel Machado, um filho de peixe que sabe nadar) fez com que a corporação viesse a ser muito melhor servida, o que (será necessário jurar?) me enche de justificada satisfação.

Se os «Bombeiros Velhos» estão bem servidos nos postos de Comando e do Quadro Activo — tudo gente simples, dedicada e competente —, o mesmo se poderá dizer ao nível da Direcção. E a prova disso está no grande impulso que os «homens do leme» lhes transmitiram por forma a que o Quartel-Sede, sonho de tantos anos, e a aquisição de bom material de combate a incêndios tenham sido uma consoladora realidade.

Quem, como eu, já participou em muitas cerimónias da vida da prestigiosa Associação, sabe perfeitamente o que significará a estreia das novas instalações — passo grande para um futuro ainda maior e melhor.

Os «Bombeiros Velhos» estão de parabéns!

Com eles estão todos os associados, simpatizantes, bombeiros do Concelho, do Distrito e do País.

A hora é de alegria.

Felicitades, «Bombeiros Velhos...»

Bosquejo Histórico, no Centenário

«É-me agradável saborear o espectáculo dum incêndio, sem a possibilidade duma queimadura e sem a mortificação duma ajuda para o sinistrado. Deixo o caminho desimpedido ao meu representante, o Bombeiro Voluntário».

Miguel Torga, in *A Terceira Voz*

I — A sua origem e princípios fundamentais

Bastava apenas a leitura deste texto de Miguel Torga para vergar completamente aquele que ousasse erguer a sua voz contra a nobreza de tais figuras que se movem no silêncio dos dramas humanos que todos nós, mais ou menos, conhecemos de perto. Mas o Bombeiro conhece-os sempre por dentro. Não volta as costas, não sabe dizer não quando a angústia se instala entre os homens. Está sempre pronto na primeira linha de combate, quantas vezes arriscando a vida, sem perguntar de quem se trata, qual o credo ou côr política, raça ou importância social. O seu lema é servir, voluntariamente.

E voluntários são, normalmente, gente humilde, trabalhadores por conta de outrem, operários sujeitos a horários de empresas e com dificuldades económicas, raras vezes «rapazes e raparigas de boa família que estes não se deixam mover pelos ideais do socorrismo organizado para valer ao vizinho em caso de incêndio ou desastre». (1)

Por este serviço voluntário se

explica, também, a frescura da Corporação, tão jovem ao festejar cem anos, como o era nos tempos gloriosos da sua fundação, com limitação de meios, mas cheia de força e sempre presente quando se lhe pede ajuda e colaboração. Parecem longe esses tempos, mas, na verdade, eles continuam-se, em cada ritual ou cada intervenção, como geralmente se constata no convívio entre a família dos «Bombeiros Velhos». Os princípios e objectivos são fundamentalmente os mesmos, actuais, universalmente válidos na solidariedade pelo Homem, quando este se sente esmagado pela brutalidade das forças naturais ou dos acidentes momentâneos. Por tudo isto, cem anos são motivo de festa!

Com a declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (Revolução Francesa), que mudou por completo o comportamento do Homem na sociedade, é com a Revolução Industrial que gradualmente se foi implantando, ao longo do século XIX, a Igreja e outras forças sociais e políticas trouxeram ao mundo contemporâneo uma nova filosofia social, mais voltada para o associativismo, que as burguesias (monárquicas, republicanas, anárquicas, socialistas, reformistas...) defenderam como combate ao individualismo destruidor.

A Portugal, essas ideias chegaram, naturalmente, com os normais atrasos. Aveiro não era

mais do que uma pequena Capital de Distrito. E se até então as confrarias e associações tinham por objectivo fundamental acções de cunho religioso sob a protecção de anjos e santos, na prática, perante as catástrofes e, pior ainda, quando elas se abatiam sobre a cidade e se reclamava socorro imediato, acima de tudo era imperiosa a mobilização das pessoas, não a curto prazo, mas no momento presente, sem arengas nem hesitações. E, neste campo, as velhas confrarias e associações não funcionavam.

Foram as grandes dificuldades e a consciência de incapacidade individual na luta perante o acidente ou a catástrofe que conduziram ao caminho da mais pura solidariedade.

No caso de Aveiro, terão tido papel determinante os grandes incêndios que, aqui, se verificaram pelos meados de Oitocentos (foi em 1858, sob a presidência do Dr. Bento Xavier de Magalhães que a Câmara adquiriu as duas primeiras bombas de incêndio), nomeadamente ao longo do terceiro quartel deste século, como aconteceu, entre outros, e pelas grandes proporções atingidas e consequências graves, naquele que fôra o Paço Episcopal, situado na Rua dos Tavares (antigo palacete construído a partir do século XV e pertencente a uma das mais prestigiadas famílias aveirenses), em 1864, e onde, nessa altura funcionavam várias repartições do Governo Civil; na Esta-

ção dos Caminhos de Ferro que, inaugurada em 1864, ardeu no ano seguinte; no faustoso palácio dos Viscondes de Almeida (1871), que ficou totalmente destruído (vindo a dar lugar ao Palácio do Governo Civil).

Mas o rosário das desgraças não se ficava por aqui e a cidade era, com frequência, sacudida pelos sinistros toques de sino das torres das igrejas e conventos e, bem assim, pela da própria Câmara Municipal. Em todo o caso, era sempre o imprevisto, o voluntariado desorganizado, o material nem sempre adequado, o descontrolo das operações por falta de preparação e de comando.

Assim, para colmatar carência tão grave, terá nascido, em 1879, (2) pelo menos, uma «Companhia de Bombeiros Voluntários de Aveiro», pois datam desse ano os respectivos Estatutos, compostos de 18 artigos. Segundo a relação que nesses estatutos consta, a Companhia articulava-se em duas secções de «Bombeiros» (com 20 efectivos cada e 8 ou 9 «supranumerários») e uma «secção de machados». A ela pertenceram algumas das figuras mais distintas da vida aveirense, como, por exemplo: Artur Ravara, Joaquim de Melo Freitas, os irmãos Melo Guimarães, Manuel Homem Cristo, Jerónimo Pereira Campos... cabendo o Comando ao «inspector» Silvério Augusto Pereira da Silva.

Apesar de não conhecermos as acções por ela desenvolvi-

das, nem notícias do seu efectivo funcionamento, tudo leva a crer que haja tido, nesse tempo, intervenção positiva, a avaliar pelas pessoas que a integravam. No entanto, certamente por falta de apoios, essa mesma intervenção deve ter sido limitada, atendendo a que tudo faltava para a prossecução dos objectivos fundamentais. Talvez por isso, ou porque Aveiro ainda não estivesse suficientemente sensibilizado para a grande importância desta instituição, ela deve ter desaparecido precocemente.

Mas a semente estava lançada!

E quando, em 12 de Janeiro de 1882, a cidade foi sinistramente abalada pelo violentíssimo incêndio do Convento de Sá,

a própria Câmara, por iniciativa de um dos mais atentos edis de todos os tempos — Manuel Firmino de Almeida Maia —, tomou a iniciativa de propor a imediata constituição de «um corpo de bombeiros voluntários que pudesse desempenhar-se satisfatoriamente do encargo que tão nobre e elevada missão impõe». Queria dizer que a «companhia» existente não satisfazia?

Na sessão camarária de 28 de Novembro desse ano, um punhado de «homens de boa vontade» apresentou-se na Câmara para constituir uma companhia que pudesse utilizar todo o material municipal existente, «destinado à extinção de incêndios, e dele se servirem



quando algumas destas calamidades se manifestasse no concelho».

Um mês depois, eram aprovados os estatutos e eleitos os respectivos órgãos da Companhia.

Seguiu-se, então, um período de entusiasmo e dedicação popular pelos Bombeiros, com reconhecimentos referenciados, manifestados publicamente, em particular quando os incêndios atingiam maiores proporções. Foi assim, na noite de 15 de Novembro de 1884, no combate «ao pavoroso incêndio que devorou o prédio do sr. José António de Resende, na Rua da Costeira» e que levou o presidente da Câmara (Firmino Maia) a reconhecer perante «pasma e gratidão de todos nós, os rasgos de sublime heroicidade, e de assombrosa dedicação de todos os membros dessa benemérita Corporação e que por isso constituem um dos seus mais distinctíssimos *trophéus*». E, quando eram pedidos os nomes dos «soldados da paz» que deveriam receber condecorações por este feito, a resposta dada pelo presidente da Companhia, muito acertadamente, dizia que «para prémio lhe bastara a satisfação de terem cumprido, cada um na medida das suas forças, como um dever, voluntariamente e da melhor vontade, se impuseram». (3)

Desta forma, os bombeiros cresceram, em Aveiro, com os apoios e o reconhecimento popular, cada vez mais prestigi-

ados. Em 1887, eram 40 os elementos da Companhia. Mas sentia-se uma grande dependência em relação à Câmara, quando já outras ideias e outros eventos sopravam na mentalidade nacional. Por isso, e para melhor desenvolver a acção do espírito voluntário, entendia-se que a Companhia se deveria desligar da tutela Municipal. Foi o que veio a acontecer em 1898, ainda que, na prática, as pessoas, os apoios e os objectivos fossem os mesmos. Cessou a Companhia de Bombeiros Voluntários para dar lugar à «Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro», embora instalada em dependência da Câmara Municipal, na Rua de Santa Catarina, junto ao Teatro Aveirense. E a mudança foi acontecendo...

Entrou-se, desta forma, na viragem do século e, ao longo da sua 1.ª década, num período de grandes transformações, renovando-se o seu material e remodelando-se os seus serviços internos, enquanto a Câmara lutava com dificuldades financeiras. Daqui se foi gerando uma certa agitação de que veio a resultar um fraccionamento da Associação Humanitária, surgindo a Companhia de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» com objectivos em tudo semelhantes. A cidade e a região, no entanto, longe de perderem com um aparente enfraquecimento das instituições paralelas, muito vieram a ganhar, já que, em vez de arre-

fecerem os ânimos, cada elemento de cada qual das Corporações lutava da forma mais entusiasmada e abnegada para valorizar e dignificar a acção do colectivo altruísta a que pertencia.

Foi assim que ambas mereceram ver-se instaladas em quartel próprio, em benefício do bem público. E, ao mesmo tempo, mais exigentes se tornavam no cumprimento dos objectivos fundamentais que perseguiam.

Caberá, pois, aqui, a referência de alguns exemplos que bem demonstram que a Associação Humanitária procurou pautar-se por esses princípios gerais, no que mostrou também ser a lúida herdeira da Companhia de Bombeiros, ainda que, nem sempre com unanimidade dos seus componentes:

1) Intervenção em questões de ordem política

Em 1887, por «ocasião da visita de S.S.M. Magestades e Altezas a esta cidade» as autoridades constituídas solicitaram que a Companhia se associasse às manifestações públicas de homenagem aos ilustres visitantes. Apesar de ter sido decidido dar todo o apoio para o luzimento dos festejos, um dos seus elementos «exceptou a deliberação unânime por entender que a Corporação não devia sair fora dos fins para que se criou», (4) (o que pode ser entendido como ideário republicano, já que estamos em vésperas do *ultimatum* e

da *revolução de 31 de Janeiro*). Em todo o caso, os reis não representavam propriamente secções partidárias, mas, antes, eram chefes constitucionais do País.

Já em 1908, quando o Governador Civil fez igual pedido para a Companhia «assistir à chegada de S.M. El-rei a esta cidade e às demais festas que se fizessem em honra do mesmo», (5) não houve objecções (ou, pelo menos, não transpareceram na escrita da Associação). O mesmo acontecendo, por exemplo com a sessão extraordinária de 3 de Maio de 1903, com o fim de honrar Almeida Garrett. Mas, quando são os valores locais que estão em causa, a Associação Humanitária jamais deixou de estar presente. Foi assim no caso da participação nas festas e cerimónias que decorreram trazendo da «Estação de Caminho de Ferro o caixão que conduzia o cadáver de José Estêvão, filho postumo do sempre memorável tribuno (6) ou ao «fazer-se representar no assentamento da pedra fundamental do monumento a levantar na Praça do Comércio (...) deliberando a Direcção que todos os seus membros e o respectivo Inspector assistiam aquelle acto». (7)

2) Acções de solidariedade

A nível internacional: a solidariedade não tinha limites. Por isso participaram em diversos apelos como aquele em que, pelo presidente «foi comunicado

ter entregue ao Exm.^o Governador Civil do Distrito, para ser depositado nas mãos do Sr. Ministro de Itália em Lisboa o producto do bando precatório tirado por esta Companhia em favor das victimas da grande catastrophe ocorrida n'aquella nação». (8)

E referências à colaboração nacional não faltam, das quais apenas citamos duas: uma, referida na acta de 27 de Abril de 1909, diz respeito a «um bando precatório em favor das victimas sobreviventes da catastrophe produzida pelos últimos tremores de terra que assolaram algumas povoações do Ribatejo», enquanto a outra, talvez mais evitada de conteúdo político, fala de outro peditório «em favor das victimas da revolução de que resultou a implantação da República em Portugal» e tem a data de 20 de Outubro de 1910.

3) Intervenções na comunidade com objectivos de segurança:

As preocupações de segurança e precauções estão sobejamente presentes na vida da Corporação. Não é só acudir na desgraça, é também intervir para que se tomem os devidos cuidados, numa cidade que rapidamente crescia e se modificava com a introdução de novas técnicas, como aconteceu quando, em acta de 10 de Março de 1898, se reconhecia que só graças aos esforços e dedicação dos Bombeiros «se poudo obstar a que o incêndio ocorrido na Rua

José Estêvão devorasse parte da cidade» e, a partir daí, se pede que «da concessão que a Câmara fez aquella Companhia para a illuminação a gaz, manda que no exterior do edificio illuminado seja collocada uma torreira de segurança para prever o derramamento de gaz em caso de incêndio»; ou, ainda e em relação a casas de espectáculos, pedia à Direcção do Theatro Aveirense «a demolição do muro divisorio dos dois pátios annexos: o da Associação e o do Theatro, a fim de tornar rápida a montagem de serviço de incêndios em noites de espectáculo e dar um abrigo seguro a todos os espectadores». (9)

4) A instituição, centro formativo de «sublimes virtudes».

Não raro, acontecem referências ao comportamento dos membros da Associação. Casos houve em que uns foram admoestados publicamente, outros com diversos castigos morais, no sentido de impedir que o colectivo dos «bombeiros velhos» se tornasse mais uma qualquer agremiação. Raros, porém — mas também existem registos do facto — são os casos de expulsão desta família de voluntários.

Em geral, no entanto, valorizam-se as acções positivas, enaltecendo as qualidades morais dos membros, dando conhecimento público, registando por escrito em actas, premiando com medalhas. E se, porventura, esteve presente a dificuldade económica e social

de alguns bombeiros — e esteve, sem dúvida, conforme se comprova de muitas actas — é sobretudo a acção formativa que preside ao conjunto dos componentes, com dirigentes que se cotavam entre os melhores exemplos de conduta moral da cidade.

A audácia perante o perigo, o espírito de sacrifício, a coragem, a doação altruista, a abnegação, o heroísmo... são virtudes bem presentes, como ts mais puros sentimentos dos bombeiros. E aqui, a instituição carrega uma boa parte da formação moral dos seus quadros.

De entre tantos relatos que poderiam ser evocados, aqui deixamos um, — e, por certo, basta — que consta da acta de 4 de Agosto de 1926:

« A Direcção tomou conhecimento dos factos ocorridos no lamentável incêndio que, na madrugada de 1 do corrente, se manifestou num prédio sito na rua de S. Roque, n.º 20, pertença dos herdeiros de José Maria dos Santos Freire, e que custou a vida a 3 pessoas. O inquilino deste prédio exercendo a profissão de pirotécnico tinha, clandestinamente, armazenado grande quantidade de fogo de artifício, entre êle algum fabricado com dinamite, no pavimento inferior do edifício. Em consequência duma sucessão de violentas explosões daquele terrível explosivo, o incêndio tomou proporções as mais assustadoras, e a breve trecho seguiu-se a derrocada, tremenda, catas-

trófica, trágica». Pelo que, de imediato se comprovavam a morte de Carlos Simões Freire e de sua mãe, Ana Batista Freire, horrorosamente carbonizados e que, no rescaldo, foram conduzidos, logo que possível, para a casa mortuária do cemitério. Mas, entretanto, uma terceira pessoa, «*Flávia dos Santos Freire, desvairada, louca, entre chammas que ameaçavam devorá-la pedia, debaixo dos escombros, após a derrocada, em lancinantes gritos de alma torturada que a salvassem. Um denodado bombeiro desta Associação Mário de Sousa Marques, num grande gesto de heroísmo e abnegação, sem respeito algum pelo perigo, corre a salvar a desventurada mulher que se debatia com a morte. Conduzida ainda com vida ao hospital, agonizara pelas 8 horas da manhã, em resultado das queimaduras que havia recebido*».

Por este gesto, que impressiona e arrepia e é do mais sublime na doação ao homem como irmão, a Direcção resolveu lançar em acta um voto de louvor «*pela decisão, sangue frio e espírito de sacrifício que (o citado bombeiro) demonstrou no referido incêndio, trepando à fronteira já derrocada, donde partiam gritos de mulher, e arrancou das chammas a infeliz Flávia dos Santos Freire, com iminente risco da sua própria vida, pois que em seguida a este arrojado feito se deram consecutivas explosões, dando assim um belo exemplo das mais sublimes*

virtudes da Humanidade».

(Registe-se, por curiosidade, que neste incêndio, para além da acção de relevo da Companhia, muito ajudou uma nova «moto-bomba» marca DELAYER, que trabalhou sem interrupção quatro horas e meia, facto que constitui grande satisfação para a Companhia. Esta bomba era puxada por bombeiros e populares, numa carreta).

5) ... Até à cedência do seu quartel:

E este é um aspecto a relevar, quando as próprias instalações, face ao perigo público, se colocam, primeiramente, ao serviço dos outros, desprotegidos e atingidos na doença e na desgraça. Uma só referência, a título exemplificativo. Em 20 de Novembro de 1918, perante uma situação de epidemia que trouxe o pânico à cidade e à região, e quando muitos queriam estar o mais possível defendidos dos contágios, a Corporação foi convidada, pelo Governador Civil, para uma reunião em que era urgente tomar «medidas profiláticas contra a epidemia actual», face à sobrecarga de outras instituições mais vocacionadas para este tipo de assistência e por ser imperioso encontrar lugar seguro para albergar os contagiados (e foi grande o número de mortos na nossa região), foi feito «em nome desta Associação o oferecimento do seu edifício para alojamento de doentes atacados da mesma, sendo este oferecimento aceite».

Em suma: os objectivos fundamentais da Associação Humanitária estavam bem enraizados e cada vez mais alargados no espírito dos aveirenses que se habituavam a ver nos «Bombeiros Velhos» uma generosidade sem limites, no apoio dos infortúnios, sempre prontos a acudir ao sinal de perigo, quando outros meios se apresentavam incapazes de os enfrentar.

Não surpreende, pois, que tantos os diversos órgãos do poder local tenham sabido reconhecer de muitas formas esta dedicação altruísta, como também o próprio poder Central, quando, em 1929, foi comunicado que o Governo da República tinha concedido esta Associação com a Comenda da Ordem de Benemerência, «penos relevantes serviços que esta tem prestado à causa da Humanidade». (10)

E ao atingir-se a festa dos seus cinquenta anos de vida — AS BODAS DE OURO — mais uma vez se testemunhou essa gratidão. Não só pelas festas, pelas sessões públicas, com ilustres oradores, «deslumbrantes iluminações eléctricas e veneziana», bandas de música, etc, etc, para terminar o arraial com «grandioso bouquet de fogo» oferecido por um categorizado industrial aveirense, mas sobretudo, porque foi «a Medalha da Cidade oferecida por subscrição pública» e ainda — e mais uma vez — o Governo reconheceu, a 10 de Agosto, a

Associação «sob proposta do Ministro das Finanças e da Instrução Pública (...) como instituição de utilidade pública». (11)

Era o coroar de uma grande jornada de alegria da família dos Voluntários «Bombeiros Velhos», ao celebrarem Tom entusiasmo meio século de vida!

II — DAS BODAS DE OURO ÀS BODAS DE DIAMANTE

A partir de 1932 e até às celebrações dos 75 anos de vida da Corporação (1957), dir-se-ia que tudo foi decorrendo naturalmente, dentro dos princípios gerais que deram forma à Associação Humanitária.

Dificuldades, porém, sempre as houve. Elas, no entanto, podiam resumir-se essencialmente em exigências de material que pudessem tornar a acção dos «Bombeiros Velhos» mais rápida e mais eficiente, em cada caso, para o que se esperava, dia a dia, pelas grandes ofertas, generosas, minimamente correspondentes à generosidade tantas vezes demonstrada pelos «soldados da paz» desta Corporação.

Todos sabiam, pela experiência acumulada, que as celebrações festivas eram motivo mais propício para lembrar carências e, certamente, para concretizar sonhos.

Assim, ainda em Outubro de 1932 foi adquirida uma nova viatura pronto-socorro e, em 1938, a Associação recebeu uma auto-ambulância para transportes de feridos. Mas havia muito outro

material que urgia substituir...

E quando, em 16 de Outubro de 1942, eclodiu o violentíssimo incêndio no palácio do Governo Civil que movimentou todos os esforços do Voluntariado Aveirense e outros que acorreram, constatou-se melhor ainda quantas as limitações dos Bombeiros, face aos grandes incêndios, não obstante a exemplar dedicação posta no combate ao sinistro.

Talvez por isto, talvez por muitas outras razões que se podem interligar com solidariedade pregada nos últimos anos da segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, os anos que se seguiram a 1945 e, em particular, até 1952, foram um período de notável esforço em duas frentes:

1) Segurança para todos os elementos do Corpo Activo

Contra acidentes (o que aliás, ficou garantido pela Câmara Municipal) e reorganização da velha «Caixa de Seguros», no sentido de auxiliar pecuniariamente os bombeiros e, bem assim, garantir a assistência médica e medicamentosa deles na doença, mesmo quando fora de serviço.

2) Apetrechamento da Corporação:

Neste sentido, se adquiriu «uma agulheta de espuma e respectiva carga, para incêndios de gasolina, óleos e aguarrás; modernizou os pronto-socorros,

blindando um deles; comprou uma moderníssima e potente moto-bomba Escol; renovou todos os fardamentos; criou uma escola de aspirantes», (12) etc, ... A fechar o ano de 1952, uma extraordinária festa de Natal para as crianças pobres, que deu brado na época e teve a adesão de todas as forças vivas de Aveiro.

Mas, entretanto, novas viaturas foram gentilmente oferecidas, bem como material diverso, ora por iniciativa do Governo Civil e Câmara Municipal, ora pela dedicação particular e anónima dos aveirenses. Uma vez por doações directas, como em muitas actas consta, através de testamentos e de ofertas pessoais; outras como subsídios para se comprometerem no abrilhantar de festejos que a Câmara organizava, como por exemplo, quando, na acta de 16 de Abril de 1954, se refere que «a Câmara Municipal de Aveiro concorria com a importância de oito mil escudos para os cofres desta Associação, importância que se destinava a pagar o custo do carro alegórico que esta Associação pretendia apresentar no Cortejo das Festas da Cidade».

Em outros casos, são os próprios elementos da Corporação que organizam festejos, bailes, quermesses, peditórios... para concretizar necessidades. Neste período recorre-se muito à animação do Parque, «cuja autorização nos foi concedida pela Excelentíssima Câmara desde

que sejam montados stands compatíveis com o local (...) ficou resolvido que os festejos sejam efectuados aos Domingos, quintas e sábados», (13) com bandas de música e participação das principais senhoras da sociedade aveirense.

Mas, à medida que se aproximava a festa das Bodas de Diamante, um novo ânimo transbordava da documentação da Associação, como uma meta importante a atingir e que, por isso mesmo, devia ser condignamente celebrada. Muitos se prontificaram a dar o seu melhor, contribuindo de formas diferentes. Era grande o entusiasmo. Novos e velhos, sem reservas, quiseram estar na primeira linha, renovando os juramentos que outros membros da mesma «família» haviam feito, em 1882. Quando foi pedida a participação ao Dr. Alberto Souto, que a esta causa havia dado uma boa parte do seu saber e dedicação, a resposta foi pronta e galvanizante: «Dar-lhes-ei aquilo que os meus cabelos brancos e os anos já me dão: a experiência, a calma e a boa vontade». (14)

Ao celebrar os 75 anos de benemerência, de bravura e de altruísmo, não se distinguiram pessoas individualmente, ainda que algumas tenham sido agraciadas. Foi mais a colectiva acção da Companhia do que os actos pessoais que estiveram nessa homenagem. E foram, efectivamente, festejos de qualidade aqueles que a cidade viveu. Os jornais da época, mais

do que as actas da Corporação, (estas são normalmente simples e quase só referindo questões de administração) teceram-lhes os elogios mais rasgados, exaltando sempre as virtudes humanitárias e o voluntariado que caracteriza a Associação. Mas, se grandes festejos houve, ficaram a dever-se a um numeroso grupo de dedicadíssimos aveirenses que, constituídos em comissão, não quiseram que o 75.º aniversário da Obra dos homens bons de 1882 passasse apagado e que não se poupavam a esforços para que os festejos se revestissem de inusitado brilhantismo». (15)

Enquanto isto, os Bombeiros Velhos, em acta de 2 de Março de 1957, apreciavam a maneira como as celebrações das Bodas de Diamante decorreram, «verificando-se que não houve a mínima dissidência, tendo corrido tudo com a melhor ordem, correcção e compostura em todos os números que foram levados a efeito. Por esta razão, ficou resolvido manifestar a todas as comissões constituídas, os nossos mais sinceros agradecimentos, pois as festas tiveram um grande brilhantismo que dignificou esta Associação».

Então, era a Corporação constituída por 36 Bombeiros, extraordinariamente dedicados membros desta família altruísta e voluntária. O material, esse era escasso para as exigências e, em geral, em condições que pouco dignificavam a «velha» associação.

III — O SONHO DO CENTENÁRIO

Ao entrar no seu quarto quartel de vida, dir-se-ia que um sópro anímico agitou a Corporação.

Eleito presidente da Direcção o sr. capitão Firmino da Silva, homem de grande experiência no Comando de forças paramilitarizadas, dada a sua categoria de antigo comandante da P.S.P. em Aveiro, e que, a esta, junta outras qualidades pessoais, chamou a si uma equipa, de acção renovadora e, a pouco e pouco, os resultados eram visíveis.

Diversas viaturas vieram enriquecer o património da Companhia, enquanto outras condições de atracção eram oferecidas dentro e fora do quartel, para além do recrutamento que, gradualmente, se vai alargando aos subúrbios de Aveiro.

Ao festejar os 82 anos de existência da Corporação, Firmino da Silva pedia, ainda, conforme o semanário aveirense Litoral, de 1 de Dezembro de 1964, «um moderno pronto-socorro-nevoeiro (...) destinado a substituir uma velha viatura, que conta já 32 anos de serviço», pedido este que viu concretização, no ano seguinte.

Quando abandonou a Direcção, por entender ter cumprido o programa que se propunha, a obra continuou com o Eng.º Branco Lopes, que se manteve por quase dezena e meia de anos (até 1981) na presidência

da Direcção.

Facto relevante do meado deste período, foi o XIX Congresso dos Bombeiros Portugueses, com um vasto programa, bem gizado e melhor cumprido, que colocou Aveiro no Centro do Voluntariado Nacional e de que saíram importantes conclusões para as dezenas de corporações representadas e outras que dele vieram a beneficiar. Esse sucesso que foi uma «jornada magnífica de convivência, camaradagem e de boa e construtiva discussão de teses», (16) desenvolveu-se de 9 a 13 de Setembro de 1970, e nele foram apresentadas dezassete teses, com a participação de diversas centenas de congressistas.

A Associação agigantou-se no meio aveirense, com reconhecimento Nacional. A sua acção era cada vez mais solicitada para diversas ocorrências, pelas congéneres concelhias, quando estas constatavam as suas carências de meios humanos e técnicos. Mas, para isso, foi necessário um grande esforço de operacionalidade, com máquinas e viaturas especificamente adequadas à particularidade da situação. A todo o momento, as provas surgiam...

Entre outras, na cidade, em 1965, a 10 de Junho, a cidade assustou-se quando deflagrou um incêndio na sede do Beira-Mar. Os bombeiros acorreram, imediatamente como sempre, e, com a ajuda de outros, salvou-se o mais importante. A sede sobreviveu (era no edifício da

Capitania do Porto de Aveiro), pois conseguiu-se impedir que o fogo se propagasse às casas vizinhas, sobretudo à Garagem Trindade.

E, a 18 de Outubro de 1972, nova e dura prova no incêndio da Firma «Tonelux», com material eléctrico e afim, como discos e plásticos. Pelas suas características, até então, nunca os Bombeiros Velhos tinham entrado no combate a sinistro do género. Mas a experiência ficou e os apetrechamentos foram sendo exigidos.

No ano seguinte, a 9 de Dezembro, foi o grande incêndio do Quartel de Infantaria n.º 10, constatando-se mais uma vez, a urgência de material adequado.

Nos arredores de Aveiro, o incêndio de maiores proporções, neste período, foi já ao aproximarem-se as festas do Centenário. Ocorreu a 23 de Janeiro de 1982, na Cerâmica de Quintás. O fogo via-se a léguas de distância e lavrou durante algumas horas (de cerca das 19,30 até quase à meia-noite), num edifício amplo, levantado originariamente, cerca de 1910-12. Era um autêntico braseiro, em que os pisos de madeira muito contribuíram para impedir um combate mais eficaz. Lá estiveram, com outros, os Bombeiros Velhos.

Mas a tragédia não tem lugar nem hora. Fora da cidade e do concelho, referem-se, apenas o incêndio grave, que aconteceu num auto-tanque de transporte de combustível, à entrada de

Salreu, com sacrifício de vidas e que podia ter sido uma catástrofe, tanto mais que a força de fôgo atingiu casas do local; e o desastre que ocorreu à entrada de Oliveira de Azeméis, na ponte de Silvares, caindo um autocarro de 15 metros de altura, carregado de emigrantes, de que resultaram várias mortes. Não têm conta os apelos e as participações dos Bombeiros, a cada hora aptos para acudir aos aflitos, onde quer que estejam. É, todavia, no verão que maiores cuidados e desgastes se vivem na Companhia. As imprevidências e o calor próprio da estação ajudam. Aveiro vê-se sobrecarregado de tráfego, tanto de naturais como de estrangeiros. Os problemas avolumam-se e, entre eles, são os incêndios das matas os que trazem os maiores problemas, em regra, pois não se adivinha a amplitude nem é fácil encontrar rapidamente os meios eficazes para o combate.

Assim, por exemplo, foi o que aconteceu em 18 de Agosto de 1969, quando a Serra do Carapalho se tornou num autêntico inferno, com vários focos de um incêndio pavoroso que pôs em pânico várias aldeias da serra e a própria vila de Águeda, conforme relatam os jornais da época. E, a 19 de Agosto de 1972, era a vez (mais uma...) do Vale do Vouga, cuja beleza se tornou, em poucos dias, em espectáculo de desolação e pobreza. Durante dias a fio se viveram angústias que jamais se esquecerão,

com evacuações e haveres perdidos, em localidades diferentes.

Nestes, como noutros grandes fogos, a atitude dos Bombeiros Velhos foi o sempre presente, até ao limite das forças e dos meios técnicos. E, quando estas gentes optaram pelo regresso e reconstrução da sua vida, a Associação continuou a sua obra. Houve campanhas de angariação de fundos para as vítimas (17) e até, dada a violência do sinistro e danos causados, vários clubes desportivos se ofereceram para, generosamente, contribuirem nessa angariação de fundos.

Quanto fogos, porém, se não verificaram nas matas da região de Aveiro, particularmente nos últimos dez anos..., dos quais, em muitos dos casos, nem registos ficaram nos livros oficiais da Corporação, mesmo que a intervenção tenha sido de total empenhamento? É que os soldados da paz não esperam que a «História» fale deles, não «actuam» para ela. Agem, por vontade de servir.

Precisam, em entanto, de material, cada vez mais moderno, sempre pronto a entrar em acção, para o bem de todos. Como angariar fundos necessários?

Normalmente, pelas formas tradicionais dos peditórios na via pública ou porta-a-porta, nos bailes e festas organizados com esse objectivo, nas cunhagens comemorativas... nos testamentos e doações, tais como: «o total de cento e trinta e oito mil

seiscentos e setenta e cinco escudos e trinta centavos, a que esta Associação tem direito por deixa testamentária do senhor António Rocha» (18), etc.

Entretanto, também o Governo Civil e a Câmara de Aveiro, o Serviço Nacional de Bombeiros e o próprio Ministério da Administração Interna vão dando a sua preciosa colaboração. Não para tudo o que se precisava, mas para o absolutamente indispensável, reconhecendo tratar-se, de facto, de um serviço da maior valia para a comunidade.

Em todo o caso, quantas vezes, também, se não ficam pelas palavras elogiosas, pelas promessas adiadas, pela simples garantia de que para o ano que vem há-de ser melhor... como se lê na acta de 14 de Julho de 1978: — «O Senhor Ministro da Administração Interna deu a entender que em mil novecentos e setenta e nove a vida das Associações de Bombeiros será mais desafogada e livre das preocupações que até hoje têm tido»?!

Por esta altura, já os grandes projectos com vista à celebração das festas do Centenário andavam na mente dos responsáveis pelos destinos da Corporação. As actas vão dando conta dessa grande meta a atingir. E a festa trazia em si um velho sonho — um novo quartel. Os contactos decorriam, as promessas também e a esperança era cada vez maior.

Por isso, todas as compras, necessidades e obras se iam

limitando «ao essencial e sempre com olhos postos na construção do novo quartel, que muito desejaríamos ver inaugurado nas celebrações do nosso Centenário» (19). O local fora escolhido entre as hipóteses possíveis e tudo apontava, então, para que se erguesse junto à Igreja das Carmelitas.

Cedo, porém, houve que pensar noutro local, pesando no facto, para além de outras razões, a operacionalidade e os espaços disponíveis. Tudo parecia correr bem para a grande festa. Em 1979, quando foi dado «conhecer o desenho do novo Quartel, o qual impressionou todos os presentes», (20) ainda se acreditava no milagre.

Em cada ano que passava, em cada mês, com pedidos para o «seu» Quartel, o programa do Centenário, se foi gizando, com mais reuniões (mais actas), mais empenhamento.

E 1982 estava à porta, finalmente. A acta de 22 de Janeiro deste ano traduz o sentir geral da Corporação, em relação ao que se esperava: «um ano de trabalho, ano de alegria, mas não tantas quantas as que se esperavam e isso porque foi sonho de todos a inauguração do novo Quartel».

Era a constatação da realidade. A batalha perdida... mas não a guerra. Assinaram essa acta Joaquim Arnaldo da Silva Mendonça e Augusto Correia Chaireira.

As festas do Centenário foram incorporadas nas «Festas

da Cidade», mas o dia de maior relevo ficou para 16 de Maio, dia dos antigos padroeiros de Aveiro. Para evocar a efeméride, para além de discursos e festejos múltiplos e de garantida a visita do Ministro da Administração Interna, (como refere a acta), pensou-se na «confeção de pratos e azulejos comemorativos, confeccionados pelas Fábricas da Vista Alegre. Igualmente se confirmou a confeção de Medalhas, Emblemas e auto-colantes».

A festa não foi ruidosa, mas foi condigna. Os órgãos de informação renderam à Associação Humanitária as mais justas homenagens, os poderes públicos renovaram o reconhecimento de todos, ao longo da sua existência, a população, em geral, irmanada com seus filhos, pais, irmãos, maridos, ..., demonstrou quanto apreço tem pela obra dos Bombeiros Velhos...

E a bola de neve, que era o sonho do Quartel, continua a rolar até que os Bombeiros Velhos ganhem a sua «guerra».

Aos cem anos, os Bombeiros Velhos contavam, no activo, com 83 bombeiros, 6 ambulâncias, 1 auto-sapador ligeiro, 3 viaturas de apoio com extintor rebocável, de pó químico, 1 lancha para salvamentos, 1 viatura para transporte do pessoal, 3 prontossocorros ligeiros, 3 auto-tanques e 1 auto-escada.

Aos cem anos, os Bombeiros Velhos são, acima de tudo, uma grande família que grangeou prestígio entre a família do Vo-

luntariado, anonimamente, pelo seu desejo de servir, e tem merecido, de todos, uma confiança sem limites.

Os princípios são os mesmos e continuarão eternamente válidos. A obra desenvolvida mostra, sem reservas, o quanto tem sido dado em troca do quão pouco recebido. Ficará para sempre a dívida da nossa gratidão!

E a certeza de que a Associação Humanitária dos Bombeiros Velhos é, ao fazer o seu Centenário, tão jovem e entusiasmada como quando nasceu.

Cem anos depois, em espírito, 1982 como em 1882!



1982

O ano do Centenário

Quantos homens, que passaram por esta velha CASA, gostariam de estar presentes para poderem saborear quanto é belo o resultado das lutas de muitos anos — de gerações que passaram — de avós, pais e filhos. Os primeiros na fundação, os segundos a meio da caminhada e os terceiros na grande meta atingida, os 100 anos.

Aproximava-se o ano de 1982.

Cem anos exigiam dignidade. Assim aconteceu! Os responsáveis pelos destinos da Associação — Direcção, Comando e Comissão Executiva —, num esforço que dignificou o nome dos Bombeiros Velhos, traçaram as linhas de todo o programa, que se estendeu por todo o ano.

Chegou a data que a todos nós dizia muito: «28 de Janeiro de 1982». A Bandeira da Corporação deu início às cerimónias subindo ao mastro central, ladeada pelas da Câmara Municipal de Aveiro e da Federação dos Bombeiros do Distrito de Aveiro.

As honras foram prestadas pelo Corpo de Bombeiros e pela Fanfarra de S. Bernardo.

Sinal da vontade de comunicar, fez-se uma emissão de selos com motivos referentes aos Bombeiros.

Continência ao Bombeiro Voluntário junto ao Monumento.

Em memória de quantos serviram esta Corporação, houve missa de sufrágio, na histórica Igreja de Jesus, celebrada pelo Capelão Padre Manuel



Caetano Fidalgo, e solenizada pelo Coral da Vera-Cruz. Logo após, preto aos mortos, pelo respeito merecido, no silêncio dos cemitérios.

Finalmente, o SONHO DE TANTOS ANOS:

A entrega solene do terreno destinado à construção do novo Quartel, com a presença de Entidades Oficiais.

Estávamos a 16 de Maio, dia do patrono cívico da cidade de Aveiro, José Estêvão Coelho de Magalhães.

Atingia-se o auge das comemorações.

Prestadas as honras às bandeiras, o adro da Sé serviu de palco à benção de várias viaturas. A missa solene foi celebrada por Sua Excelência Reverendíssima, o Bispo de Aveiro.

Entidades Oficiais e convidados visitaram as actuais instalações, bem como o terreno do novo quartel.

A Avenida Dr. Lourenço Peixinho foi cenário de um brilhante desfile de Bombeiros, a que ja-

mais as gentes de Aveiro assistiram.

A sessão solene, no Teatro Aveirense, presidida pelo Ministro da Administração Interna, Eng.º Ângelo Correia, em representação do Primeiro-Ministro, foi solenidade rica de ideais puros, com condecorações a Bombeiros. Mães de jovens bombeiros sobem ao estrado, armando seus filhos bombeiros, fazendo-nos recordar a rainha-mãe.

A Banda Amizade, a Fanfarra de S. Bernardo e o Coral da Sé, deram brilho ao encerramento de todos os actos comemorativos.

Foram muitas as corporações de bombeiros que nos visitaram e honraram.

A hospitalidade foi o timbre dos Bombeiros Velhos, pelo respeito a todos dispensado e brindados que foram com um bebereite servido nas instalações da Metalurgia Casal.

Os cantares de Coimbra, ouvidos no claustro da Igreja da Misericórdia, marcaram uma noite inesquecível. Eram as vozes dos Doutores Alfredo Correia e António Bernardino e as guitarras dos Doutores António Brojo e António Portugal, acompanhados à viola, pelos Doutores Aurélio Reis e Luís Filipe.

Aproximou-se o fim de 1982.

Um imponente Cortejo Etnográfico veio para a rua, contando com o apoio da Câmara Municipal de Aveiro e das Juntas de Freguesias do concelho.

Carros alegóricos do municí-

pio e das freguesias, tricanas, marnotos e salineiras, vestidos a rigor, bandas de música, fanfarras e grupos folclóricos. Milhares de pessoas na Rua — um colorido inesquecível!

Assim, se encerraram as comemorações.

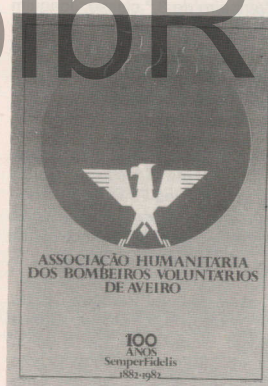
Estiveram dignos os homens que, no centenário desta velha e gloriosa Corporação, a souberam honrar.

A Comissão de Honra era constituída por Sua Excelência

Reverendíssima, o Senhor Bispo de Aveiro, D. Manuel Trindade Salgueiro, e os senhores Governador Civil de Aveiro, Dr. Fernando Raimundo Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Dr. José Girão Pereira, Carlos Aleluia, Eduardo Cerqueira, Dr. Humberto Leitão e Orlando Moreira Trindade.

A Comissão Executiva, por sua vez, integrava todos os elementos da Direcção — Ulisses Rodrigues Pereira (Presidente),

Alfredo do Carmos Trindade (Secretário), Júlio Pereira (Tesoureiro), António Tavares dos Santos e Manuel da Costa Freitas (Vogais) — e Comando — António Manuel Soares Machado (1.º Comandante), Gonçalo Pinto (2.º Comandante) e José Pereira de Carvalho Júnior (Ajudante) — e, ainda, os senhores Dr. Diamantino Manuel dos Reis Dias, Fernando Cabral e João Manuel Carvalho.



Cartazes
Comemorativos do
Centenário, da
autoria do Designer
Jorge Trindade

Corpo activo no Centenário

António Manuel Pinto Soares Machado, 1.º Comandante; Gonçalo Pinto, 2.º Comandante; José Pereira de Carvalho Júnior, Ajudante de Comandante; António Francisco Pereira, Subchefe; Manuel Bastos da Madalena, Subchefe; Álvaro Peixoto de Oliveira, Subchefe; Francisco Rodrigues da Silva, Subchefe; Manuel Ferreira Marques, Bombeiro de 1.ª classe; Pompeu Ferreira da Silva, Bombeiro de 1.ª classe; Luís Alberto Andias Esteves, Bombeiro de 1.ª classe; Paulo Gomes Rodrigues, Bombeiro de 1.ª classe; Fernando Vieira dos Santos, Bombeiro de 1.ª classe; José Fernando Mendes de Oliveira, Bombeiro de 1.ª classe; José Adérito Gomes Rodrigues, Bombeiro de 2.ª classe; António Martins, Bombeiro de 2.ª classe; Carlos Manuel da Rocha Cordeiro, Bombeiro de 2.ª classe; António Manuel da Conceição Marques, Bombeiro de 2.ª classe; Mizaél Júlio Marques de Carvalho, Bombeiro de 2.ª classe; Gilberto Branco Simões, Bombeiro de 2.ª classe; Benvindo da Silva Pitarna, Bombeiro de 2.ª classe; Albertino Pereira, Bombeiro de 3.ª classe; João Maria Simões da Silva, Bombeiro de 3.ª classe; José Dinis Marques da Costa, Bombeiro de 3.ª classe; Manuel Fernando Santos Martinho, Bombeiro de 3.ª classe; João de Jesus Barbosa, Bombeiro de 3.ª classe; António Simões Silva Freire, Bombeiro de 3.ª classe; João Fernando Ferreira de Almeida, Bombeiro de 3.ª classe;

Manuel de Carvalho Freire, Bombeiro de 3.ª classe; José de Almeida, Bombeiro de 3.ª classe; João Manuel Roque Andias, Bombeiro de 3.ª classe; Luís Alberto Martins Figueiredo, Bombeiro de 3.ª classe; Jorge Manuel Moreira da Silva Gomes, Bombeiro de 3.ª classe; Benjamim Valdemar Marinho Cruz, Bombeiro de 3.ª classe; José Manuel da Silva Calisto, Bombeiro de 3.ª classe; José Carlos Ferreira Santos Nobre, Bombeiro de 3.ª classe; Joaquim José da Conceição Marques, Bombeiro de 3.ª classe; Pedro Eduardo Branco Simões, Bombeiro de 3.ª classe.

António José Gomes Rodrigues, Bombeiro de 3.ª classe; Carlos Alberto da Costa Graça, Bombeiro de 3.ª classe; Carlos Alberto Andias Esteves, Bombeiro de 3.ª classe; José António Ferreira Martins, Bombeiro de 3.ª classe; António Fernando S. Sousa Melo, Bombeiro de 3.ª classe; Manuel Barbosa Duarte, Bombeiro de 3.ª classe; Manuel Alves Simaria, Bombeiro de 3.ª classe; Manuel da Costa Duarte, Bombeiro de 3.ª classe; Emanuel Barbosa de Sá, Bombeiro de 3.ª classe; Jaime Simões da Silva Freire, Bombeiro de 3.ª classe; Carlos Manuel Oliveira Pimentel, Bombeiro de 3.ª classe; Manuel Ramos de Campos, Bombeiro de 3.ª classe; António Manuel Rodrigues Lima, Bombeiro de 3.ª classe; António Manuel Gomes Simões, Socorrista; Joaquim Augusto da Silva Castro, Socorrista; Álvaro Jorge

dos Santos Fontora, Motorista; Fernando Correia, Motorista; Luís Filipe Centeio Alves Moreira, Motorista; João Fernando Fernandes dos Santos, Motorista; Joaquim José Pinto Salafraça de Almeida, Motorista; Carlos Manuel Faria Almeida e Silva, Motorista; Aurélio Soares Ambrósio de Paiva, Motorista.

«QUADRO HONORÁRIO»

José Rodrigues Vieira, Motorista; Manuel da Costa Freitas, Ajudante de Comandante; Manuel Mieiro da Fonseca, Bombeiro de 2.ª classe; José Maria Matos da Silva, Bombeiro de 3.ª classe; António Augusto da Silva Soares, Bombeiro de 3.ª classe; João Manuel Ferreira Lopes, Bombeiro de 3.ª classe; António José da Costa Duarte, Bombeiro de 3.ª classe; Vítor Manuel Pinho dos Santos, Bombeiro de 3.ª classe; Hernâni Manuel Pinho dos Santos, Bombeiro de 3.ª classe; Humberto Ferreira Andias, Bombeiro de 3.ª classe; António Simões Lima da Silva, Bombeiro de 3.ª classe.

«QUADRO AUXILIAR»

Augusto Correia Charneira, Motorista; António de Oliveira Charneira, Motorista; Jeremias Ratola Soares da Costa, Motorista; Manuel Rodrigues Vieira, Electricista; Manuel Augusto Gonçalves, Socorrista; António Manuel Almeida Santos, Motorista; Alberto Jacinto Ramalho Oliveira, Enfermeiro; António Pires de Castro, Ajudante de elec-

tricista; Manuel Fernando Vinagre Augusto, Motorista; Jorge Jesus Martins Osório, Motorista; José Jesus Silva, Motorista; Manuel Gonçalves Pereira, Motorista; Manuel Rodrigues Gonçalves, Motorista; Domingos Soares da Silva, Motorista; José Manuel Trilho Augusto, Socorrista; Vítor Carlos Pinto Moraes, Socorrista.

«VIATURAS E EQUIPAMENTO NO CENTENÁRIO»

- 1 — Carro de Comando, com o nome de MARIA ISABEL DA SILVA PEDROSA;
- 1 — Carro de Apoio, com o nome de SATELAUTO
- 1 — Extintor de Pó Químico (500 Kg.)
- 1 — Lancha para salvamentos
- 1 — Auto-Sapador ligeiro (Socorro na Estrada), nome de CÂMARA MUNICIPAL de AVEIRO
- 1 — Pronto-Socorro Todo o Terreno, com o nome de COMANDANTE GONÇALO PINTO
- 1 — Pronto-Socorro ligeiro, primeira intervenção, nome de S. MARÇAL
- 1 — Pronto-Socorro ligeiro, primeira intervenção, nome de DR. MANUEL LOUSADA
- 1 — Auto-Tanque médio (3.500 l.), nome COMT. CARLOS ALBERTO MACHADO
- 1 — Auto-Tanque pesado (7.500 l.), nome de CIDADE DE VISEU
- 1 — Auto-Tanque pesado (9.000 l.), nome ENG.º ALBERTO BRANCO LOPES

1 — Auto-Escada (25m), nome CIDADE DE AVEIRO

1 — Ambulância, nome MANUEL MARQUES PEDROSA

1 — Ambulância, nome de ENG.º JOAQUIM ARNALDO DA SILVA MENDONÇA

1 — Ambulância, nome de Dr. ARTUR ALVES MOREIRA

1 — Ambulância, nome de dr. JOSÉ GIRÃO PEREIRA

1 — Ambulância, nome de SANTA JOANA PRINCESA

1 — Auto-Maca «S.N.A.» — SERVIÇO NACIONAL DE EMERGÊNCIA (115).



Memorar

Completados os 75 anos, nova fase se inicia na vida da Associação.

A Direcção presidida pelo Capitão Firmino da Silva, homem de grande prestígio, antigo Comandante da Polícia de Segurança Pública em Aveiro, de oratória brilhante, consegue formar um elenco directivo que foi digno de uma PLACA DE HONRA gravada a letras douradas, que é a única afixada no Salão Nobre da Associação.

A Corporação tinha vivido muitos anos de grandes dificuldades, sem ajudas de entidades oficiais ou particulares. Com ele, eis que se deu o milagre. Havia apenas dois velhos carros de fogo descobertos — «Comandante Firmino Fernandes» e «Comandante Firmino Costa» — e duas ambulâncias: «Dr. Nascimento Leitão» e «Coronel Dias, Leite».

Do corpo activo faziam parte apenas 36 homens.

Em poucos anos, chegaram a esta casa um pronto-socorro ligeiro, ao qual foi dado o nome de «EGAS SALGUEIRO» (então Presidente da Assembleia-Geral), uma ambulância, que teve como padrinho o Dr. Vale Guimarães (que havia sido Governador Civil), e, pouco depois, um pronto-socorro de neveiro, que, na época, era considerado do melhor que havia, que o então Governador Civil, Dr. Lousada, teve a honra de apadrinhar em sessão pública.

Havia dificuldade no recrutamento de jovens da cidade, o

que obrigou os bombeiros a fazê-lo, a convite, em localidades mais distantes. Surgiram, porém, dificuldades em momentos de alarme, sobretudo de noite.

Em 28 de Janeiro de 1960 inaugurou-se uma camarata para pessoal de serviço nocturno, e constituiu-se um piquete de fogo formado por oito homens, sistema esse que se vem mantendo.

Foram dez anos de progresso em que homens de puro ideal voluntário deram o seu melhor a esta Associação. Foram eles, o capitão Firmino da Silva, João Salgueiro, Severiano Pereira, Décio Ala Cerqueira e Manuel da Costa Freitas.

Era Comandante o averseense Albano Henriques Pereira, homem que fez parte da mesa da Assembleia-Geral, durante muitos anos.

Foi num jantar de aniversário que o presidente da Direcção, quando mostrava o poder da sua palavra, anunciou a intenção de se retirar, por ter cumprido o programa traçado, e, olhando a mesa dos convidados, apontou com o seu dedo de mestre e disse: «nunca me engano, está ali o homem que vai ser um grande Presidente da Direcção, o Sr. Engenheiro Branco Lopes». A assistência aplaudiu de pé, vindo, de facto, a confirmar a escolha em Assembleia Geral.

Estávamos em 1967: surgiu o mestre que, durante 14 anos, deu o melhor da sua inteligência e saber à causa do voluntariado,

ultrapassando as fronteiras deste quartel de bombeiros, projectando-se a nível nacional. Foi na administração do engenheiro Branco Lopes — que teve como 1.º Comandante Albano Henriques Pereira e, depois, Carlos Alberto Soares Machado, seguido do Engenheiro Joaquim Arnaldo da Silva Mendonça e, por fim, António Manuel Pinto Soares Machado, — que esta Corporação teve intervenções dignas de referência.

No Congresso 70, a pioneira Federação dos Bombeiros do Distrito de Aveiro (B.D.A.) marca presença digna a nível nacional. Os Bombeiros Velhos, na pessoa do seu Presidente, tomaram parte activa — de alto relevo, diga-se!

Sexta-feira, 19 de Abril de 1968, dia de instrução, 20,20 horas.

Programada a instrução dessa noite, entendeu-se que a MANGA DE SALVAÇÃO era o tema.

Chefiava a instrução o bombeiro Carvalho Júnior que, colocado na varanda do 2.º andar, explicou os pormenores. Assim, começou a descida dos salvados (bombeiros). Desceram cinco homens. Foi diferente com o sexto, de nome Francisco Silva, por se ter rompido a referência MANGA, à altura de sete metros, na vertical. O instrutor correu e conseguiu apanhá-lo nos braços. Dado o peso do homem e a velocidade na queda, a perna direita aguentou mas... com várias fracturas.

Caso curioso, para espanto de todos, o bombeiro que caiu partiu apenas o pulso direito.

Foram os dois para a Casa de Saúde da Vera-Cruz com um sofrimento que a todos impressionou. O bombeiro Carvalho Júnior seria condecorado com a Medalha de Salvamento «de ouro de 3 Estrelas, conferida pela Liga dos Bombeiros Portugueses».

Ao princípio da madrugada do dia 9 de Dezembro de 1973, recebemos uma comunicação do Regimento de Infantaria n.º 10, situado na Rua de Castro Matoso, alertando os bombeiros que na ala esquerda, lado Sul, (Avenida Araújo e Silva) havia um pequeno incêndio, que o pessoal militar de serviço estaria a procurar resolver.

Era uma recomendação feita para que os bombeiros se preparassem para avançar à segunda chamada.

Momentos passados gritam: «Venham depressa!»

Pessoal preparado, saída imediata, primeira intervenção e pedido de ajuda a várias corporações vizinhas — tudo num ápice!

Dada a configuração do edifício, os bombeiros sentiram-se impotentes por não haver, na altura, meios para poderem chegar ao telhado. Em cerca de 45 minutos o fogo deu a volta ao telhado. Edifício muito antigo, pô de muitos anos que se torna pólvora e toda a espécie de dificuldades, incluindo a falta de

pressão nas bocas de incêndio, pelo que houve necessidade de ir buscar água ao Lago do Parque através de moto-bombas. Com todas estas dificuldades, sentiram-se os bombeiros satisfeitos, pois só ardeu o telhado do prédio, que era de configuração quadrada, com pátios interiores. Sentiu-se, na altura, a falta de uma auto-escada. Com as tradicionais escadas de lança não foi possível atingir o telhado, mas procurou-se evitar que o fogo atingisse o sobrado do primeiro andar. Também não chegaram a arder as janelas do primeiro andar nem as cortinas do Gabinete do Comando.

Apesar da grande superfície de construção e da dificuldade de penetração do pessoal, o fogo só atingiu o rés-do-chão, no centro do Quartel.

O rescaldo prolongou-se por todo o dia e noite.

Existia, nos Bombeiros Velhos, uma escada de madeira adquirida nos anos 20, assente em duas rodas grandes e uma pequena para mudar de direcção, (a que vulgarmente se chamava escada Magirus), que foi usada durante muitos anos, para receber visitantes ilustres ou para dar beleza a corções que passavam à Rua Coimbra (Ladeira da Costeira).

Contam os mais velhos, que a escada chegou, pelo caminho de ferro, à Estação de Aveiro. Uma equipa de poucos bombeiros deslocou-se, com uma pequena carreta de duas rodas, à

estação para a transportar até ao quartel. Mas, qual não foi seu espanto, quando depararam com um monstro de cerca de 14 metros. O caso ainda hoje é contado e com certa graça.

Estamos em 1973, ano em que veio a Aveiro o Presidente do Conselho de Ministros, professor Dr. Marcelo Caetano e, como sempre, a velha escada (que para fogos pouco servia, mas que prestou para caiação de prédios) é colocada no local do costume.

Por excesso de inclinação e com três bombeiros em cima, para lançamento de flores, a escada tombou roçando pela parede do prédio em frente. Resultado: ferimentos ligeiros e a estrada coberta de serradura carunchosa da velha madeira. Isto a 10 minutos da passagem do cortejo automóvel!

A imprudência no trabalho levou, com frequência, à intervenção dos bombeiros. Desta vez foi o salvamento de um jovem de 18 anos, entalado numa máquina de fabrico de PASTA «MADEL» para a construção civil.

O misturador de cimento e palha de madeira foi, inadvertidamente, accionado. A máquina rodou 180° e um dos muitos varões em aço, de 32mm com esfera na ponta, perfurou-lhe o abdómen, ficando o jovem nessa crítica posição à espera de socorro.

Chegada ao local uma ambulância e verificada a impossibilidade de o libertar, pediu-se, ur-

gentíssimo, material adequado para o efeito. O homem, coberto de cimento, gritava: «tirem-me daqui».

Não foi fácil. Foram precisos 45 minutos para o libertar. Utilizaram-se ferramentas hidráulicas, mas não resultou, optando-se pelo corte do varão com um disco-abrasivo, com todas as consequências provocadas pelo calor desenvolvido.

Paralelamente a este trabalho, acção meritória teve o pessoal na organização de meios para a descida do sinistrado, que se encontrava na parte superior da máquina. De tal modo que, quando o sinistrado chegou ao solo, a assistência foi imediata.

Toda esta simultaneidade de acções contribuiu para o bom êxito do salvamento. Finda a intervenção, gerou-se em todos nós um choque emocional, ao olharmos o infeliz, que estava despido, em cima da maca e com um varão espetado no corpo.

Sem dúvida comovidos, mas felizes também, por termos salvo um homem.

O pessoal dos Bombeiros foi visitá-lo várias vezes ao Hospital.

Um lamento: Era nossa intenção levar esse jovem ao nosso Quartel com o intuito de o abraçarmos. Para isso foi convidado, mas não compareceu, o que nos causou bastante mágoa.

O tempo passou e ainda hoje não temos a satisfação de o

conhecer!

Emigração significa saudade. Natal lembra família.

Portugueses vindos da Alemanha, em vésperas de Natal, tiveram um acidente. Alguns encontraram a morte e outros ferimentos graves, numa curva seguida de uma ponte, perto de Oliveira de Azeméis, num lugar chamado Silvares.

O autocarro, conduzido por um motorista alemão, teve necessidade de travar para não abalroar uma furgoneta e o despiste foi fatal. Junto à ponte, uma queda pelo ar, (15 metros), acabou com metade do autocarro mergulhado no caudal do rio que levava águas barrentas e forte corrente. Lama e chuva, o cenário era de tragédia.

Seriam 7,30 horas. Foram pedidos socorros aos bombeiros locais, mas depararam com um tipo de acidente fora do vulgar. Viviam os bombeiros, nessa época, sem material adequado para esse tipo de acidentes, tal como material hidráulico para desencarceramento. O Comandante de Oliveira de Azeméis sabendo que os Bombeiros Velhos de Aveiro possuíam o referido material, não hesitou a chamá-los.

Nessa manhã de Domingo, 18 de Dezembro de 1981, eram 08,30 horas, quando o pedido de ajuda chegou. Logo o Ajudante do Comando dos Bombeiros Velhos, Carvalho Júnior, fez a mobilização de 7 homens da sua confiança que procuraram chegar o mais depressa possível ao

local.

Durante o trajecto pouco se falou, todos pensávamos: «com várias corporações à sua volta, para chamarem Aveiro a coisa deve ser muito grave». Assim nos interrogávamos!

Várias centenas de pessoas assistiam ao drama. Três corporações estavam presentes.

Em boa hora iniciámos os trabalhos, com a ajuda de outros bombeiros, pois que foram precisas seis horas para retirar daquela amálgama de ferros torcidos, cinco pessoas com vida, terrivelmente massacradas, e sete já mortas. Três desapareceram na forte corrente das águas, já que, a cerca de uns trinta metros, havia uma queda de água.

Mulheres, homens e crianças, completamente entalados, pelo tejadilho da viatura, contra os assentos. Recordar-se uma mãe que deixou morrer o seu bebé, afogado numa poça de sangue, porque tinha os braços presos de tal modo que não pôde virar a cara de lado ao seu filho. E, recorda-se o dilema: deixar morrer um homem para salvar cinco vidas. É um choque tremendo, mas tinha que ser!

O carinho dos bombeiros de Oliveira de Azeméis não nos faltou. Foi a recompensa.

Prontos!!

8 de Maio de 1970. Acidentes não faltam nos bombeiros. Sem gravidade de maior, contudo. Mortes, felizmente, poucas, mas dolorosas. Corre-se sempre esse risco! Quando de regresso ao quartel, ao volante de uma ambulância, o motorista-quarteleiro de então, FRANCISCO SOARES, é atropelado, perto de Estarreja, por uma berma baixa coberta de água, que o faz guinar e bater contra um muro.

Luto nos Bombeiros Velhos. Morreu o XICO!

27 de Dezembro de 1984, dia trágico para os Bombeiros Velhos!

Há um pequeno incêndio, na Costa do Valado, que põe os bombeiros em movimento.

O potente Pronto-Socorro de Neveeiro é deslocado para o local.

Surge o imprevisto, na estrada de S. Bernardo. Depois do tapete betuminoso, uma curva em paralelepípedos, uma travagem forçada é...

Quis o destino que o motorista, António da Conceição Marques, fosse embater na casa do próprio sogro.

Resultado: frente do carro destruída, seguido de incêndio. O infeliz ficou com as pernas entaladas.

Momentos volvidos era um archote humano.

O pânico apoderou-se dos seus companheiros, também feridos.

A cerca de 3 minutos, seguia um auto-tanque. O seu pessoal, informado pelo rádio, já poud pôde fazer. O drama, esse já estava consumado.

Adeus Marques...



Francisco Soares e António Marques
Falecidos ao Serviço da Corporação

Proposta para atribuição da medalha de ouro de duas estrelas, da liga dos Bombeiros Portugueses, ao 1.º Comandante, António Manuel Machado:

«A Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, na sua reunião de 19 de Abril de 1982, deliberou por unanimidade propôr à Liga dos Bombeiros Portugueses a atribuição da medalha de ouro de duas estrelas ao comandante da corporação António Manuel Soares Machado, atendendo:

A que a sua acção atingiu quantitativa e qualitativamente uma expressão que consideramos de excepcional craveira, difícil de atingir em vinte anos de bom e positivo trabalho;

A que a sua dedicação, o seu espírito de iniciativa, a sua acção disciplinada e disciplinadora e a sua capacidade de organização lhe conferem um perfil de comandante de excepção;

A que a sua acção no comando dos Bombeiros Velhos, honrou e dignificou não só a Associação, mas ainda, e também, a organização dos bombeiros portugueses.

Sendo assim, será acto de elementar justiça, neste ano do centenário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, que ao seu comandante António Manuel Soares Machado, seja atribuída a medalha de ouro de duas estrelas da Liga dos Bombeiros Portugueses.

Quartel em Aveiro, aos Dezanove de Abril de 1982.

Ulisses Rodrigues Pereira
Júlio Pereira
Alfredo do Carmo Andrade
Manuel da Costa Freitas
António Tavares dos Santos»

«Uma História por contar...»

Tendo a cidade de Aveiro prestado homenagem aos aviadores franceses que fundaram a BASE NAVAL em S. Jacinto, aquando da 1.ª Grande Guerra (1914/18), quiseram os Bombeiros Velhos associar-se às cerimónias.

Para o efeito, montaram dois CORETOS — um no canto entre os Bombeiros Velhos e a Esquadra da polícia e o outro em frente do Governo Civil. Pela lógica, seria a banda que pertencia à Corporação, Banda Amizade (Música Velha), a tocar no recinto junto ao Quartel.

Aconteceu que o 1.º Comandante e o Chefe dos Bombeiros Velhos, respectivamente, FIRMINO FERNANDES e CARLOS FRANCISCO CARVALHO (O FINÓRIO), colocaram, indevidamente, a

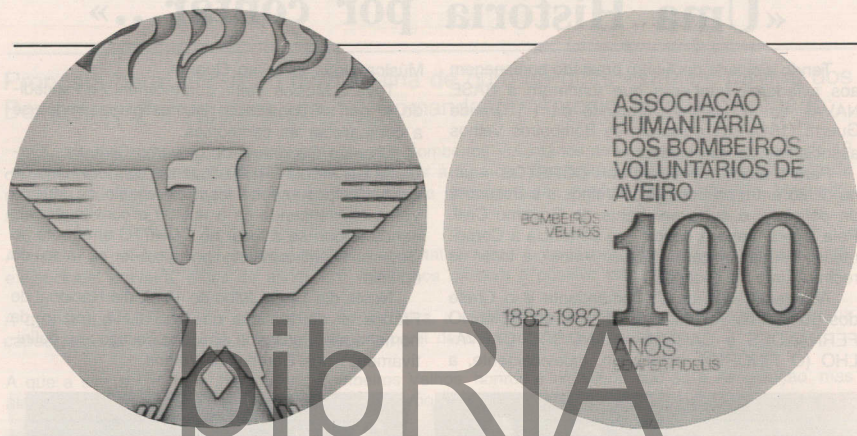
Música Nova junto ao Quartel.

Teve a Música Velha conhecimento do sucedido e, por se considerar desprestigiada, negou-se a comparecer às cerimónias.

O então Secretário do Governo Civil, Dr. JOAQUIM DE MELO FREITAS, tendo conhecimento do caso, deslocou-se ao local de ensaio da Música Velha convencendo-os a aceitar o convite. Mas a banda negou-se a tocar no CORETO em frente ao Governo Civil, optando por fazê-lo no átrio do edifício.

Neste dia 14 de Julho de 1918, dia Nacional de França e da tomada da BASTILHA (razão da homenagem), a Banda Amizade desligou-se definitivamente dos Bombeiros Velhos.





Medalha Comemorativa dos 100 Anos

Autor — Jorge Trindade

Medalha Comemorativa da
Inauguração do Novo Quartel

Projecto: Jorge Trindade — Gesso: José Augusto

De novo parabéns

Diante dos meus olhos, o escrito vetusto, de cinquenta anos atrás — assinado por esse grande aveirense que foi Homem Christo — in «Humanitária», assinalando a efeméride da existência da «Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários.

Mas, hoje como ontem, o prurido volvendo desconforto naqueles que nada intentam e a quem a língua viperina se alonga em esperas impropias, em dias, em anos, em decénios prenes de inutilidade. O exacto oposto molda o espírito do bombeiro voluntário. De facto, nele a espera é promessa, ritual sagrado no qual a vida e os bens de seus semelhantes sem qualquer distinção, representam património que é forçoso preservar de todos os acidentes e, tantas vezes, à custa da própria vida. A entrega a esta cruzada diz bem da

sua índole ímpar saturada de generosidade. Se necessário encontrar a força genética que anima tanta coragem, tanto desinteresse, tanto sacrifício, talvez escolhesse Abel — essa figura emblemática dos prolegómenos bíblicos. E isto porque considerada a primeira vítima do despeito gerado e referendo na alma de Caim que, para desgraça nossa, multiplicou em progressão geométrica a sua descendência estigmatizada, nesta insegura Terra onde vegetamos. Mas, e apesar de tudo, ninguém com dez-réis de discernimento, pode pôr em causa, melhor, não pode deixar de admirar profundamente, a gesta dos homens que, até aos nossos dias, continuaram a obra de que a nossa cidade beneficia há mais de um século. Há mais de um século! Vejam só.

Ronda de saudade

Em 1932, aquando do cinquentenário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, foi resolvido fazer um número único de uma revista a que foi dada o nome de HUMANITÁRIA.

Nela, e na qualidade de Secretário do Conselho Fiscal — cargo que então, exercia — também colaborei escrevendo um artigo em que prestava homenagem ao esforço e dedicação dos componentes da Direcção que, desde 1925, estava à frente dos destinos daquela Associação e, bem assim, aos do Corpo Activo que, em conjunto, conseguiram dar muito maior eficiência àquela Corporação, pela renovação que conseguiram fazer, do material existente, e pela aquisição doutro mais moderno e mais capaz, como foi a moto-bomba empregada pela primeira vez, no incêndio ocorrido em casa de José Maria dos Santos Freire (o Sarralho) onde deu excelentes resultados.

Até à aquisição desta moto-bomba as mangueiras eram alimentadas pelas bombas de picota, manuais, que bombeiros e pessoal, que para tal se oferecia, manejavam agarrados aos dois braços, — onde cabiam e eram necessárias para a manobra, uma dúzia de pessoas que, ao fim de pouco tempo, tinham de ser substituídas, pois o esforço dispendido, era estafante.

E, para chegarem aos locais aonde elas deviam actuar, havia que puxá-las e empurrá-las à

mão, para o que, e a fim de facilitar o transporte, tinham montadas umas cordas às quais se agarravam todas as pessoas válidas que, logo que o sino da Câmara tocava a anunciar o incêndio, compareciam no quartel para prestar a sua ajuda.

Felizmente, ainda há vivos, alguns dos que, então rapazotes, agarrados aos páus das cordas correram com as bombas ou as empurraram para os locais onde era necessária a sua actuação.

Solicitado a colaborar noutra HUMANITÁRIA, esta para comemorar o centenário da referida Associação, faço-o com o maior prazer e satisfação, lamentando, porém, que ao folhear a primeira verifique que de todos aqueles colaboradores e dos que contribuíram para a sua publicação, sómente eu pertença ao número dos vivos. Verifico, também, que, do Corpo Activo então existente, (33 pessoas), restam, hoje, 3 — o Gonçalo Pinto, o Manuel Caçola e o Albertino Pereira; que, dos sócios fundadores, não há nenhum vivo; e, bem assim, que, daqueles que, então, compunham os Corpos Gerentes, apenas eu, do Conselho Fiscal, o Albano Pereira e o João Ferreira de Macedo, da Assembleia Geral, poderemos assistir à comemoração do centenário.

Da minha actuação nos *Bombeiros Velhos*, as contas que tenho a prestar — estou convencido disso — pesarão à meu favor no Juízo Final, pois,

nesta Corporação, durante o tempo em que a servi, quer como Secretário da Direcção quer como Secretário do Conselho Fiscal quer como Secretário da Direcção, colaborei com toda a minha boa vontade, com toda a minha inteligência, com o meu desinteresse material e, tanto quanto os meus conhecimentos o permitam, juntamente com os restantes elementos directivos a quem estava ligado.

Da Direcção de que fiz parte com Ricardo Mendes da Costa e José Marques Sobreiro que se manteve de 1941 a 1948) faziam parte, como era de uso e costume, dois membros do Corpo Activo: o João Soares e o Gonçalo Pinto.

Sempre fomos capazes de resolver os problemas surgidos, em boa harmonia, apesar de, algumas vezes, termos opiniões diferentes.

Termino esta minha crónica, fazendo votos pela prosperidade dos Bombeiros Velhos e louvando, com todo o fervor, todos aqueles que, com o seu esforço e dedicação, conseguiram que esta Corporação tivesse atingido o centenário com a mesma vitalidade — ou mais ainda — que tinha quando comemorou o seu cinquentenário.

Aveiro a arder

Uma claridade ímpar ergue-se e transpõe os contrafortes do Caramulo numa promissora anunciação.

É a guarda-avançada do séquito real, que, reluzente, se aproxima, lançada intencionalmente à conquista da planura, — qual acampamento ainda silencioso, que se espalha, alongando os braços de água, até ao litoral atlântico.

Espreitam os primeiros raios, espadas de ouro falscantes, a rasgar o manto da noite, que bate em retirada precipitada para os confins do ocidente.

Logo então, surge o jovem guerreiro, magnificante nas suas vestes majestosas. É Hórus, o sol nascente, esplendoroso em toda a plenitude, vencedor de Set, deus das trevas.

E, num ápice, as hostes tomam de assalto a terra, que se entrega sem resistência, deslumbrada pelo fulgor onipotente do invasor.

O clarão explode, cresce e avassala a paisagem, transformando-a numa fogueira divina. É o grande incêndio que deflagra, irrompendo por toda a planura, abrasando já os canais da ria, cobrindo Aveiro. As chamas bailam, há um crepitar de deslumbramento, e o fogo alastra, avança pelas ruas do burgo milenário, apossa-se das casas.

Perpassam as horas. Não existem forças — por imponentes —, que o combatam, que o extinguam. E, já em fim de tarde, a labareda imensa continua rubra, agora na voz do poeta André Ala dos Reis:

... «Mais uma vez,
a explosão do Sol borrija tons avermelha-
dos pela paisagem,
desde o Mar.
A clarabóia estilhaça-se em luz vibrante
e o pedaço de vidro ri com reflexos
atrevidos,
no Chão.
O globo do campanário despede fulgores.
para o Azul.
A proa do barco ardeu
e os montes de sal são fogueiras.
Tudo crepita na labareda do Sol!» ...

pela noite dentro, em chama imorredoura, que neste dia incendeia a alma e o coração dos aveirenses, que crepita no seio desta velhinha Associação, sempre rejuvenescida pelo lançar constante de novas achas na fogueira, na dádiva total dos seus valorosos bombeiros.

É um fogo que queima e se propaga, um calor emocional que a todos nos toca profundamente. É Aveiro que arde de alegria e gratidão.

— Não toquem as sirenas, rapazes do Corpo Activo! Deixem arder, para que o braseiro de abnegação e sacrifício daqueles que vos antecederam, atizado com tanto amor, se avolume, soprado pela brisa da vossa presença, pronta a acorrer ao drama e à tragédia, na defesa da comunidade, que em Paz, jurastes servir.

Que este fogo gigantesco de significado, que uma pequena faúlha atizou há cem anos, lave com intensidade cada vez maior no vosso peito, onde cintila, rubral, a chama sagrada do verdadeiro altruísmo, que é o voluntariado.

E, é pela vossa coragem, humilde mas heróica, na continuidade do fogo legado, que Aveiro continuará a arder pelos tempos fora, numa labareda de esperança imperecível, consubstanciada nesta Associação Humanitária, Semper Fidelis, a quem saudamos, com o nosso muito obrigado de aveirenses.

E a labareda não se apaga. Altiva, prossegue

Eles são assim!...

O pai fora bombeiro, tal como o avô o havia sido. Alguma coisa de ancestral o ligava, por isso, a esta Casa. E assim, crescendo naquele ambiente em que duas gerações viveram numa doação total ao próximo, o seu coração trazia já dentro de si um destino, qual seria determinante de um rumo de que não devia desviar-se. E foi bombeiro, também, e bombeiro dos mais cumpridores. Aprendeu a prática e estudou as razões e os métodos.

Um dia, naturalmente, pensou casar-se. Porém, a noiva, temerosa dos imensos perigos a que um bombeiro está sujeito, impôs, como condição *sine qua non* para que o casamento se efectuasse, a abdicação pura e simples das actividades de voluntário. Surgiu assim uma situação de opção decisiva, suprema, entre aquelas duas paixões, — a do Amor por aquela que seria a sua mulher para toda a vida e a da Vida que havia de ser sua para sempre — e ele tomou, então, uma atitude firme e indiscutível: «*Será mais fácil não casar contigo do que deixar de ser bombeiro*». E ela, que o amava deveras, subjugou-se e compreendeu que o amor da família não é incompatível com o amor à Humanidade. Ambos cabem, dentro de um coração bem formado, sem colidirem!

Hoje, é ele um dos membros mais distintos da nossa Associação!

Plena madrugada. A cidade dormia alheia ao perigo terrível que podia surgir a cada momento. O quartel do 10 era um enorme braseiro. Depósitos de gasolina, paiol das munições, etc., tudo podia ir pelos ares num instante, destruindo e matando.

Os habitantes daquela vasta área residencial, ignorantes da tragédia, dormiam tranquilos e confiadíssimos — e bem! — nas forças de segurança da sua cidade. Mas as campainhas das residências alertaram para o perigo, e os moradores, vindo às suas janelas, viram, para além do clarão sinistro que iluminava a noite, o vulto amigável de um bombeiro que, de porta em porta, na sua sagrada missão de bem-fazer, vinha lembrar a cada um o risco que corria, e que era chegada a hora de todos se porem a salvo a tempo, juntamente com os seus velhos e as suas crianças estremunhadamente

acordados.

Felizmente que as manobras de ataque foram sabiamente conduzidas e a grande desgraça não surgiu. Mas, para toda a vida, não posso esquecer quem, naquela noite de pesadelo, não pensando em si, só pensou nos outros!

Segunda Grande Guerra. A cedência da base dos Açores aos aliados fazia recluir, a cada momento, um ataque alemão.

Estabeleceu-se na população uma situação de pânico. Os vidros das janelas e montras tinham coladas grandes tiras de papel; os cromados dos automóveis foram pintados de azul-mate, tal como os faróis, que só mantinham uma estreita fresta iluminante; organizavam-se, à pressa, os serviços de Protecção Civil do Território, com instruções de transporte de feridos e primeiros socorros. Ambiente de trágica expectativa. A cada momento se esperava o pior, e nada estava organizado, tanto no aspecto de pessoal como no material.

A ocasião exigia dos bombeiros, mais que nunca, o sacrifício da sua devoção. E, quando, naquele ambiente carregado, se fez um apelo angustioso a todos os que, por idade ou outros motivos, estavam já afastados da Corporação para darem todo o esforço na medida das suas forças para a protecção da população, tive o gratíssimo prazer de, naquela noite, reunir no salão nobre do quartel, para além dos quarenta e tal homens do activo, mais uns tantos que, mesmo idosos, se apressaram a oferecer a sua colaboração, pois nunca esqueceram que onde está o perigo está o bombeiro.

Os bombeiros são assim!...

Palavras dissaboridas de rendido preto

Larga e bemfazeja centena de anos — que pelas nossas mensurações comuns, dá quatro gerações humanas adultas, desde os bisavós, com toda a certeza — e que eu, próximo dos três quartos posso já medir em toda a extensão e significado.

Cem anos representam, neste caso em especial, um somatório de esforços continuados, de inquebrantável força de ânimo e de predcados inexauridos e ininterruptos de abnegação altruísta, merecedores do mais subido e rendido apreço e do mais cativado reconhecimento.

O centenário, nos nossos hábitos mais arraigados e nas nossas mais fundas propensões de preto *vinculativo*, é um autêntico e relevante marco cronológico. Mais que uma data, fugaz e *deveniente*, seca e sem rastro, constitui um dever indeclinável, quando tem um âmagô substancialmente positivo e rico, para recordar e para prestar homenagem.

Redrobradamente nestas circunstâncias concretas em que, com todas as veras da minha capacidade de ser grato, de admirar e de prestar homenagem, exprimo a mais viva e a mais íntima simpatia, sinceríssima e gratíssima, aos «bombeiros velhos» da minha terra — aos da tão radicalmente aversem «Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro» — que eu admire desde as mais profundas e remotas reminiscências infantis. Desde

esse longínquo dia em que os vi, garbosos, com os seus reluzentes capacetes aurifulgentes, com a sua desmesurada «escada Magirus» — que com o tempo viria a adquirir mais reduzidas proporções relativas — em que a vi, comandada por um futuro cunhado, num cortejo cívico, com um propósito de auxílio às vítimas de uma calamidade.

■ Nesta retornante fase da petiz, terei hesitado, porventura nas minhas aspirações: ser polícia, que mandava e se fazia obedecer, ali em torno da fonte dos Arcos, dos também fardados militares namoradores das moças que iam encher os seus cântaros de barro vermelho, e até era muitas vezes apontado às crianças traquinas, como um «papão»; ou ser «bombeiro», na pele e no uniforme do qual sentia personalizadas as minhas tendências incontaminadas de generosidade, para servir, sem preço nem travão, ao semelhante. Polícia não quis ser, nem para tal me sentiria com a mais leve propensão. Mas aos bombeiros invejo-os na constância na entrega, íntegra, humanitária, irreversível e irredutível — cristã. Invejo-os naquilo em que efectivamente são melhores do que eu, no meu egoísmo, amante das minhas comodidades.

Os Bombeiros são — paradigmática, exomáticamente, desbordantemente — ao mesmo tempo que uma oferenda efectiva, total e continuada, prestante e, repita-se, filantrópica, um

exemplo de humanidade para os demais homens sem alento próprio impulsor. Para aqueles que, como eu e a generalidade dos meus semelhantes antropológicos, egoisticamente — repesos, embora, do nosso comodismo tolhedor de qualquer rasgo, e da nossa insulariedade, vazia e ressequida de quaisquer seivas generosas — pasamos a vida sem lhe seguir as fundas pegadas, que bem nos indicam o caminho. Passamo-la apenas a dar palmas. A aplaudir e a louvar, com o desencanto de não sermos capazes de lhes pisarmos os trilhos rasgados. A aplaudir e a louvar sem dar um passo útil para lhes recalcar os passos beneméritos. Como paradigmas, pois, e não como meros motivos de admiração, e louvor, e veneração.

Não que eu suponha que todos devemos ser bombeiros. Ou santos. Ou génios. Ou simples cidadãos impecáveis, na prática operacionalidade comunitária. Mas sim que os sigamos na exemplar e ressumante doação. Que sejamos, ao menos, as segundas filas dessa exemplaridade de humanitária, ao serviço das vidas dos bens alheios.

Vejo-os, e neles me remiro, como que um incender fervoroso e ininterrompido, num como que dirigido móbil de sinal contrário ao que me tolhe e me torna imprestante, dessa inapagada e vivesscente chama de serviço ao próximo, a este dedicada em generosíssima obstinação proveitosa, e em dádiva total. E,

não obstante, os mais onerosos riscos e da maior displicência por toda a sorte de comodidades pessoais;

Em gerações sucessiva, algumas vezes estigmatizadas — no melhor sentido, é bem de ver — como qualquer dos demais génes, de pais a filhos, se não para mais prolongadas hereditariedades do mesmo clã familiar — em verdadeiras «dinastias» de viril abnegação; decantado de todas as feições de humano egoísmo e de toda a compensação retributiva;

Um exemplo vivo e permanente, que acaso nos reduz às diminutas proporções, insignificativas, inoperantes e, embora a nós que somos inaptos e incapazes de lhes repisarmos as peúgadas exalçantes, indelevel-

mente insculpidas no nosso mais fundo âmago, numa centúria de anos da vida de Aveiro, em todos os momentos infaustos e de júbilo;

Em todas as horas que estão inscritas nos nossos anais de maior relevância, desta sua e nossa terra de Aveiro, que amamos num platonismo, inoperacional ainda que sinceríssimo, eles estiveram sempre presentes e à nossa frente — Em oferta ilimitada e sem lacunas, sem intervalos e sem hiatos.

A par dessa permanente doação — a que todos, compreensivelmente, desejamos poupá-los — constituem realmente um ininterrupto exemplo de cristão sacrifício pelo bem estar, pessoal ou de significação venal

dos demais, de nós que nos limitamos a agradecer-lhes. De nós, que somos a percentagem maior da comunidade, local ou nacional, os que confiamos, à defesa heróica, abnegada e desinteressada, ao seu denodo e à sua disponibilidade integral, à sua boa-vontade sem limites nem descrições inimagináveis, sem qualquer, nem a mínima, distinção individualizadora. Missão de dádiva inteira em que o próprio termo inimigo, não tem lugar nem significado lógico, já que se verifica, à flôr da pele e no imediato, num oferecer-se até à total imolação, irrestrita de generosidade e capacidade de holocausto, sem a mínima retinência de compensação que não sejam de «valores comerciais».

Corpos Gerentes no Centenário

Mesa da Assembleia Geral



Joaquim Mendonça
Presidente



José Luís Cristo
Vice-Presidente

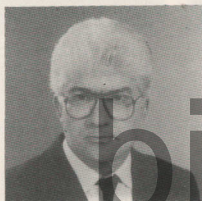


Albano Pereira
1.º Secretário



João F. Peixinha
2.º Secretário

Conselho Fiscal



Domingos Cerqueira
Presidente



Américo Freitas
Vogal



Homero Catarino
Vogal

Direcção



Ulisses Pereira
Presidente



Alfredo Andrade
Secretário



Júlio Pereira
Tesoureiro



António Santos
Vogal



Manuel Freitas
Vogal

Comando no Centenário



António Manuel Machado
1.º Comandante

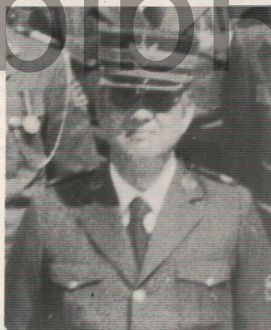


Gonçalo Pinto
2.º Comandante



J. P. Carvalho Júnior
Ajudante de Comando

Actual Comando



António Manuel Machado
1.º Comandante



J. P. Carvalho Júnior
2.º Comandante

Actuais Corpos Gerentes

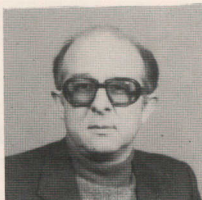
Mesa da Assembleia Geral



Joaquim Mendonça
Presidente



José Luís Cristo
Vice-Presidente

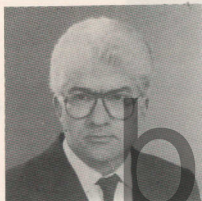


Diamantino Dias Reis
1.º Secretário



João Peixinha
2.º Secretário

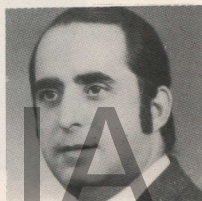
Conselho Fiscal



Domingos Cerqueira
Presidente



Américo Freitas
Vogal



Fernando C. Monteiro
Comissão Executiva

Direcção



Ulisses Pereira
Presidente



Alfredo Andrade
Secretário



Júlio Pereira
Tesoureiro



António Santos
Vogal

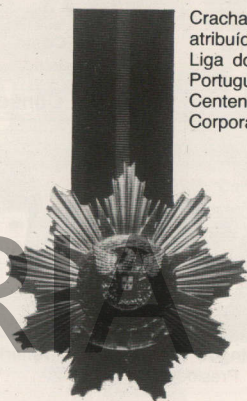


João Carvalho
Vogal

Medalha de Ouro
«2 estrelas»
conferida pela
Liga dos Bombeiros
Portugueses



Crachat de Ouro
atribuído pela
Liga dos Bombeiros
Portugueses no
Centenário da
Corporação



ÍNDICE

Se eu fosse Bombeiro ...

Manuel
Bispo de Aveiro
Pág. 3

Bem Haja!

Sebastião Dias Marques
Governador Civil de Aveiro
Pág. 5

A nossa homenagem

José Girão Pereira
Presidente da Câmara Municipal de Aveiro
Pág. 7

Aos Bombeiros Velhos

José António Laranjeira
Serviço Nacional de Bombeiros
Pág. 8

Saudação

Liga dos Bombeiros Portugueses
Pág. 9

Bombeiro sinónimo de amor!

Joaquim A. S. Mendonça
Presidente da Assembleia Geral dos Bombeiros Velhos
Pág. 10

De parabéns ... Aveiro.

Ulisses Pereira
Presidente da Direcção dos Bombeiros Velhos
Pág. 12

O reafirmar de um compromisso

António Manuel Soares Machado
Comandante dos Bombeiros Velhos
Pág. 13

Semper (Et Ubique) Fidelis!

Gaspar Albino
Presidente da Direcção dos Bombeiros Novos
Pág. 14

Felicidades, «Bombeiros Velhos»

Lúcio Lemos
Comandante dos Bombeiros da Portucale
Pág. 15

Bosquejo Histórico, no Centenário

Amaro Neves
Pág. 16

1982 O ano do Centenário

Carvalho Júnior
Pág. 26

Corpo Activo no Centenário

Pág. 28

Memorar

Pág. 30

Prontos!!

Pág. 33

«Uma História por contar...»

Pág. 35

De novo parabéns

Vasco Branco
Pág. 37

Ronda de saudade

João Evangelista Campos
Pág. 38

Aveiro a arder

Amadeu de Sousa
Pág. 39

Eles são assim!...

Humberto Leitão
Pág. 40

Palavras dissaboridas de rendido preto

Eduardo Cerqueira
Pág. 41

Corpos Gerentes no Centenário

Pág. 43

Comando no Centenário

Pág. 44

Actuais Corpos Gerentes

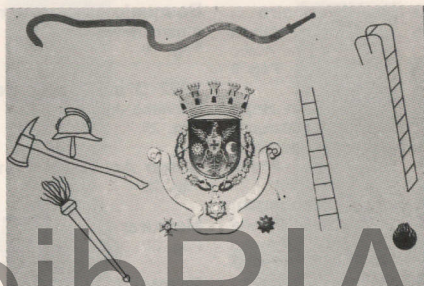
Pág. 45

Design e Coordenação Gráfica
Jorge Trindade

Coordenação Redactorial
José Carlos Maximino

Execução Gráfica
Tipave

Edição de 2.000 Ex.
1986



Painel em ferro forjado com acrílico
da autoria de Carvalho Júnior
para o Novo Quartel

HUMANITÁRIA

NÚMERO ÚNICO

DO

CINCOCENTENÁRIO

DA



1882--1932

SUAS BODAS DE OURO

AVEIRO



A Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

SUMARIO

I—A Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro — Da sua fundação ao seu cincoentenário—DR. ALBERTO SOUTO.	3
II—Da Lfberdade ao Deyer—DR. JAIME DE MAGALHÃES LIMA	7
III - Parabêns - HOMEM CRISTO	9
IV—Bombeiro de má-morte—DR. ANDRÉ DOS REIS.	10
V - Bodas de Ouro—DR. M. MARQUES DA SILVA	14
VIII—Em poucas Linhas—P. ^o R. VIEIRA	15
VII—Dois Sonetos LUÍS COUCEIRO DA COSTA.	16
VI—Pelo Bem—ANTÓNIO CARDO	17
IX—Humanitária—JOÃO EVANGELISTA DE CAMPOS.	18
X—Corpos Gerentes e Sócios Protectores—MANUEL JOSÉ DA COSTA GUIMARÃES.	20
—Anúncios.	—



SUMÁRIO

bibRIA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

Da sua fundação ao seu Cincoentenário

Comemora o presente número único o 50.º aniversário da fundação da primeira companhia de bombeiros voluntários de Aveiro, hoje já uma das mais antigas do País.

Foi em 1882.

O antigo convento de Sá que demorava onde hoje se encontra o quartel de Cavalaria, foi pasto de chamas na noite de 11 para 12 de Janeiro.

O incêndio alarmou a cidade, não pelo convento em si, mas porque revelou, mais uma vez, um perigo enorme contra o qual não havia meios de defesa.

Outros incêndios memoráveis tinham roubado já a Aveiro alguns dos seus melhores edifícios.

Em 20 de Julho de 1864 ardêra o Paço do Bispo, nas proximidades da actual Praça de Luís Cipriano.

Foi um fogo apavorante e que causou avultados prejuízos, tendo-se perdido nele importantíssimos documentos dos nossos arquivos, alguns dos quais foram salvos com grande perigo e sacrifício.

No antigo Paço Episcopal achavam-se, então, instaladas as repartições do Governo Civil e da Fazenda Pública e ali residira o primeiro bispo de Aveiro, de nomeação do Marquês de Pombal, o elegante e faustoso D. António Freire Gameiro de Sousa e cremos que, também, o bondoso e santo prelado D. Manuel Pacheco de Rezendes que tanto sofreu com as perseguições e barbaridades infligidas pelo miguelismo às famílias dos liberais de Aveiro de 1828 a 1834.

Outro grande incêndio em 24 de Junho de 1871 impressionára fundamente a população aveirense.

O suntuoso palácio dos Viscondes de Almeida, um dos raros que restavam da velha fidalguia da antiga *nobre e notável vila de Aveiro* e que resistiram às calamidades advindas com as catástrofes provenientes da obstrução da barra, fôra reduzido a um montão de escombros, durando o fogo e o rescaldo perto de uma semana sem que a população, impotente para atacar as chamas, pudesse salvar qualquer parte do edifício onde se haviam dado reuniões distintas e festas de celebridade.

Foi na sessão camarária de 12 de Janeiro de 1882 que o presidente, conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia, interpretando a corrente de opinião da cidade, propoz a aquisição de material de incêndios moderno e adequado às necessidades do meio, e a criação de uma companhia de bombeiros.

Isto se verifica pela acta da sessão da Câmara Municipal de 12 de Janeiro de 1882 que a seguir reproduzimos:

Acta da sessão camarária de 12 de Janeiro de 1882.

“O sr. presidente expôz que, tendo-se dado na madrugada de hoje, e na cidade, um caso gravíssimo, que fôra o incêndio do Convento de Sá, conhecera, pelo próprio exame dos factos a que assistiu, que as bombas e demais material de extinção de fogo, que o município possui, não satisfazem às necessidades dos casos que tão frequentes são nas terras onde a população

vive como aqui e que por isso, propunha que a Câmara compreendendo bem as precárias circunstâncias em que o município se encontra com relação a material de incêndio, e à situação em que se acha, procurasse, por todos os meios ao seu alcance, não só fazer a aquisição duma bomba, nas condições precisas para bem servir, mas também dos mais aprestes que são indispensáveis em casos tais como escadas, machados, baldes, escadas de salvação, etc.— tudo, finalmente, o que a ciência aconselha no que respeita ao serviço de extinção de incêndios.

A Câmara concordando em que é de urgente necessidade satisfazer, tanto quanto possível, e dentro do limite das forças do Município, à aquisição dos indicados meios de combate contra a calamidade dos incêndios, resolveu que elle, sr. Presidente informando-se completamente do material que se precisa haver para realizar o pensamento, que, hoje, pode dizer-se, é de todos os habitantes da cidade, proponha, o mais breve que lhe seja possível um projecto e plano completo, não só dos meios de adquirir aqueles que se julguem indispensáveis, mas também da formação de um corpo de bombeiros voluntários que possa desempenhar-se satisfatoriamente do encargo que tão nobre e elevada missão impõe.

O sr. presidente, aceitando gostosamente o encargo e comissão que a Câmara lhe cometeu, propôs mais, como acto apenas de justiça, que ela agradecesse em seu nome e por consequente em nome do município que tem a honra de representar, a todos os individuos que se distinguiram pela nobreza do seu arriscado e humanitário esforço, não só nas salvação das vidas que correram risco, mas dos haveres que ali existiam e ainda da própria propriedade, a maior parte da qual foi salva pelo arrojado e dedicação daqueles que não sabem faltar ao seu dever de humanidade,—daqueles a quem esta terra se honra de chamar filhos.

A Câmara aprovou o pensamento do sr. presidente e encarregou-o de fazer publico o proposto agradecimento.

aa) Manuel Firmino de Almeida Maia, Luis Coqueiro da Costa, Rufino César de Sousa Monteiro, João Gonçalves Neto, José dos Santos Gamelas, José António de Azevedo, Joaquim Luis de Abreu, António Vieira dos Santos e Francisco Pinho Guedes Pinto.

Ao apêlo da Câmara Municipal acudiu o Povo e logo do seio deste, das suas classes mais humildes, daque-

las que em Aveiro se chamavam as dos artistas, saíram os fundadores da corporação que a cidade acolheu com o maior júbilo e logo acarinhou com a sua melhor simpatia.

Admiravelmente correspondeu a Companhia às esperanças nela depositadas.

Na acta da sessão municipal de 27 de Janeiro de 1887, dizia-se o seguinte:

Acta da sessão da Câmara Municipal de Aveiro de 27 de Janeiro de 1887.

«Ainda a propósito de incêndios mais lembrou o sr. Vice Presidente à Câmara, que, vista a coragem patriótica de que ali está dando provas um punhado de rapazes, artistas na sua grande maioria organizados em sociedade com o fim de voluntária e gratuitamente se exporem ao arriscado serviço de extinção de incêndios, o que, já por vezes, se tem realzado, portando se todos com denodo e muitos com pericia pelo que até a autoridade superior do distrito os quis galardear era justo e humanitário que esta Câmara, em sinal de reconhecimento e dentro das faculdades que lhe confere o n.º 22 do artigo 117.º do Código Administrativo assegurasse à parte daqueles cidadãos que não tem outros meios de subsistência alem do seu braço, ou tendo os fôrem provavelmente insufficientes sem esse auxilio, um subsídio senão condigno, ao menos nos estreitos limites das forças do cofre deste município, para o caso de esses intrépidos se impossibilitarem de trabalhar por desastre sofrido no serviço de extinção dos incêndios, e enquanto durar essa impossibilidade devendo o subsídio estender-se à viuva e filhos do bombeiro no caso de morte, que seja consequência daquelle de desastre.

aa) Elias Fernandes Pereira presidente; José António Pereira da Cruz, José dos Santos Gamelas, António Eusébio Pereira, António Vieira dos Santos, António Antunes de Abreu e Melo Avelino Dias de Figueiredo Joaquim Maria Ala e Manuel Marques. Está conforme. O Comandante dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

Aveiro. 1 de Março de 1888.

Joaquim de Melo Freitas.

Foi primeiro comandante da Companhia o official de marinha Francisco Augusto da Fonseca Regala, há anos

falecido, e que durante muito tempo exerceu o cargo de Reitor do Liceu, seguindo-se lhe o sr. dr. Joaquim de Melo Freitas, um dos mais brilhantes espíritos que, com enorme erudição e nunca desmentido civismo, se formou e desenvolveu no seio deste povo.

Ao dr. Joaquim de Melo Freitas succederam o sr. João Bernardo Ribeiro Júnior, ainda felizmente vivo, simpática reliquia desse brilhante passado aveirense, e Manuel Gonçalves Moreira, oficial da marinha mercante, cujo aveirismo apaixonado ainda está na memória de quantos com ele conviveram.

Cada ano que passava sobre a fundação da Companhia, era uma soma de actos de benemerência a acrescentar nos fastos do altruismo cidadão.

O seu Corpo Activo, constituído sempre pelos filhos das classes populares, operários, artífices, trabalhadores, nunca se poupando a trabalhos, nunca se furtando aos perigos, nunca se esquivando aos deveres que a sua honrosa farda e o seu voluntário juramento lhe impunham.

Os seus dirigentes pondo na administração, direcção, instrução, comando e disciplina da associação e dos seus bombeiros o escrúpulo, o cuidado, o zelo e a honradez que são o timbre destas beneméritas corporações.

Em 1907 ^{* * *} passa a Companhia por grandes transformações, renovando-se o seu material e remodelando-se os seus serviços internos.

A Câmara luta com dificuldades financeiras e o seu auxilio é precário, incapaz de sustentar só por si um serviço dispendioso e exigente como é o dos incêndios.

Mas as suas faltas são supridas pelos Sócios Protetores, pelo Povo da Cidade, que nunca deixa de dar o seu óbulo para os elementos materiais de que carece a Companhia, que em nu-

merosos incêndios, como o da Rua de José Estêvão, em 24 de Agosto de 1898, sempre havia provado denodo, bravura e competência, apenas lutando tantas vezes com a deficiência dos seus meios de ataque e de defesa.

Em 1909 outra companhia se funda em Aveiro, adotando o nome glorioso de Guilherme Gomes Fernandes.

Abre-se um período de competência, por vezes de rivalidade inevitável.

Um ou outro incidente, provocado pela paixão que os filiados ou amigos das duas companhias sentem pelas suas respectivas corporações, chega a inquietar o espirito público que não oculta o seu desgosto pelo facto. A breve trecho, porém, o bom senso triunfa, o pensamento superior da missão do bombeiro domina todos os dissídios e num e noutro campo se retoma a serenidade, rapidamente se esquecendo todos os descontentamentos para se dedicar, esta grande família de voluntários, ao bem público que é o seu único fim, o seu único objectivo, o seu único pensamento, o prémio do seu esforço e o galardão da sua vida.

Assim se reconquistou rapidamente a confiança e se tornou possível a protecção do público que tanto tem concorrido para a situação de modesta decência em que os bombeiros aveirenses hoje se encontram.

Dotadas as duas Companhias pela Câmara Municipal com edifícios próprios para seus quartéis, entrou-se no período de actualização do material.

Viera a escada Magyrus cuja falta tanto se sentira em alguns incêndios mais difíceis, vieram depois, com as viaturas automóveis de pronto socorro, oferecidas por beneméritos, as admiráveis e utilíssimas moto-bombas.

A Companhia alarga a sua acção e mercê destes progressos da técnica e da mecânica, estende os seus servi-

ços às povoações e concelhos vizinhos, tendo-se tornado notável a sua acção no grande incêndio dos armazens da C. P. na Pampilhosa em 1926, acorrendo a todos os sinistros a que é chamada, sentindo, por isso mesmo, as nossas aldeias já, numerosas vezes, os seus benefícios.

Mas não é apenas nas ocasiões de incêndio, inundação, naufrágio ou sinistro que a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro presta os seus serviços e envia os seus socorros.

Nunca ela se esquece de acompanhar os seus filiados, os seus protectores, os seus amigos, à sua última morada. E nunca faltou nas solenidades de civismo local ou de patriotismo, nunca também se esqueceu das vítimas das grandes catástrofes, promovendo quêtes e bandos precatórios a favor dos sinistrados, como dos do terramoto de Messina, da explosão de Sá, do terramoto de Benavente, da fome de Cabo Verde, das vítimas da revolução de 5 de Outubro, do terramoto dos Açores, etc. cumprindo assim, também, ainda, uma alta missão de solidariedade humanitária.

Merecem-lhe ainda os pobres da cidade particulares cuidados, sendo tradicional o bodo que em dia de Ano Novo distribue, consolando muita infelicidade e levando a alegria a muitos lares de conterraneos seus infelizes.

Bem merecida e justa foi, pois, a condecoração que o Governo da República lhe concedeu, por tudo isto, atribuindo-lhe a Ordem de Benemerência cuja medalha ostenta na sua bandeira.

São 50 anos de generosidade e de bondade; é meio século de altruismo exercitado a dentro e à roda desta Associação que hoje constitui um padrão honrosíssimo das virtudes cívicas do Povo Aveirense.

Mal me ficaria a mim, a quem a

excessiva benevolência dos filiados desta Associação Humanitária persiste em me eleger seu presidente, levar muito longe os termos elogiosos com que devia, neste momento, acompanhar o esboço da biografia associativa.

Mas nem como seu presidente eu posso deixar de ser justo e verdadeiro, porque acima da vaidade do cargo eu ponho, como sempre, a minha consciência de homem e a minha imparcialidade de aveirense que estima igualmente tudo quanto neste meio vale e quantos, para honra e bem desta terra, aqui trabalham.

Mas a verdade é que o esforço benéfico desta Associação e dos seus protectores é um exemplo admirável e raro de persistência no bem, de culto fervoroso da generosidade, de sacrificio ininterrupto pela causa humana!

Nos nomes e nas pessoas dos seus Voluntários, dos seus Comandantes, da sua Direcção, dos seus Fundadores e dos seus Protectores, eu saúdo daqui quantos tem dado e continuam dando tão abnegado e belo exemplo de amor pela Humanidade, sem esperearem nem pretenderem nenhuma vantagem ou beneficio de ordem material e sem mesmo contarem com as recompensas que as religiões sabem prometer, para depois da morte, áqueles que seguem os seus ditames.

E' o Bem apenas pelo próprio Bem!
Bemdito seja!

Cincoenta anos de Altruismo, cincoenta anos de evangélica, desinteressada, superior cruzada pela Salvação Pública!

Benditas sejam as suas Bodas de Ouro! Cincoentenário de Valor e de Virtude—feliz de mim que te vejo,—felizes de quantos te comemoram, e bemdito e louvado seja o coração do Povo que tem a dita de te celebrar!

Alberto Souto

Presidente da Assembleia Geral e sócio protector da Associação H. B. Voluntários de Aveiro

Da Liberdade ao Dever

CINQUENTA ANOS DE DEDICAÇÃO

FÁCIL nos é honrar aquilo e aqueles que por seus feitos achamos engrandecidos e honrados, às esperanças de virtude que alentaram o seu início e primeiro nos acordaram a simpatia tendo acrescentado a segurança da realidade dos seus benefícios e serviços, persistentemente demonstrada no correr de longos anos que justificaram e honraram uma criação fecunda. Então, o impulso de bem-querer e suas tentativas e esforços depara-se-nos já transformado na dilatada história do bem-fazer, e para louvar bastará recordar, e recordar será só por si testemunho do afecto íntimo que nos prende àqueles que por nobilíssimo despreendimento nos serviram e obrigaram. E eis que o nosso louvor e gratidão, plena e sem reservas, claramente confessamos a essa dedicação, enquanto em consciência e isentamente lhe tributamos tôda a justiça à qual tem direito. As promessas da instituição criada entre riscos e temores e dúvidas pelo arrôjo de poucos mudaram-se em divida, patente e reconhecida, de muitos aos quais êsse arrôjo foi socorro no perigo e defesa eficaz dos impetus da calamidade.

Não é outra a situação da gente do nosso tempo perante a «Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro», que agora completa cinquenta anos de existência. Devedores nos encontra, e da nossa admiração e da nossa amizade cobra hoje o tributo de louvor que pela lealdade da sua perseverança e pela magnitude dos seus serviços impôs a quantos no aro do seu labor se viram compreen-

didos e sentem, como vínculos indissolúveis, os laços de amor e de sangue que nos prendem ao povo do qual vivimos e em cujo convívio nos alentamos e somos uma parte mínima da sua alma, renovada e purificada de geração em geração.

Por seus feitos e pelo seu vigor e história em cinquenta anos de vida, honrada está esta instituição, e louvando-a nos alegramos na sua felicidade e nas suas vitórias, como colhendo quinhão da sua fortuna por direito de família, pois que irmanados nos achamos no berço, na pátria, e em mútuas e indissolúveis afeições, e na unidade das nossas aspirações è anseios. Mas não acontecesse assim, não fôsse de irmãos nossos esta associação e somente estranhos a houvessem criado e mantido e honrado, e nem por isso seria menos fervoroso o nosso louvor, pois para o inflamar bastaria o muito elemental sentimento de pura justiça que nos seria suscitado e mandado pela simples lembrança das circunstâncias em que esta associação se constituiu e prosperou, em dilatada e corajosa jornada. Florescente, tal qual agora a encontramos, firme nos seus fundamentos e confiada no futuro, esta associação é além do sinal do alto carácter daqueles que esforçada e tenazmente a serviram, o legado notabilíssimo do vigor de uma grande época, a demonstração brilhante da legitimidade, nobreza e fecundidade dos princípios em que essa época se exaltou, docilmente os seguindo e logo lhes prestando culto, pelas criações

práticas a que elles insistentemente induziam.

Há cinquentá annos, quando esta associação se fundou, amplamente desenvolvendo por iniciativa livre o que frouxamente se achava estabelecido pela administração official, a aspiração mais ardente e comum das nações dessa época era o advento universal e sem limites da Liberdade, pairando sobre o mundo como uma águia. Se muitas liberdades havia, e de facto abundavam, mais se pediam e progressivamente e colhião. Desde a liberdade do pensamento e a negação apaixonada de toda a autoridade espirital até à proclamação jurídica de todas as liberdades reais, não havia esfera da actividade mental ou concreta que escapasse a uma rajada de destruição de todos os cárceres do corpo e da alma, de todos os calabouços da ideia, e da vontade e da acção.

Muitas liberdades prevaleceram então; liberdades civis e politicas, liberdade de imprensa, liberdade de associação, liberdade de reunião, liberdade de trabalho, e muitas outras, humildes em seu reino na terra mas poderosissimas no foco de que dimanavam e em que se conjugavam, todos nós as vimos, por um momento mais ou menos breve e incerto, alçar bandeira de conquista nas torres dos seus castelos. E dessas liberdades e suas altas torres, uns fizeram refúgios temerosos de disciplina e dissolução de quanto mantem a solidariedade e coesão dos povos, e outros as converteram em abrigo e baluarte de interesses exclusivamente mundanos e de cobiças ácidas

ferinamente combativas, e outras essas mesmas liberdades usaram para o império e engrandecimento da caridade, para instrumento de protecção mútua entre os homens e disseminação da luz da intelligência e purificação dos nossos corações, para continuo e estreme serviço de amor e paz.

Conheceu esta vaga de liberdade e, a seu modo, honesta e dignamente e eficazmente a aproveitou e interpretou esta nobre «Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro»; e tendo diante de si muitos caminhos, os que sobem a troncos de

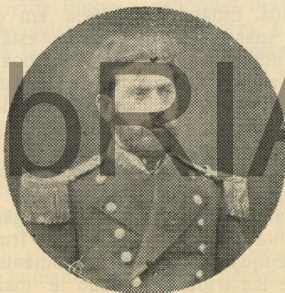
ventura e os que precipitam na ruina, singelamente preferiu — honra lhe seja! — aquele muito árduo e só abundado de consolações da consciencia que conduz da liberdade ao dever.

Sem trepidar o calçou e o segue, derramando na sua passagem infinitas benções, que Deus multiplique

para coroação dos seus portadores e para brazão da terra e da gente que tão bons filhos cria e alvorçadamente estremece.

Janeiro de 1932.

Jaime de Magalhães Lima.



Francisco Augusto da F. Regala
(Antigo Comandante dos Bombeiros)



PARABENS

Muitos parabens á Companhia dos Bombeiros, que hoje festeja o seu quinquagesimo anniversario, por ter durado tanto tempo, não havendo morrido *na casca*, como succede a quasi tudo que de bom apparece em Aveiro.

No numero 7 de *O Povo de Aveiro*, de 12 de Março de 1882, vem esta local:

Uma parte das cartas, mandadas pela commissão que promove hoje um beneficio no Teatro Aveirense, a fim de auxiliar a compra do material para o serviço dos incendios, teem sido devolvidas pelos principaes cavalheiros que se destacam nos grupos constituinte e regenerador.

A que rebaixamento nós tocamos!

Até se faz politica com isto, politica reles, indecente e de taberna. Porque

meia duzia de pessoas se lembraram de fazer algum bem em favor d'esta terra e de interesse publico comprovado, levantam-se logo os sacristas leprosos da politica, com os seus esgares negativos, no intento de inutilizar uma idéa que, por não ser da iniciativa d'elles, se deve impedir e embaraçar! Consiste n'estes expedientes, miseraveis e grosseiros, o fundo da politica monarchica.

Foi sempre assim!

Ha, pois, motivo de sobra para felicitar uma benemerita instituição que, com tal gente, e os filhos ainda são peores do que os paes, conseguiu, em Aveiro, viver cincoenta annos!

Em Aveiro!!!

Não conheço acto mais heroico.

Homem Christo.

Bombeiro de má-morte

N O ano de 1928 e em tarde calmosa de Agosto, quando, após o modesto jantar do estilo e da obrigação, e com o propósito de fazer os *mil-gramas*,—a maneira mais rigorosa de se dizer—o chylo—como opinava o sábio *Leroy Beaulieu*, lente catedrático da cadeira de «Ciência e Legislação Financeira» na Universidade de Coimbra, em saudosíssimos tempos, (*Vidé O Livro do Doutor Assis*, pg. 305, pelo Dr. Alberto Costa, ex Pad-Zé) caminhávamos pachorrentamente por uma dessas lindas estradas, que se desenrolam ao redor da nossa pitoresca terra, sucedeu-nos deparar, a distância, com um pequeno grupo—cinco ou seis pessoas, que não mais—no meio do qual dois *ilustres* e inflamados desconhecidos, um dêles homem richarte (baixo, gordo e rijo de aspecto) pareciam invectivar-se.

A maneira que prosseguíamos no passeio, mais aumentava o ruído das vozes dos dois esgrimistas, o qual ruído, num crescendo sucessivo e importuno, fazia vibrar insistentemente os tímpanos de nossos ouvidos.

Pelas atitudes e gestos dos *oradores*, previmos que violentos, muito agressivos, haviam de ser os doestos com que os adversários se mimoseavam.

Fomos, porém, avançando, avançando, que voltar costas ao sitio, onde *cheirava a chamusco*, seria imperdoável fraqueza.

Aproximados, finalmente, do local do ingente prélio, verificámos que, como tínhamos suposto, os mútuos apódos traziam no bojo veneno em barda, sendo as frases usadas no tiro-teio, pelos contendores, cheias, por vezes, de engenhosas ironias em que

se disfarçavam queimantes epítetos... naturalmente para um e outro dos gladiadores se pôrem ao abrigo dos preceitos austeros e rígidos do Código Penal.

E diga-se, em boa verdade, que razão às carradas tinham para ser cautelosos, porque se, outrora, quem caía sob a alçada do tal diploma, e quejandos, ficava sem a camisa, mesmo sem a pele, nos últimos anos, assim como hoje, só as cinzas, quando muito, se lhe aproveitam.

E' que imposto de Justiça (com J em sinal de respeito) percentagens, preparos, defesa, guias, contas, selos, papel selado, e mais tributos, constituem, não haja dúvida, um verdadeiro forno crematório.

Sensatas, por isso, são tôdas as cautelas e tôda a ponderação é pouca para evitar-se qualquer queda nas teias emmaranhadas de D. Thémis.

O conselho... aí fica e gratuito.

Intelligenti pauca, mas como de *gustibus et coloribus non disputandum*, cada um que pense e proceda como melhor entender, porque sua alma, sua palma...

As injúrias e sarcasmos que, pois, lhes afluíam aos lábios e que, a seguir, eram despedidos copiosamente, não se apresentavam duma forma nua, aberta e franca, mas encapuzados.

«Você é muito *honesto*...»

«Não tenho *pichelingus* na família...»

«Sou homem de *testa lisa*...»

Etc, etc, etc.

Nestes dares—e—tomares, era dando sobre dardo; frecha sobre frecha; alfinetada sobre alfinetada.

Quando passámos rente dêste *Par-*

lamento (vá o dito sem remoque aos nossos antigos senadores e deputados) a descomponenda serenou, como por encanto, e merecemos a alta distinção das cortesias de todo o agrupamento, às quais correspondemos, como era de boa civilidade.

A calma foi, tôdavia, amor de pouca dura, porquanto, a breve tardar, a altercação rompeu de novo e, posto nos encontrássemos já algo afastado do campo da batalha, ouvimos claramente, a certa altura, esta intimação soberana, arrogante e imperiosa:

Sabe que mais? Vá tratar das bombas, seu bombeiro de má-morte!...

E assim, com tal *granada*, terminou a ingresia, desfazendo-se o núcleo formado pelos *heróicos combatentes* e circunstantes, remando cada um para seu norte.

Fatigado, sentámo-nos à sombra de viridentes e frondosos álamos, junto de cristalina fonte, cujas águas murmurosas, depois de caírem num pequenino reservatório, iam serpentes, através duma funda alcorca, juntar-se a outras que regavam extenso vale, onde pompeavam esmeraldinas searas que se estendiam, ao longe, até perder de vista.

Tirado o *palhinhas*, limpas as bagas de suor, que nos inundavam a fronte; aspirado, com força, um bafejo das brisas vespertinas, que então começavam a erguer-se lascivas, entrámos a discorrer sôbre as quatro palavras, remate daquele dichote expectorado pelo brutamontes baixo, gordo e forte para, indubitavelmente, vexar, reduzir a menos, no seu modo de ver, o outro antagonista que, a-pesar-de tudo, nos parecera um *alma de Deus*.

Bombeiro de má-morte!

¿É possível, dizíamos com os nossos botões, que assim se procure menoscar e ferir um homem que, unicamente por filantropia, se impôs a

obrigação de prestar à Sociedade, aos seus semelhantes, os mais valiosos serviços?

¿Nas horas tétricas dos sinistros, calamidades e infortúnios, sejam de dia ou de noite, quere luarenta e cá, lida, quere negra, tempestuosa e fria, não é o bombeiro quem sem garantias algumas (entre nós, pelo menos) mas tam sômente por abnegação e de si se desapossando, deixa pressuroso o trabalho, onde moureja para ganhar o pão quotidiano, ou o tépido leite, em que repousa das fadigas diurnas, que lhe quebrantaram o corpo, para, exercendo altruisticamente a mais bela, a mais divina das virtudes, ir salvar a vida e a propriedade alheias?

Bombeiro de má-morte!...

Oh, maldade, estupidez e ingratição humanas!

Assim cogitávamos, quando, de enxada ao ombro, nos apareceu do outro lado da estrada o Zé de Bastos, tipo de camponês possante e espadaúdo, inculto, mas, de seu natural, inteligente e bom.

Guardê-o Deus, sr. dr., disse.

Obrigado, meu amigo, respondemos.

E, logo, desejoso de entabolar colóquio, o Zé de Bastos acrescentou: ¿Que diz *Vossuria* daquela zaragata, de há bocado?

¿Que havemos de dizer, amigo Zé?

Que sincêramente lamentamos que os homens se maltratem e odeiem e, sôbretudo, que entre eles haja um que ouse chamar *bombeiro de má morte* a quem, nos momentos do perigo e só por devoção, por humanidade, por grandeza de alma, de si e dos seus se esquece, para, quantas vezes, à custa de prodigiosos esforços e através de mil riscos, arrancar à mesma Morte a vida do seu mais inconciliável inimigo?

E repetimos-lhe as perguntas que,

momentos antes, a nós próprio haviamos formulado.

O Zé de Bastos, esbugalhando muito os olhos e lançando aos ares, no final de nosso discurso, uma estridentegargalhada, que nos fez gelar o sangue nas veias, explicou:

—O sr. dr. está enganado...

Aquêl**le** bombeiro, não é bombeiro.

— Não é bombeiro? !...

— Não sr., confirma o Zé de Bastos. Eu lhe conto:—O António da Cristina tem um p^oço. Querendo reformar a bomba, pois a antiga já não prestava, chamou o Manuel Sardão, cujo ofício é fazer bombas para os p^oços, brocando pinheiros com um enorme verrumão. A obra não ficou em modo, segundo parece, e, daí, o banzé que *Vossurria* e eu presenciámos, acolá em baixo.

Ficámos, confessêmo-lo, com o nariz que nem uma pistola, mas ao mesmo tempo satisfeito por sabermos (embora censurando em consciência o tal

dichote) que o António da Cristina não tivera intenção de deprimir essa Falange do Bem, os bombeiros, que muito consideramos e estimamos...

Vá lá, vá lá, que o homem não era tam mau como nós o pintávamos. O mesmo acontece com Satanaz—o príncipe das trevas...

Esta a nossa modestíssima colaboração para o número comemorativo do cincoentenário da fundação da *Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro*, à qual rendemos as nossas humildes homenagens pelo seu passado brilhante, fazendo votos por que, no futuro, continuem conquistando os mais assinalados triunfos, sentindo não lhe oferecer melhor, por que



Um dos Pronto-Socorros dos Bombeiros

A árvore, que dá pilritos, não pode dar coisa boa

e cada um dá o que tem, consoante a sua pessoa...
Aveiro, 30-1-1932.

André dos Reis.

1882-1932

BODAS DE OIRO

DA

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

CONVIDADO, para colaborar, no número único da Revista de Humanagem, dedicada à prestante Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, em comemoração das suas bôdas de ouro, não pude esquivar-me a tão honrosa distinção, por razões várias e muito especialmente por ser um grande admirador de tão prestimosas colectividades. Em 27 de Janeiro de 1882, um grupo de cidadãos aveirenses, dos quais ainda vivem Manuel Homem Cristo, Fernando Cristo, Anselmo Ferreira, António Marques de Almeida, João Bernardo Ribeiro, Luís Benjamim e João Nunes da Maia, deliberou fundar uma corporação de Bombeiros, à qual foi dada o nome, salvo erro, que ainda hoje tem: Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro! Foi há 50 anos tomada esta resolução, reveladora de grandes sentimentos de bondade, de interesse e de defesa pelo próximo e não só por si próprios! Que dizer pois, de tão nobre ideia que foi posta em prática sob os melhores auspícios?! Que pensar, de uma Associação de Bombeiros Voluntários, que tem a grata ventura de festejar as suas bôdas de ouro?! Há que dizer o que a justiça lhe impõe. Há que pensar sinceramente alguma coisa de superior a todas as vaidades terrenas e ambições insofridas! Há que viver um pouco espiritualmente, honrando uma Associação benemerita e glorificando os seus decididos fundadores;

temos de abandonar por um pouco também, todos os interesses materiais, que à vida nos prendem profundamente!

E' na verdade consolador, para aqueles que num momento de bem intencionadas ideias, tiveram a felicidade de fundar uma Associação tão útil, assistir à comemoração do seu cinquentário! Quantas dôres teem sido aliviadas pelos Bombeiros Velhos, (assim mais conhecidos?! Quantas desgraças teem sido minoradas e até evitadas? Quantos serviços úteis, teem sido prestados?! E entretanto que recebem eles?! Que teem eles recebido?! — Acaso teem eles ligado aos seus serviços, o interesse material? Não! Apenas têm recebido a gratidão, o reconhecimento e a admiração! E por vezes, porque não dizê-lo?! — nem isso!

Mas apesar de tal, o que felizmente não é vulgar, a alma do Bombeiro é boa, grande e generosa! No seu coração não se albergam maus sentimentos! Apenas o domina, nas horas incertas e devastadoras do fogo, com o mais completo desprezo pela vida, ... o amor do próximo, a vida do seu semelhante, os haveres dos seus concidadãos! Belo exêmplo de humanidade e inesquecível prova de abnegação! Porque não olhar com admiração, para os Bombeiros, muito especialmente quando eles são voluntários, pois, como todos os demais Bombeiros, sacrificam as suas próprias vidas em prol das alheias... apenas com o desejo ar-

dente de praticar uma obra meritória! Honremos pois, os nossos Bombeiros Velhos, abraçando-os no dia das suas Bodas de Ouro! Curvemo-nos respeitosos perante a memória do que foi o seu 1.º comandante, o distinto official de marinha. Francisco Augusto da Fonseca Regala, e bem assim da da-queles que à sua corporação se dedicaram de corpo e alma! Felicitemos todos os membros desta gloriosa agremiação, na pessoa do seu actual 1.º comandante—sr. Isaias Augusto de Al-

rações os protótipos das mais belas manifestações da humanidade, salientando esse sentimento brilhante, sublime, que electriza os corações, que arrebatava as almas, que comove as multidões como um choque mágico, que é o amor do próximo! Sentimento grande, na verdade, profundo, capaz de feitos maravilhosos, admirável nas suas múltiplas manifestações, vasto e compreensivo como o seu próprio objecto e sempre cheio de abnegação e sacrifício!. Glorifiquemos pois estes



Dr. Joaquim de Melo Freitas

(Antigo Comandante dos Bombeiros)



João Bernardo Ribeiro Júnior

(Antigo Comandante dos Bombeiros)

buquerque—espírito bondoso e activo, conhecedor profundo do «métier», carácter bem formado e disciplinador, assim como o seu decidido colaborador e 2.º comandante — sr. Firmino Fernandes.

São grandes estes homens, cujas obras enchem de luz o meio moral em que vivem e constituem o mais grandioso legado da humanidade.

A cidade de Aveiro, honrando estes seus dignos filhos e dedicados servidores, paga uma grande dívida de gratidão e oferece à veneração das ge-

elementos valorosos da sociedade em que vivem, cercando-os, de uma atmosfera de carinho, admiração e respeito!

Aveiro—Janeiro 1932.

M. Marques da Silva.



EM POUCAS LINHAS

O amor do próximo, a dedicação do homem pelo homem, individual ou colectivamente, deriva da Lei Suprema e do seu Autor; e transcende da Lei natural, em todas as sociedades, em todas as gerações, através do tempo e do espaço, com as suas respectivas sanções mais ou menos impressivas e altruistas. E' da história da humanidade; — é da psicologia das multidões, antiga, da idade média, moderna, contemporânea; e se é lícito, no caso, discernir sobre o futuro, sê-lo há sempre.

Nos tempos actuais, porém, o pregação desse sentimento, dessa dedicação, tem-se derramado profundamente e abundantemente, atingindo fórmulas as mais variadas de aplicação e prática, — a distância, todavia, considerável... das palavras, dos discursos, dos entusiasmos febris de ocasião, de seita, ou partido. — E' também da história; da observação cotidiana; e, em suma, da perfeição ou imperfeição relativa que podem atingir os homens e as associações.

Quantum lenta solent inter viburna cupressi !

Nesta ordem de ideias (utilizando uma frase lapidária, consagrada, da região), merecem especial simpatia, respeito, e gratidão, os exemplos, e as lições que nos dão aqueles que, com sacrifício das suas comodidades, e risco da própria vida, se dedicam heróica e destemidamente à causa pública, à salvação da vida e dos haveres de seus semelhantes, em lances aflitivos e angustiosos.

Na nossa terra, felizmente, temos desses exemplares a impôr-se à consideração e simpatia dos seus concidadãos.

Além doutras agremiações, as duas companhias de Voluntários de que se vangloria a cidade, ocupam lugar eminente; — e a mais antiga, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, tem a sua manifesta e honrosa primazia.

Fundada em 1882, progredindo sempre em conhecimentos da sua técnica, e tirocinio ordenado e discreto dos seus trabalhos, aumento e aperfeiçoamento do seu material, administração

e orientação, não se esquecendo ainda da causa dos pobres, desválidos e doentes, merece que os aveirenses a festejem no 50.º aniversário da sua fundação, e lhe rendam o merecido preito, associando-se às suas festas.

Em testemunho do elevado apreço em que tenho o amor do próximo, individual e colectivo, e da obrigação e dever que todos te-

mos de nos amarmos e de nos auxiliarmos mutuamente, segundo os ditames do Evangelho, — o livro da Eterna Sabedoria, e a voz do coração — acedendo ao convite obsequioso e popular, — é que traço estas linhas, e as entrego, de bom grado, a quem mas pediu, o sr. Manuel José da Costa Guimarães, muito digno secretário da Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.



Manuel Gonçalves Moreira

(Antigo Comandante dos Bombeiros)

16/1/1932.

P.º R. Vieira.

DOIS SONETOS

Inspirados na comemoração das Bodas de Ouro
da Associação Humanitária dos Bombeiros V. de Aveiro

*Cincoenta? Mas quem faz cincoenta
já é muito avançar numa idade.
P'lo menos meio século que tenta
a dormir descansado como um frade.*

*Mas qual? O sono aqui não representa
por muito que dormindo lhes agrade,
mais do que sobressaltos da tormenta
que podem n'um momento ser verdade.*

*Cincoenta? Mas quem faz taes aninhos
contados n'uma vida salvadora
d'outras vidas ás chammas cruciantes,*

*mil abraços merece dos anjinhos,
benções da Virgem mãe, nossa Senhora
e de Cristo, promessas confortantes.*

*Cincoenta Janeiros com vigor
nos tempos que decorrem tão depressa?
Sómente por affecto, muito amor
a quem no seu larsinho se confessa*

*com respeito e gratidão ao salvador,
A grata devoção que muito expressa,
se manifesta em rezas ao Senhor
p'ra que mais cincoenta lh'es ofreça.*

*E então apoiados ao cajado
d'um caminho curvante da velhice
ou estrada pertinha do final,*

*vereis vosso nome respeitado
pedindo, perdoae se mais não disse
d'esse valor assim, sem equal.*

Janeiro de 1932

Luís Couceiro da Costa

PELO BEM

A humanidade não é constituída, como tantos podem julgar e exigir, por indivíduos de iguais capacidades, porquanto, espiritualmente, ou até materialmente, há sempre diferença rigorosa de raça para raça, de povo para povo, do indivíduo para o seu semelhante. Na ânsia da sua perfeição o ser humano vai, cada vez mais, distanciando-se entre si, formando os da vanguarda uma *élite* poderosa que guia e subjugua, materialmente ou por subtils fios espirituais, a massa geral. Os que caminham em frente seguem contudo rumos diferentes. A uns norteia-lhes os esforços essa insatisfação intelectual que produz o filósofo e o sábio, a outros, a cultura viril do corpo e dos seus jogos e ritmos mais sugestivos. A Arte em suas manifestações esplendorosas e irresistíveis absorve muitos, e a Aventura e a Curiosidade encaminham, perigosamente, tantos outros para as sendas dessa Glória doirada e longínqua que abraça os desejos do homem. Mas uma pequena minoria, a mais selecta talvez, e a mais modesta com certeza, destaca-se, contudo, nessa guarda-avançada. Distingue-a um móbil sublime, de belos designios e constituem-na todos os que sacrificando-se só pensam no bem-fazer. São os santos, são os apóstolos, são os mártires.

Nas sociedades modernas não existem já essas lendárias figuras de ascetas, de perfil esguio e de imundos corpos, que povoam as tebaidas e se isolavam nos ermos. Mas restam todavia os apóstolos. A palavra que eles pregam, iluminadas pelo bem-comum, se bem que de ideologia diferente do misticismo mediévo e agora bem pos-

suida de realidades terrenas, não deixa contudo de os erguer no conceito da Humanidade, e de os tornar tão grandes como os grandes luminares de outr'ora. E por essa mesma palavra eles vão sofrendo. Criam a aura da santidade que só os prosélitos distinguem. Muitas vezes tornam-se até mártires. Então, em seu redor, imolam-se em sangueiras estupidas e com carácter tipicamente científico, os outros mártires que as suas palavras e os seus exemplos fazem medrar.

E' pela palavra quente e sugestiva-nável desses, que se criam os núcleos abnegação e altruísmo. Formam-se na consciência conceitos novos e necessidades de bem-fazer. A vida passa a ter aspectos filantrópicos e de sacrifício. Dissolve-se o grosseiro materialismo que empanava iniciativas generosas. E uma obra superior, de vontade e de desinteresse, vai melhorando a Humanidade, curando-a em seus males ou remediando-a em seus desastres.

O bombeiro é bem a representação moderna do herói antigo. Não produz carnificinas ou ostensivamente ergue trofeus de inimigos humanos. Apenas combate um grande adversário—o fogo. A peleja é renhida e carece de valores. Valor e abnegação. E tão intensa esta é que o leva, às vezes, a morrer em socorro do semelhante ou mesmo, o que é mais para admirar, em simples interesse alheio. E de todo êsse sacrifício, e de todo êsse esforço, êle não espera recompensas ou galardões. Bastam-lhe apenas as da consciência do bem cumprido. Por isso em tudo o bombeiro é um herói.

António Cardo.

HUMANITARIA

Esta revista não ficaria completa se, por ventura, nela se não prestasse homenagem a todas as Direcções que teem gerido a administração desta Associação Humanitária e, principalmente, à que, desde 1925, vem dando o seu esforço para que os bombeiros possam desempenhar cabalmente a missão que a si mesmo se impuzeram, homenagem que aqui lhe prestamos.

Sou insuspeito para escrever estas linhas porque, fazendo parte, desde aquela data, do Conselho Fiscal desta Associação Humanitária, tenho acompanhado a par e passo todo o esforço desenvolvido, pelos membros dessa Direcção, esforço que é de justiça apontar a fim de que todos saibam quanta dedicação e boa vontade são necessárias para se conseguir levar a efeito os melhoramentos introduzidos no material desta Associação; tendo em atenção que a falta de fundos foi e é muito grande.

O material que existia à data da posse da actual Direcção era todo braçal, pelo que esta resolveu adquirir uma moto-bomba, ainda que pequena, mas de bom rendimento, moto-bomba que prestou os seus primeiros serviços, com belissimos resultados, no incêndio ocorrido em casa de José Maria dos S. Freire (o Parracho). Mais tarde, por oferta do Ex.^{mo} Sr. Egas Salgueiro adquiriu-se um automóvel que foi adaptado a pronto socorro; a seguir outra moto-bomba igual à primeira, depois, por oferta do Ex.^{mo} Sr. Dr. José Maria da Silva, outro automóvel que também foi adaptado a pronto socorro e, a seguir,

a transformação e beneficiação do material já existente, pondo-o apto a ser empregado em qualquer ocasião.

Esta Associação possui também um carro Ford, oferta, em testamento, do Ex.^{mo} Sr. Dr. Adriano de Vilhena Pereira da Cruz, automóvel que pensa transformar em auto-maca.

Uma das boas medidas desta Direcção foi ter segurado todos os bombeiros contra desastre ou morte ocorrida em incêndio ou exercício. E' bem verdade que esta Associação tinha já a sua Caixa de Socorros mas, com o seguro efectuado pela actual Direcção, ficam melhor acautelados os interesses dos bombeiros.

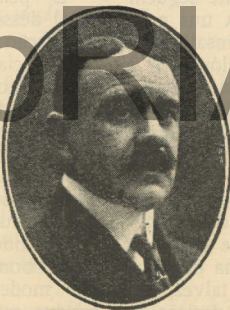
Para a realização destes e doutros benefícios que aqui não aponto por desnecessários, foi preciso gastar muita soma de energia, perder muito tempo e dispendir de muito boa vontade e dedicação, pelo que entendo que todos temos obrigação de estarmos reconhecidos aos membros da actual Direcção.

Seria injusto também não salientar o esforço dispendido pelos dois comandantes e bem assim por todos os graduados e praças no desempenho das missões que lhes foram destinadas para se conseguir fundos precisos para se poder melhorar, como se melhorou, todo o material desta Associação Humanitária.

Aveiro, Janeiro de 1932.

João Evangelista de Campos

Secretário do Conselho Fiscal



João de Morais Machado
(Antigo Comandante dos Bombeiros)



República Portuguesa

O Presidente da República Grão-Mestre das Ordens Portuguesas

Confere à Associação Humanitária dos Hombeiros

Voluntários de São

o grau de Comendador

de Benemerência.

da Ordem

*Nos termos do regulamento da mesma Ordem são-lhe concedidos
as honras e o direito ao uso das insígnias que lhe correspondem.*

Dado em Lisboa e Laços do Governo da República, aos
de Março de 1929.

António Oscar J. Carmona

José Vicente de Freitas

O Chanceler da Ordem,

Pedro José da Cunha.

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

1 DE JANEIRO DE 1932

Sócios

Sobreviventes e fundadores

João Bernardo Ribeiro Junior, Manuel Homem Cristo, Fernando Homem Cristo, Antonio Marques de Almeida, Anselmo Ferreira, Luiz Benjamim e João Nunes da Maia.

Sócios Honorários

João Bernardo Ribeiro Júnior e Ricardo Mendes da Costa.

Corpos gerentes

Assembleia Geral

Presidente—Dr. Alberto Souto; *Vice-presidente*, João Ferreira de Macedo; *1.º secretário*, Albano da Costa Pereira; *2.º secretário*, Jeremias dos Santos Moreira.

Conselho Fiscal

Alfereis Jaime Pereira da Silva Sabino, Firmino Fernandes e João Evangelista de Campos.

Direcção

Presidente—Ricardo Mendes da Costa; *Tesoureiro*, Máximo Henriques de Oliveira; *Secretário*, Manuel José da Costa Guimarães; *Vogais*, João Soares e Manuel Martins Raposo.

Comissão

que ofereceu o estandarte à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, em 27-1-918

D. Leonor Angela de Albuquerque, D. Maria Amélia Gispar, D. Arminda Vieira, D. Isaura Fernandes D. Maria da Luz Vieira, D. Aurora Augusta Rebelo.

Corpo Activo

Médico—Dr. Lourenço Simões Peixinho.
Capelão—Padre Lourenço da Silva Salgueiro
Farmacêutico—Arnaldo Ribeiro.

1.º Comandante—Isaías Augusto de Albuquerque.

2.º Comandante—Firmino Fernandes.

Fiscal de material—Manuel Soares.

1.ª Secção—Aspirantes, Manuel Matos Bandeira e José de Moraes; *agulhetas*, Zacarias da Silva e Carlos Francisco de Carvalho; *ajudantes de agulheta*, Armando de Pinho e Carlos Correia da Costa; *praças*, Francisco Correia, João Soares, Carlos Ferreira da Silva, Artur Pitarna, Basílio da Graça, Albertino Pereira e Armando Pereira Campos; *chauffeur*, António de Oliveira Junior.

2.ª Secção—Aspirantes, António Rodrigues Mieiro e Firmino Costa; *agulhetas*, Angelo da Silva Pádua e Carlos Simões Amaro; *ajudantes de agulheta*, Manuel Martins Raposo e António Monteiro; *praças*, Manuel Martins, João Amieiro, José Francisco Pereira, Aniano Soares, Belademiros Dias Marques, João dos Santos, Manuel Gonçalves Caçola e Gonçalo Pinto; *chauffeur*, João dos Santos.

Sócios Protectores

José Lopes do Casal Moreira, António de Moraes Machado, Domingos João dos Reis, D. Iluzinda de Magalhães Mesquita, Ricardo Pereira Campos, Silvério Augusto Barbosa de Magalhães, Trindade, Filhos, Dr. Luís Pereira do Val Júnior, José da Costa Monteiro, Jacinto Agapito Rebocho, D. Rosa da Apresentação Barbosa, Albino Pinto de Miranda, Dr. Manuel Pereira da Cruz, Máximo Henriques de Oliveira, José Maria da Silva Buxo, Manuel Lopes da Silva Guimarães, Albano Duarte Pinheiro e Silva, Octávio Duarte de Pinho, José Maria Nunes Branco, Pompeu da Costa Pereira, Dr. Pompeu de Melo Cardoso, Alfredo Esteves Ferreira, António Cândido Moreira, Eduardo Coelho da Silva,

Lino da Silva Marques, Dr. José Maria Soares, José da Fonseca Prat, João Simões Peixinho, Alfredo Maria dos Santos Freire, Jaime Inácio dos Santos, José Casimiro Graça, Manuel Moreira da Silva, Jerónimo Pereira Campos, Filhos, Dionísio Coelho da Silva José Rodrigues Mieiro, José de Matos, Gabriel de Sousa Albuquerque, Manuel Vieira Novo, Aniano de Pinho Vinagre, Raul Ferreira de Andrade, Fabiano Neto, António Vilar, D. Maria da Conceição Costa Oliveira, Germano da Silva Brilhante, Francisco Pinto de Almeida, Albano da Costa Pereira, Manuel de Matos Sarabando, Dr. António Fernandes Duarte Silva, Lívio da Silva Salgueiro, Manuel Evaristo de Albuquerque, António dos Santos, Eduardo Barros, Malaquias de Pinho das Neves, Constantino dos Santos Silva, António da Silva Corado, António Augusto da Silva, José Pinheiro Palpista, António dos Santos Silva, Manuel Fernandes Vieira, Pedro dos Santos Paula, Firmino Ferreira Gomes, João Simões da Cunha, José Moreira Freire, João Salgado, José Augusto Fernandes, Francisco Casimiro da Silva, António Guimarães, Manuel Barreiros de Macedo, Armando Ferreira da Costa, Acácio Marinho Laranjeira, Alfredo Pereira da Luz, Domingos Martins Vilaca, João Luís Flamengo, João de Deus Marques, José Gamelas Ferreira, José Gonçalves Gamelas, José Gonzalez, D. Laurinda Augusta da Costa, D. Maria Pereira Serrão, Manes Nogueira, Manuel Tavares de Sousa, Manuel de Figueiredo Prat, Manuel da Silva Corado, Manuel Estêvão da Silva, Ricardo Mendes da Costa, Jaime da Rosa Lima, Alfredo Manso Preto.

Inácio Marques da Cunha, Antonio de Pinho das Neves Nascimento, Dr. Adelino Simão da Fonseca Leal, Henrique dos Santos Rato, Adriano Alberto Pires, Anselmo Ferreira, Antonio da Costa Junior, Manuel Vicente Ferreira, Companhia Aveirense de Moagens, Viuva João Pereira Campos, Viuva João da Cruz Bento, Manuel Maria Moreira, José Manuel d'Oliveira Moura, João Vieira da Cunha, Custodio da Naia Fortes, Dr. Francisco Soares, Albano da Conceição, José Ferreira Pinto de Souza, Jeremias Vicente Ferreira, Pedro Gonçalves, Carlos Rodrigues da Paula, José Maria Gamelas, João Moreira, Americo Simões Teles, Manuel Pinto da Silva, Antonio Ferreira da Fonseca, Firmino Fernandes, Domingos Leite & C.ª Lda, Rufino Lopes dos Santos, Francisco Ferreira Jorge, António Simões Cruz, José Tavares Fitorra, João Inácio de Matos, João Ferreira, Antonio Marques da Cu-

nha, Antonio Luiz Morais da Cunha, D. Maria da Luz Tavora Barreto Ferraz Sachetti, Lourenço Vicente Ferreira, Manuel José de Barros, Manuel Rodrigues Branco, Manuel Antonio Lopes, João Baptista Moreira, Antonio Gabriel, Manuel Nunes Salgueiro, João dos Reis da Maia, Armando Ferreira Madail, José Augusto Ferreira de Mello, Jacinto Aurelio de Figueiredo, Alberto Casimiro da Silva, Laurentino Rodrigues, Domingos Pereira Guimarães, Gil Ferreira da Silva, Abel Pedro Ferreira da Silva, José Rodrigues Jeronimo.

Manuel Rodrigues da Graça, Jorge Tomaz da Cunha, Victor Coelho da Silva, Tiburcio Gomes Carapinha, Mizael Teixeira, Manuel Alves, Luiz Baptista dos Santos, José Augusto Couceiro, Augusto Natividade, Januario de Pinho das Neves, Henrique Nunes Ferreira Ramos, Albano Henriques Pereira, Carlos Aleluia, José Duarte Simão, Luiz Lopes dos Santos, João Evangelista Campos, João Gonçalves, Carlos José Marques, Luiz Vicente Ferreira, Manuel Magalhães, Antonio Maria Duarte, Manuel de Mattos Game-las, Manuel Homem Christo Junior, Amadeu de Souza, Angelo Gonçalves Peixinho, Joaquim Ferreira Barreto (Vidinha), Antonio da Costa Ferreira, Antonio dos Santos Graça, José Joaquim da Silva Padua, Fernando de Vilhena, Mario Duarte, D. Maria da Conceição Silva, João Rodrigues Limas, Antonio Freitas Junior, Artur Basto, Jaime Migueis Picado.

Ricardo Mieiro, Manuel Nunes Vidal, José Gustavo de Souza, Dr. José Emilio d'Almeida Azevedo, Francisco Antonio dos Santos, Manuel José da Costa Guimarães, Pompen de Mello Figueiredo, José Ferreira de Barros, Francisco Elias Carvalho Simão, Antonio Rodrigues da Paula, Francisco Gonçalves Andias, Bernardo A. da Costa e Souza, Pedro Augusto de Souza, Anselmo Alves Casimiro, Vidal dos Santos, Jacinto d'Oliveira e Silva, Francisco de Matos Junior, José da Silva, João Pires, Manuel Monteiro de Miranda, João Marques d'Oliveira, D. Estrela Pires Branco, João Gamellas, Dr. Alfredo José da Fonseca, Alfredo de Matos Viegas Antonio de Matos Pila, Mario Augusto de Castro, Antonio Nunes Ferreira Ramos, Luiz Firmino de Vilhena, D. Rosa Ferreira Gamellas, Antonio Joaquim Wenceslau, Artur Candeias, Gaspar Inacio Ferreira, Francisco Pereira Campos, Manuel Fernandes Lopes, Francisco Simões Cruz, Firmino Migueis Picado, João de Lemos

Firmino Cadete, Albano Pedro da Conceição, José Maria dos Santos, Manuel Patarrana, João Lopes da Silva Figueiredo.

Joaquim da Cruz Regala, Eduardo da Cruz Regala, João Pimenta, José Vieira d'Oliveira, Telmo Aguiar, João Jeronimo Dias, Antonio Campos Salgueiro, Antonio Nunes Queiroz, Manuel Alves Ribeiro, Pompeu da Costa Pereira Junior, Duarte Augusto Duarte, D. Severina de Moraes Ferreira, Francisco Pereira Lopes, Manuel Lopes d'Almeida, Clemente Couceiro, Manuel Pires Ferreira, Antonio Rocha, Aurelio Costa, Albano Duarte Silva, Mario Graça, Antonio Andrade, D. Clara Costa, Adolfo Geraldês, João da Naia Velinho, Joia de Noronha, Diogo Couceiro da Costa, Joaquim Pereira, Luiz de Mendonça Corte Real, Manuel Ramires Fernandes, José Nunes Ferreira Ramos, Filipe Monteiro, José Ferreira da Costa Mortagua, Luiz Vaz D. Benedita Regala de Vilhena, José da Silva Carvalho, Luiz Antonio de Almeida, João Ferreira de Macedo, José Marques Sobreiro, Antonio Pinheiro Palpista, Joaquim dos Reis, Luiz Mendes de Oliveira, Manuel Martins d'Almeida, Antonio dos Santos (Caboquinho), João de Pinho Soares, Abel d'Oliveira e Costa, Fernando Borges de Carvalho, Manuel d'Andrade Ruiva, Manuel Dilalma da Graça, Manuel José de Souza, Francisco Ventura, Carlos Alves de Figueiredo.

João Gamellas Ferreira, João da Cruz, José da Rocha Carola, Manuel Pinto Gama, Bento Vicente Ferreira, Jeremias dos Santos Moreira, Manuel da Naia Pacheco, José Maria dos Santos Victor, Francisco Rodrigues Limas, Americo Ferreira, Joaquim José Santana, Jacinto Cascais, Antenor de Matos, José d'Oliveira Barreto, Henrique da Costa, José Gomes, Antonio Kress de Carvalho, Júlio Pires de Carvalho, Manuel Batista de Sousa, José do Espírito Santo, António Marques da Fonseca, Francisco Porfírio da Silva, Manuel Maria Nunes, Francisco de Almeida Pais, Júlio Pereira Campos, José Pereira de Carvalho, Joaquim Rodrigues Louro, José Pacheco Freire Furtado, D. Rosalina Veiga Machado, Jaime Ferreira da Silva, João Nunes Salgueiro, José Marques de Carvalho, Alberto Pinto, João Andrade de Carvalho, Fausto Gomes Patarrana, Alfredo de Sousa Maia, Domingos Pereira Campos, Manuel Ceia de Almeida, Dr. Alberto Souto, Manuel dos Santos Ferreira, Henrique Pereira Campos, D. Francisco Tavarado, D. Conceição Maria dos Anjos, Pau-

lino Rodrigues Carreira, Ernesto Teixeira, D. Aurélia Teixeira Lopes, António Esteves Lima, Augusto Fernandes da Silva, Henrique Cruz, Leovegildo Matias de Melo, Manuel Figueiredo Vinagre, Mário Teles, Manuel Martins Abreu de Melo, José da Maia Romão Machado, Paulo Ferreira Lopes, Antero Simões Pina, António Augusto Martins, Jaime Pereira da Silva Sabino, D. Luisa Ernestina da Fonseca Regala, D. Rosa Marques Pecegueira, Testa & Amadores, José de Oliveira Ferreira, Manuel de Deus da Loura, Raul Marques de Almeida, José de Pinho, Gil Pires da Naia, António Rezende, Manuel Lourenço da Cunha, Manuel Gamelas, José Pinto da Silva, Albano de Matos, D. Laura da Silva Guimarães, Francisco Augusto Duarte.

Elviro da Graça, Júlio de Lemos, Artur Ferreira dos Santos, José Ricardo, José Nunes de Ana Júnior, José Augusto Pereira, José Manaia, António Souto Ratola, Joaquim de Pinho Vinagre, Joaquim Fernandes Martins, Saul Simões Neto, Manuel Gomes da Conceição, Raul Carvalho, Luís Paixão, Júlio Trindade, Dr. Alberto Soares Machado, João Gonçalves Andias, Viuva de Manuel da Fonseca Simões Cunha, Maria Nunes da Maia, Luisa Morais de Almeida, João Simões Bispo, Jeremias Soares, Manuel Soares Júnior, António dos Santos Morais, José Deus da Loura, Polínio da Costa Pirrê, Inácio Trindade, Vicente Agostinho Portugal, Francisco Marques Soares, Carlos Júlio Duarte, Manuel Gonçalves Caçola, João Gonçalves Caiado, João de Almeida (Noronha), João Maria Moreira, Bernardo Batista dos Santos, Joaquim dos Reis, João Maria Ferreira da Mota, Carlos Alberto Machado, José Vicente Ferreira, Joaquim de Andrade Carvalho, José Ramalho, José de Sousa Marques Ferreira, José Fino, Sebastião Luís Ferreira de Abreu, Aristides Dias de Figueiredo, Dr. José Tavares, Manuel Fernandes da Silva, José Mateus, Carlos da Costa Ferro, Amadeu da Silva Palavra, Manuel Martins Júnior, João Vieira Sarabando, Manuel Casimiro Graça, José Fernandes da Silva, João Ouvido Lourenço, Francisco Marques da Naia, Vitor dos Santos, Albano dos Santos, Alberto de Oliveira Carvalho, Manuel da Costa Figueiredo, Manuel Martins Soares, Manuel Correia da Silva, Arnaldo Ribeiro, António Bento Peres, João Rodrigues da Paula Júnior, António de Sousa Marques, Domingos Simões Neto, Samuel das Neves Fartura, Alvaro da Naia Sardo, João Veríssimo da Rocha Carola, Dr. Joaquim Henriques, António Joaquim Glória, Ladislau Meles, José Raimundo de Oliveira, Domingos Vicente Ferreira, José Si-

mões Amaro, Vitor da Graça César Ferreira, José Migueis Picado, Venerando de Matos, Agostinho Marques de Melo, João Rodrigues Vieira, Albino Maia.

D. Gabriela de Pinho Reis, Augusto Carvalho dos Reis, Jaime Rodrigues, Alberto Teixeira de Faria, António Pereira Campos, Artur Pais, Bernardino António da Graça, D. Arminda Ferreira Lopes, D. Emília Ferreira Lopes, D. Sara Ferreira Lopes, D. Amélia Duarte Moreira, António Júlio, Luís Rocha, Francisco Dias da Conceição, Manuel Fernandes Vieira Batista, José dos Santos, João Lopes dos Santos, Armando Gonçalves, Fernando Albuquerque, Artur Pereira Delgado, Luís Gamelas, Gonçalo Pinto, João André da Paula Dias Júnior, Florentino Vicente Ferreira, Manuel da Silva Martins, Manuel da Costa, Manuel Neves Deus, Luís António Duarte Fonseca e Silva, António Tavares de Sousa, Augusto Maria Neves, Arnaldo Sousa, Albano Batista, Joaquim Pedro Ramalho, José Maria Soares Carinha, José André da Paula Dias, Jaime Pinho das Neves, Júlio António da Costa, D. Maria Marques da Silva Soares, Humberto Moreira Trindade, António dos Santos da Benta, Jorge Augusto de Carvalho, António Osório, Dr. Abílio Barreto, Diamantino Moreira, D. Felicidade Cândida Ferreira, José Vinício Caracol Meireles, José dos Santos Gamelas, José Pedro Ferreira, Leonardo Campos de Almeida, Luís da Silva Corralo José Pereira, Bernardino Alexandre Monteiro, Anselmo Correia da Costa, Miguel Teixeira Lopes, D. Augusta Morais, Júlio Albano Pereira Duarte, Belmiro da Conceição Fartura, Cipriano António Ferreira Neto, José Augusto Ferreira Nunes, José Simões Neto, João Maria dos Reis da Rosária, Manuel da Luz Lemos, Raul da Costa Pereira, Armindo Neves Deus, José da Cruz Novo, José de Pinho, António Agostinho Portugal, António Rodrigues Duarte, David da Silva Cristo, Francisco da Silva Palavra, Florentino Nunes da Maia, D. Maria Ferreira Martins, Manuel da Silva Felix, António de Oliveira Farelá, Maximino Simões Ratola, Manuel Rato, Manes Nogueira Júnior, Ricardo Peixinho, Padre Manuel Rodrigues Vieira, D. Odília dos Anjos Soares, Manuel Mendes Leal, D. Rosa Marques da Silva, Lusía de Jesus Marta, Elena D. Gonçalves Neto, António Nunes Cabelo Barbosa, Gaudêncio de Almeida, Francisco Pereira de Melo Júnior, Manuel Maria da Silva Costa, Germano da Costa, Marcellino Vidal, José António de Assunção Júnior, Manuel dos Santos, António Gomes Patarrana, Dr. An-

tero Machado, João de Pinho Nascimento.

José Pereira da Cunha Pimentel, Vicente Pinheiro Palpista, António Ferreira de Andrade, Manuel de Sousa Marques, João de Deus Marques, Joaquim Alves Moreira, Luís Augusto Henriques Pinheiro, Mário Moreira Trindade, José Ferrão, Jeremias Soares Júnior, José Gonçalves do Padre, Bernardo da Cruz Regala, Domingos Pereira Campos, Francisco da Silva Brilhante, Manuel Moreira de Castro, Francisco Augusto Ferreira Regala, João Gonçalves da Peixinha, José António Pereira de Macedo e Vasconcelos, Eleutério Sarabando da Rocha, José Corrêa, Francisco Nascimento Corrêa, Manuel F. da Rocha Leitão, Belmiro Viegas, Carlos Duarte, D. Alice de Castro Regala, D. Glória Morais Pimentel, Dr. António Simões de Pinho, António José Nunes Rangel, Adelino Pinto, Benjamim Fidalgo, Caetano Matias de Melo, Eduardo Trindade, Inocêncio Soares, José Nunes Branco, José Barata Freire de Lima, José Tinoco, João Zeferino, João Soares, João Pinto Barros de Miranda, João Henriques, João Lopes, Manuel Ribeiro da Silva, D. Madalena de Albuquerque, João Batista Moreira, Manuel da Cruz Penetra Grumicho, Roque Gonçalves Maio, António Rodrigues Pereira, António Coelho Seixas, António de Pinho Vinagre, Henrique do Nascimento, João Maria Pina Gumerzindo da Silva, Serafim Nogueira da Costa, António dos Reis Santo Tirso, Eduardo de Carvalho, António Gomes, António Costa, Elias Simões Estrumeto, José Rodrigues Mourinho, Salbiano da Silva, Firmino Simões da Silva, Francisco Quadros Corte Real, Lourenço Deus da Louira, Jorge da Cruz Vieira, Manuel Figueiredo de Almeida Duarte Deus Regino, Joaquim da Costa Rebocho, José Lopes dos Santos Gamelas, Salvador dos Santos Ribeiro, João dos Reis da Rosária Júnior, João dos Santos Gamelas, Manuel Ferreira de Vilhena, Amadeu Morais, D. Maria Marques de Jesus Correia, José Ferreira do Amaral, João Teixeira Bastos, Dr. Manuel Marques da Silva, João Gomes da Silva, António da Silva Cravo, D. Florinda Ruço Gomes, Francisco J. Lopes de Almeida, Agostinho Tavares, António de Pinho, Bruno da Rocha, António Pires Branco de Castro, D. Estrela Peres Branco de Castro, Dionísio de Almeida, Norberto Augusto dos Santos Pinheiro, José Maria da Goma Lobo, João da Costa Belo, José Morais de Carvalho, Alvaro Barreto, Joaquim Teixeira, Júlio Gonçalves, José Maria dos Santos Freire, Manuel dos Santos

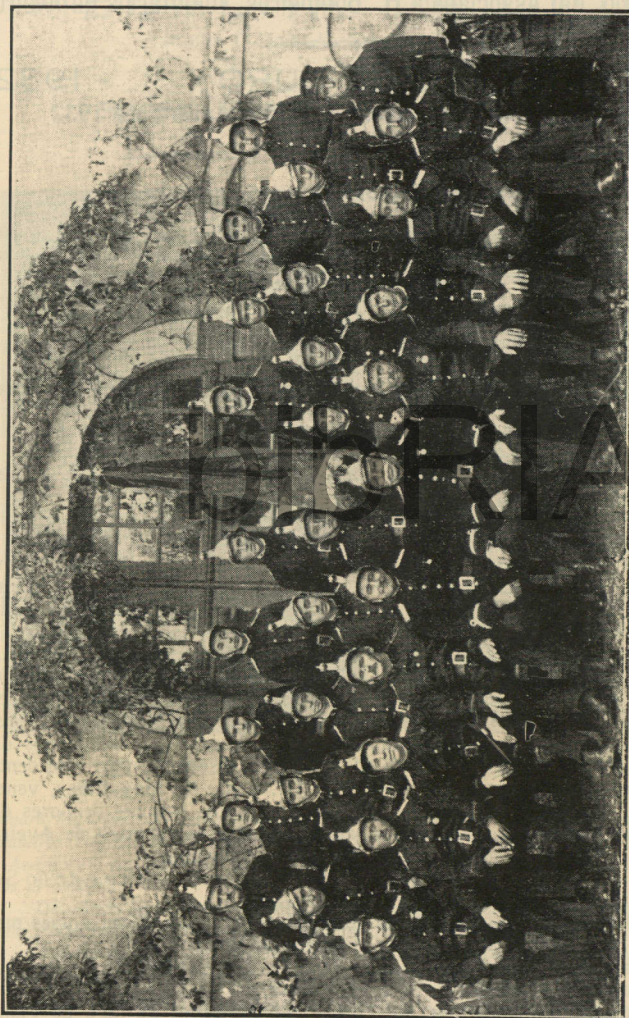
Silva, Martinho de Almeida, Ilídio Garcia, José Rodrigues Vieira, André Nogueira, João Ferreira da Fonseca, Jaciuto Simões Lebre, Manuel Pereira, Francisco Rodrigues Lima Júnior, Antonio Pereira, Antonio Pereira Carvalho, Antonio dos Santos Vieira, Antonio da Silva Justiça, D. Maria Candida Castanheira da Fonseca, Antonio da Cruz Bento Junior, José da Maia Romão Machado. José Pedro Soares de Melo Junior, Sansão de Matos Bandarra, Manuel da Cruz, Antonio de Melo Pinto de Gusmão Calheiros, Antonio José da Costa Campos, Salvador João Ro-

drigues, Manuel Augusto Henriques Pinheiro, Domingos Simões Peixinho, D. Olinda Maria Rodrigues Soares, Pedro Simões Instrumento, Ernesto Correia dos Santos, Manuel Maria Leitão, Hermenegildo Duarte, João Marques, Pedro Granjeon Eduardo da Cruz, João da Naia Sardo, Alvaro Pinho Moreira, Gilberto Lopes Nogueira, D. Deolinda dos Reis Cravo, Manuel dos Santos Furão e Carlos Manuel Gamelas.

Manuel José da Costa Guimarães
1.º secretário da Direcção.

bibRIA





Da esquerda para a direita — 1.º plano de pé: Basílio da Graça, Francisco Correia, Artur Piçarra, Aniano Soares, José Francisco Pereira, João Soares, Veladomiro Dias Marques, João Nunes Amieiro e João dos Santos.

2.º plano — De pé: Manuel Martins, António Monteiro, Carlos Correia da Costa, Manuel Gonçalves Caçola, Firmino Costa Albertino Pereira, Armando de Pinho, Carlos Ferreira da Silveira, Armando Pereira Campos e João dos Santos (chauffeur)

3.º plano — Sentados: Manuel Martins Raposo, António Rodrigues Meiro, José de Morais, Manuel Soares, Isaias Augusto de Albuquerque, 1.º comandante, Firmino Fernandes, 2.º comandante, Manuel Bandarra, Zacarias da Silveira, Angelo S. Pádua e Carlos Amaro

Cliché da Foto Central de H. Ramos

Cincoentenário da Associação H. Bombeiros Voluntários de Aveiro

1882 BODAS DE OURO 1932

Festas comemorativas em 30 e 31 de Janeiro de 1932

PROGRAMA

Sábado, 30 de Janeiro

8 horas — **Formatura** do Corpo Activo e continência à bandeira em frente ao Quartel e sede da Associação na Rua Gustavo Ferreira Pinto Bastos.
10 horas — **Missa** na igreja da Misericórdia resada por S. Ex.^a Rev.^{ma} sr. D. António Antunes, Bispo coadjutor de Coímbra, em sufrágio dos Bombeiros falecidos.

11 horas — **Romagem às sepulturas** dos Mortos da Associação, nos cemitérios da cidade.

20 horas — **Simulacro de incêndio** no Largo Municipal, com exercício pela Companhia.

Domingo, 31 de Janeiro

8 horas **Alvorada** pela Banda do Asilo Escola Distrital que percorrerá as ruas da cidade; salva de 21 tiros.

11 horas — **Recepção** às Deputações de Bombeiros que se dignarem vir assistir às Festas.

14 horas — **Formatura** da Companhia e de todas as Deputações que tomam parte nas festas com as suas viaturas, na R. Gustavo Ferreira Pinto Bastos; Parada no L. do Rossio, incorporando-se algumas das mais reputadas Bandas de Música do Distrito.

16 horas — **Sessão solene no Teatro Aveirense**, durante a qual será entregue à Corporação a **MEDALHA DA CIDADE** oferecida por subscrição pública com a assistência das Autoridades, Deputações visitantes, Associações locais, etc. usando da palavra os seguintes oradores: **Dr. Alberto Souto**, presidente da Assembleia Geral da Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro; **Dr. Mário Barroso**, distinto advogado de Viseu e antigo presidente dos Bombeiros Voluntários da mesma cidade; **Dr. Luís de Magalhães**, veneranda figura aveirense, filho de José Estêvão, e um dos maiores oradores de Portugal, que apesar da sua precária saúde, quis honrar o povo de Aveiro com a sua presença nesta comemoração dos seus bombeiros.

19 horas — **Jantar de confraternização**, por inscrição e convite no Salão de Ginástica do Liceu Central de José Estêvão.

Das 20 às 23 horas — **Concêrtos musicais** por algumas das nossas melhores bandas nos Largos Municipal e Marquês de Pombal.

A Rua Gustavo Ferreira Pinto Bastos e Largo Marquês de Pombal ostentarão **iluminações eléctricas e à veneziana**.

As festas terminarão por um **Grandioso Bouquet** de fogo de Viana do Castelo oferecido em homenagem ao Povo de Aveiro, pelos afamados pirotécnicos daquela cidade srs. SILVA & FILHOS.

HUMANITÁRIA

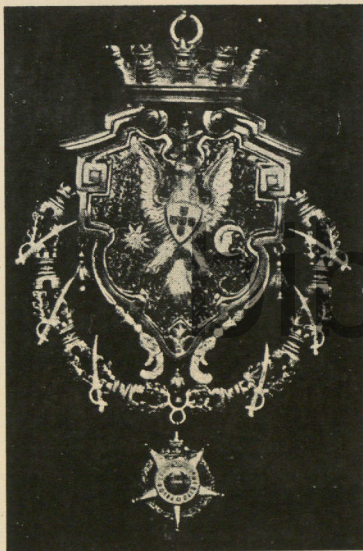
“MEDALHA DA CIDADE,,

(Estilo D. João V. Em Ouro, prata e esmalte)

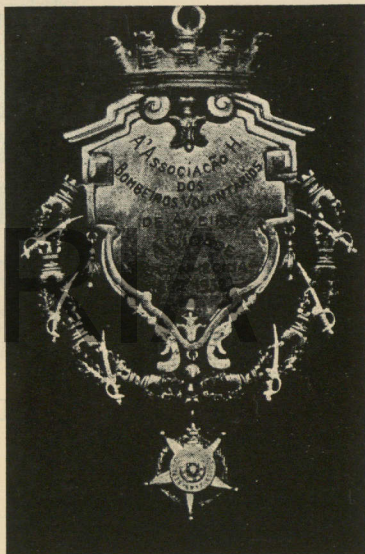
QUE

Uma comissão de amigos dos bombeiros adquiriu por subscrição pública

E



Frete



Verso



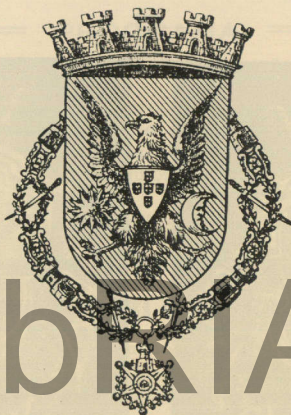
Câmara Municipal, em sessão solene comemorativa do cincoentenário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, entrega hoje a esta prestímosa Corporação, em nome da cidade de Aveiro e em reconhecimento dos muitos e relevantes serviços por ela prestados durante os seus 50 anos de existência.

Desenhada pelo aveirense sr. José de Pinho, artista de muito mérito. Execução do sr. Comendador Felipe José Bandeira, joalheiro portuense de grande renome.

A todos que prestaram o seu concurso a esta iniciativa, aqui deixamos consignados os nossos agradecimentos.

Aveiro, 31-1-932

A Comissão da "Medalha da Cidade"
Jaime Pereira da Silva Sabino
Jeremias dos Santos Moreira
Albano Henriques Pereira



biblioteca

CIDADE DE AVEIRO

— 1932 —

IMPRENSA UNIVERSAL

A V E I R O

T E L E F O N E 1 2 5

humanitária

HUMANITÁRIA

BIBLIOTECA DE DIAMANTE



DA
ASSOCIAÇÃO
HUMANITÁRIA
DOS BOMBEIROS
VOLUNTÁRIOS
DE AVEIRO

SUMÁRIO

	Pág.
O Meu Grão de Incenso — D. João Evangelista de Lima Vidal.	3
Saudação — Dr. Francisco do Vale Guimarães.	3
Nas « Bobas de Diamante » da Associação H. dos Bombeiros V. de Aveiro — 75 anos de Altruísmo — Dr. Humberto Leilão	5
Admiração pelo sacrifício e pela coragem — Dr. Alvaro Sampaio.	5
Uma certeza — Moura e Silva	12
Altruísmo obscuro e anónimo — Dr. José Tavares	13
A Minha saudação — Coronel Serafim de Moraes Júnior	13
Cruzada do bem ou a explosão do amor — Dr. Querubim Guimarães.	15
O fogo leva tudo! — Desembargador Melo Freitas	17
O bem pelo bem — Prof. Dr. Barbosa de Magalhes	19
Está no Evangelho — Padre M. Caetano Fidalgo	23
À procura de um significado para a palavra « Humanidade » — Dr. Vasco Branco.	25
Herança sagrada! — Dr. Alberto Souto	29
Presente! — D. Carolina Homem Christo	31
Saudação — Eduardo Cerqueira	33
Grimpa gloriosa — Carlos de Moraes	35
Um escândalo! — Dr. David Cristo	37
Evocação — Dr. Albano Pedro da Conceição	39
Associação Humanitária — Prof. F. A. da Silva Rocha	41
Aveiro — António Cardo	43

Propriedade da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

EDITOR: AUGUSTO PINHO VARELA

Visado pela Comissão de Censura

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA UNIVERSAL — AVEIRO — TELEF. 125

Capa: Desenho de JOÃO SALGUEIRO — Aveiro



1882

1957



DR. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES
Governador Civil de Aveiro

DR. ÁLVARO DA SILVA SAMPAIO
Presidente da Câmara de Aveiro

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

ao comemorar o seu 75.^o
Aniversário
saída o Go-
verno, Enti-
dades Ofi-



Coronel SERAFIM DE MORAIS JÚNIOR
Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte

ciais, Corpo-
rações congé-
neres e todo o
povo e Colec-
tividades do
Distrito



República Portuguesa
O Presidente da República
Grão-Mestre das Ordens Portuguesas

Confere à Associação Humanitária dos Membros
Voluntários de Armeiro
o grau de Comendador da Ordem
de Benemerência.

Nos termos do regulamento da mesma Ordem são-lhe concedidos
as honras e o direito ao uso das insígnias que lhe correspondem.

Dado em Lisboa e Lixos do Governo da República, aos 9
de Março de 1929.

António Oscar T. Carmona
José Vicente de Freitas

O Chanceler da Ordem,
Pedra José da Cunha.

Há males que vêm por bem, diz o
nosso povo. * quelque chose*
malheur est bon, dizem também, no mes-
mo sentido, os franceses. E a própria Igreja,
entrando no mesmo espírito de observação
e de crítica, chama   culpa do homem uma
culpa feliz — *oh felix culpa*, porque teve o
mérito, embora negativo, de nos trazer
como consequência um tal Redentor!

O MEU GRÃO DE INCENSO

Por D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL

A mim não me lembra já nada do in-
c ndio que devorou o Convento de S ,
ainda que esteja na ideia de que esse fogo não tenha sido anterior   minha
idade. Nem me lembra de que a minha mãe, que habitou nessa casa até à data
do seu casamento, nos tenha entretido alguma vez com a narração da desgraça;
o que não tira nada é verdade histórica das chamas que alarmaram a terra e
consumiram por inteiro o Mosteiro de S .

Dessas ruínas, porém, brotou uma vida, como das cinzas da F nix ressurgiu
uma  guia ainda mais poderosa e mais bela. Do braseiro de S  nasceu,
com efeito, a ideia profunda de se evitar no futuro a repetição da catástrofe.

Logo ali, por entre as labaredas, começou a fermentar a instituição dos
bombeiros. E, como semente lançada à terra fértil, o pequenino grão tomou
depressa volume maior até ser isto que nós todos estamos a ver, consolados,
cheios de esperança, diante dos nossos olhos maravilhados.

Diz-se na «Humanitária» que as corporações dos bombeiros são

SAUDAÇÃO

Com duplo prazer acedo ao
convite que me foi dirigido
para colaborar neste número
especial de homenagem   Asso-
cia  o Humanitária dos Bombe-
iros Voluntários de Aveiro, que
celebra agora o seu 75.  an-
ivers rio.

Como Governador Civil sa do
essa prestimosa Associação de
dedicados servidores do bem
público em tão útil e desinte-
ressada missão, desejando-lhe
as maiores prosperidades e
afirmando-lhe todo o apoio às
suas legítimas aspirações.

Como aveirense formulo os
melhores votos para que esta
cidade atinja, em tão simp -
tica e altruísta devoção ao
amor do próximo, a mais ele-
vada altura na sua organização
e na eficiência dos seus ser-
vi os.

O ideal de bem-fazer do Bom-
beiro deve ter no coração de
todos lugar de honra. Creio
que a Associação Humanitária
dos Bombeiros Voluntários de
Aveiro vive, efectivamente, na
gratidão dos aveirenses que
não esquecem o muito que lhe
devem.

FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES

compostas principalmente por gente do povo, trabalhadores, pescadores, operários, homens do campo ou das oficinas, das mais humildes profissões sociais.

Isto é uma verdadeira consagração, quase diria uma auréola de santidade. São os mais pobres, os deserdados, os que pouco ou nada têm a sofrer com o fogo, são esses mesmos, sem sombra de inveja, sem ressentimentos da sorte, que mais se esforçam e se arriscam para salvar a fortuna dos grandes. A mim, só pensar nisto, as lágrimas me vêm logo aos olhos. Não se pode ter uma alma mais heróica, mais magnânima.

Mas longe de mim poder pensar que esta espantosa magnanidade seja privilégio exclusivo dos braços fortes do operário ou do cultivador dos campos. Todos se lembram de que, em Lisboa, quando os sinos tocavam a fogo, o primeiro a aparecer no local do sinistro, com os cabelos ao vento, com o machado e o martelo nas mãos, com o coração a desdenhar dos perigos, era o Infante D. Afonso, muito mais esplendoroso e mais belo no ataque ao incêndio do que pomposo e cheio de fausto nas cerimônias da corte. Até lhe ficou, com a pressa desses momentos, o nome popular e ingênuo com que o povo consagrou a sua pitoresca personalidade e, por assim dizer, lhe gravou no caixão: *Arreda!*

E, se aqueles que vivem mais do espírito e da inteligência do que da força dos músculos, os chamados intelectuais, não aguentam frente a frente com os esforços de lutas tamanhas, não deixam no entanto de comparecer no teatro do valoroso combate, fazendo aquilo de que é capaz a sua carne mais frágil: levar algum balde de água à mangueira ou ajudar em pequenos acessórios detalhes o gênio e o esforço dos grandes trabalhadores. Todos ali se encontram juntos, verdadeiramente nivelados, nessa obra de salvação!

Aveiro, 29 de Dezembro de 1956.

† JOÃO EVANGELISTA,

Arcebispo o-Bispo de Aveiro

Nas BODAS DE DIAMANTE
da Associação Humanitária
dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

75 anos de altruismo

pelo Dr. HUMBERTO LEITÃO

NOS tempos idos, e por mercê de Deus, poucas vezes Aveiro sentiu a tragédia do fogo, o terror dos grandes incêndios. Podem contar-se: — em 1628, no Paiol, na antiga Capela de S. João, no Rossio, havendo mortes; em 1712, na sacristia do Convento de Santo António; em Outubro de 1843, no Convento de N. S. da Misericórdia; em 20 de Julho de 1864, no antigo Palácio dos Tavares, senhores de Mira, construído em 1500, que fora o Paço dos prelados do Bispado de Aveiro, na rua dos Tavares, e onde, desde 1849, se achavam instaladas as repartições do Governo Civil; e em 19 de Novembro de 1865, na estação do caminho de ferro, inaugurada no ano anterior.

Talvez por isso mesmo, por essa faliz raridade, apenas em meados do século passado apareceram aqui os primeiros apetrechos para combater o fogo, rudimentares, pequenas bombas braçais de escasso rendimento, propriedade municipal — no momento próprio postas à disposição do público que, generosa e voluntariamente, acorresse ao local do sinistro.

Desse público, benemérito anónimo, disposto ao sacrifício máximo nos momentos de perigo, suprimindo largamente com o coração e com os músculos o que lhe faltava em preparação técnica, encontramos fiel retrato na magnífica e viva descrição, dada por um jornal aveirense da época, do pavoroso incêndio que, na noite de S. João do ano de 1871, destruiu completamente um dos melhores edifícios de Aveiro, o Palácio dos Viscondes de Almeida:

«... Eram 2 horas e meia da madrugada. A noite, até ali ventosa, estava serena, girando apenas uma tépida bagagem. Aqueles que se tinham entregado aos divertimentos próprios da ocasião, haviam-se recolhido. Tudo jazia em silêncio. Neste momento, um sinal sinistro

Admiração pelo sacrifício e pela coragem

Há muitos anos já, desde que pisei terras de Aveiro, que nutro profunda simpatia e admiração pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, que agora festeja o 75.º aniversário da sua fundação. Esta admiração é-lhe devida não só por mim, mas também por parte de todos os aveirenses que saibam avaliar o sacrifício alheio, que reconheçam a abnegação de um punhado de homens que, com risco da sua própria vida, acorrem pressurosos a salvar a vida e os haveres dos seus semelhantes não importa quem nem onde. Uma tal benemérita instituição, cujos servidores levam tão longe o espírito de sacrifício e o sincero desinteresse material, não pode deixar de ser acarinhada, auxiliada e admirada por todos, seja qual for a sua índole ou condição. Estou seguro de que ninguém regateia louvores a esse sacrifício e deixa de prestar homenagem ao valor, abnegação e coragem dos nossos Bombeiros.

Setenta e cinco anos de incansável actividade, impregnada de humanitarismo, é a maior folha de serviços que uma instituição desta natureza pode apresentar. Daqui a saúde por esta feliz data e presto sincero culto aos seus fundadores e continuadores.

Paços do Concelho, 3 de Janeiro de 1957

ALVARO SAMPAIO

e que, felizmente, poucas vezes se ouve entre nós, despertou os habitantes, de improviso: — eram toques acelerados de incêndio, dados não só nas torres dos diferentes templos e conventos da cidade, mas também na dos Paços do Município. O palacete do Sr. João Car-

los do Amaral Osório, Visconde d'Almeidinha, situado no Terreiro, ardia de uma maneira que dificilmente se tornava salvá-lo.

«O incêndio manifestou-se a um canto da casa do segundo andar, do lado de sudoeste, e as rubras chamas, lambendo com incrível rapidez quanto encontravam, aproximaram-se do cume do edifício em pouco minutos. Houve, então, uma dessas cenas medonhas que aterram quem as presenciam: o ígneo elemento assumia proporções terríveis, e as línguas de fogo, fluuando envoltas em espesso fumo, subiam a grande altura. Dir-se-ia o Etna, vomitando, de seu seio, ardentes lavas. Após isto, uma detonação longa e medonha, e baqueia o tecto daquela bela casa, seguindo-se-lhe um estrépito rouco e pavoroso.

Daí a pouco brilhava a flama ardente por entre as vidraças, e estas, não podendo suportar o fogo, estalavam umas após outras. Viam-se, então, as chamas, como farpadas línguas de serpentes, a saírem pelas diferentes janelas, parecendo quererem devorar, naquela precipitação assoladora, quanto lhes obstava a passagem.

«Era um espectáculo sublime de horror e desolação!

Ao local do incêndio logo afluíu gente de toda a parte. Ali se viam as pessoas mais gradadas da cidade, e entre elas os srs. Governador Civil, Administrador do concelho, e seu secretário, e o destacamento aqui estacionado, com toda a oficialidade, que compareceu logo no Terreiro.

«Apareceram também bombas, que prestaram serviço, mas no estado em que o fogo se achava, impossível era salvar o edifício. Obraram-se ali prodígios, e muitos indivíduos arrostaram com a morte para salvarem o que podiam.

«É nestas ocasiões críticas que se revela o génio prestante dos habitantes desta cidade. Mancebos ali apareceram, e homens já de idade, tão corajosos que entravam e saíam na casa a salvar móveis e o que encontravam, com tal denuedo, que nem os intimidava o fogo a crepitar por sobre suas cabeças. Era o heroísmo e a vontade inabalável de ser útil à humanidade.

«Daquele belo edifício — onde tantas festas beneficentes se realizaram, e onde

o luxo, o fausto e a sumptuosidade rivalizavam com as riquezas assombrosas do Conde do Farrobo, — apenas restam as paredes desmanteladas e em ruínas, com as janelas sem portas, e enegrecidas pelo fumo. Assemelha-se aquele palácio, que era um dos formosos ornamentos de Aveiro, a um esqueleto, com as fauces escancaradas, despertando a mais séria reflexão nos que o contemplam!

(De «O Campeão das Províncias»)

Este impressionante incêndio ficou, por muito tempo, na lembrança da nossa gente, e ainda a sua trágica recordação se não havia desvanecido quando, na madrugada do dia 12 de Janeiro de 1882, um novo e gravíssimo sinistro — então no Convento de Sá — alarmou a cidade, a ponto do Presidente da Câmara Municipal, **Ma-**

nuel Firmino de Almeida Maia, em sessão nesse dia efectuada, e atentas as precárias circunstâncias em que o Município se encontrava em relação ao material de extinção de fogos, que possuía, que não satisfazia as necessidades, propor a aquisição urgente de «uma bomba nas condições precisas para bem servir, e também dos mais aprestes que são indispensáveis em casos tais, como escadas, machados, baldes, escadas de salvação, etc., tudo, finalmente, o que a ciência aconselha no que respeita ao serviço de extinção de incêndios». Esta proposta foi

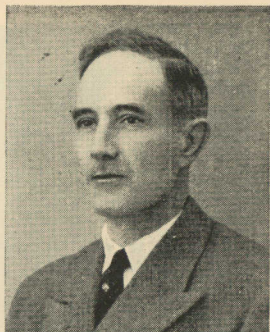
aplaudida, com entusiasmo, por toda a Câmara, que sugeriu ainda a urgente formação de «um corpo de bombeiros voluntários capaz de desempenhar-se satisfatoriamente do encargo que tão nobre e elevada missão impõe».

Assim nasceu, naquele dia, a primeira corporação de bombeiros de Aveiro. Tomou, de início, o nome de Companhia de Bombeiros Voluntários, para mais tarde se designar por Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

Da sua fundação legal dá conta a acta seguinte:



DR. HUMBERTO LEITÃO
Presidente da Direcção



AUGUSTO PINHO VARELA
Secretário da Direcção

«Às doze horas da manhã do dia 28 de Novembro de 1882, na sala das sessões da Câmara Municipal, achando-se reunidos os indivíduos que assinam, tomou a palavra o cidadão **Francisco Augusto da Fonseca Regala**, e disse que tendo sido procurado, em nome dos indivíduos presentes, por uma comissão composta dos cidadãos **José Maria de Carvalho Branco**, **Manuel Homem de Carvalho e Christo**, **José Vieira da Costa**, **Fernando Homem de Christo** e **José de Azevedo Leite**, afim de o convidarem a acompanhá-los na organização de uma Companhia de Bombeiros Voluntários — que eles, a pedido da Câmara Municipal deste concelho, desejavam constituir, para se exercitarem no manejo das máquinas e demais material que o Município possui, destinado à extinção de incêndios, e dele se servirem quando alguma destas calamidades se manifestem no concelho, concorrendo com os seus esforços e trabalho para a debelação dessas calamidades, — estava pronto, não só a fazer parte dessa Companhia, mas para, com o seu auxilio e boa-vontade, concorrer para que tão generosa ideia fosse por diante.

Disse mais que a mesma comissão o encarregara de redigir um projecto de Estatutos, que fossem depois de competentemente aprovados, a lei da mesma Companhia; e que desse encargo se desempenhara o melhor que podera,

e vinha apresentar o seu trabalho à aprovação da assembleia presente nesta sala.

Em seguida propoz que eu, **Francisco de Pinho Guedes Pinto** fizesse nesta reunião, e desempenhasse as vezes de secretário, o que, sendo aprovado pela assembleia, procedeu o mesmo cidadão, **Francisco Regala**, à leitura do projecto de Estatutos, o qual, sendo posto à discussão, foi unanimemente aprovado pela assembleia, e em seguida assinados três exemplares deles para serem remetidos à Câmara Municipal, a fim de por elle serem aceites, na parte que lhe dizem respeito, e depois enviados à autoridade administrativa para a aprovação legal.

Deste modo deu-se a Campanhia como provisoriamente constituída, devendo-se regular pelas disposições dos mesmos Estatutos deste dia em diante, e declarando-se logo que, desde que o projecto agora aprovado não sofra alteração alguma da parte da Câmara Municipal ou da autoridade administrativa, se considerem como definitivas as resoluções nesta sessão tomadas.

Depois disto propoz o mesmo cidadão, **Francisco Regala**, que vista esta resolução da assembleia, julgara conveniente que immediatamente se procedesse à eleição dos cargos da Companhia, o que, sendo aprovado pela assembleia, logo se efectuou por aclamação, com o seguinte resultado:

Comandante — **Francisco Augusto da Fonseca Regala**

Na 1.ª secção:

Primeiro Patrão — **José Maria de Carvalho Branco**

Segundo dito — **José Vieira da Costa**

Bomba n.º 1:

Primeiro agulheta — **João de Oliveira Christovam**

Segundo dito — **Manuel Tavares da Graça**

Primeiro ajudante — **Rufino de Sousa Lopes**

Segundo dito — **Manuel da Rosa**

Bombas n.ºs 2 e 3:

Primeiro agulheta — **João Augusto de Sousa**

Segundo dito — **José Bernardes da Cruz**

Na 2.ª secção:

Primeiro Patrão — **Manuel Homem de Carvalho e Christo**

Segundo dito — **Fernando Homem de Christo**

Aspirante — **Manuel da Rocha**

Director de ambulância — **João Bernardo Ribeiro J.º**

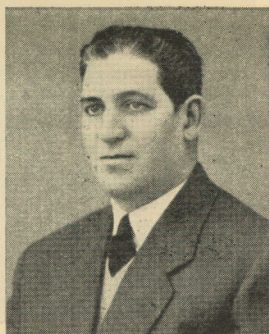
Fiscal de material — **Francisco Pinho Guedes Pinto**



DR. JOÃO LAPA DE OLIVEIRA
Tesoureiro da Associação

Em seguida, cada um dos eleitos agradeceu à Assembleia a confiança neles depositada, acrescentando o Comandante que, nas atribuições do cargo que lhe tinha sido conferido, desde já determinava que comesçassem os exercícios da Companhia, aproveitando assim o auxílio que a Câmara Municipal ofereceu, influndo para que viesse a esta cidade o segundo patrão da Companhia dos Bombeiros Voluntários do Porto, sr. José Rodrigues Barrote, expressamente para instruir a Companhia no serviço a que se destinava, e que, estando já entre nós o mesmo senhor, era necessário aproveitar as suas lições, — e propoz que, nesta acta, se mencionasse a gratidão com que a Companhia recebia mais este auxílio da Câmara Municipal, bem como os serviços que o sr. Barrote, generosa e dedicadamente ia prestar à mesma Companhia.

E não havendo mais que resolver se encerrou a presente sessão preparatória, de que se lavrou a presente acta, que vai ser assinada por todas as pessoas presentes, depois de lida por mim **Francisco de Pinho Guedes Pinto**, servindo de secretário da Companhia, que a a escrevi e também assino.



JOSÉ RODRIGUES VIEIRA
Vogal da Direcção

aa) *Francisco Augusto da Fonseca Regala, Manuel Homem de Carvalho e Christo, José Maria de Carvalho Branco, José Vieira da Costa, Júlio da Rocha, Manuel Ferreira, José d'Azevedo Leite, Fernando Homem Christo, José Marques d'Almeida, José Bernar.les da Cruz, João Augusto de Sousa, Manuel da Rosa, Mannel Tavares da Graça, Rufino de Sousa Lopes, João de Nunes da Maia, Miguel dos Santos Gamelas, João de Oliveira Chrisostomo, João António da Graça, Sertório Maria Afonso, João da Silva J.^{or}, Francisco Ferreira, António Marques d'Almeida J.^{or}, João Bernardo Ribeiro J.^{or}, Anselmo Ferreira, António Duarte dos Santos Gamelas, António de Sousa Marques, Júlio da Rocha, Jerónimo Marques d'Oliveira, Luís Benjamim, Manuel da Rocha, e Francisco de Pinho Guedes Pinto.*

Um mês depois, exactamente, em 28 de Dezembro, com a aprovação official dos Estatutos, ficou a Companhia legalmente constituída; e, no dia immediato, pelas 11 horas da manhã, na «casa que serve de estação das bombas e máquinas», com a presença do Presidente da Câmara, **Manuel Firmino de Almeida Maia**, procedeu-se à entrega do material de incêndios que a Câmara possuía. (Cabe referir aqui que foi com a Câmara de Dr. Bento Rodrigues Xavier de Magalhães que, em 1858, vieram para Aveiro as duas primeiras bombas de incêndio).



JOÃO SOARES
Vogal da Direcção

Começou, então, uma fase de preparação intensa levada a cabo com indescritível entusiasmo. O público, chamado a colaborar nesta obra de interesse colectivo, animou, com a sua presença, o «Grande Bazar», levado a efeito, no Jardim Público, em 3 de Maio de 1884, por iniciativa dos srs. Duarte Ferreira Pinto Basto J.^{or}, Carlos Faria e Melo, António Ferreira de Araújo e Silva, João da Silva Melo Guimarães, António Augusto Duarte e Silva, João Augusto Marques Gomes e Francisco Vitorino Barbosa de Magalhães. As filarmónicas *Amizade*, *Aveirense* e da *Vista Alegre*, participaram graciosamente; o Montepio emprestou os seus pavilhões; e a população contribuiu com prendas para esta festa, que rendeu a importante quantia de 361\$220 réis.

O esforço daquele punhado de homens que, voluntariamente, se comprometera a velar pela vida e

pelos bens do semelhante, por todos era compreendido e animado. Assim...

«... O Governo Civil, tendo conhecimento do modo brioso com que a Companhia se portára no terrível incêndio que, na noite de 15 de Novembro de 1884, tivera lugar nas casas de habitação de José António de Resende, à Costeira, e dos relevantes serviços ali prestados pela mesma Companhia que, com grave risco e perigo de algumas das suas praças, conseguira, a muito custo, evitar que o fogo se propagasse às casas vizinhas, por isso e por julgar um dever da sua parte, desejava saber quais as praças que o Comandante entendia deverem ser condecoradas, pois que não podia pedir ao Governo condecoração para todas elas, como de toda a vontade faria, se fosse possível».

Pelo mesmo motivo, igualmente a Câmara Municipal, pelo seu presidente, felicitou a Companhia, agradecendo-lhe em nome da Cidade, os serviços que tão generosa e arriscadamente lhe prestou.

Em resposta, a Companhia absteve-se de indicar os nomes das praças a condecorar, porque essas distinções poderiam produzir rivalidades e promover a desmonia entre os sócios. Para seu prêmio lhe bastava a satisfação de terem cumprido, cada um na medida das suas forças, como um dever que, voluntariamente e da melhor vontade, se impuseram. Além disso, seria difícil distinguir os que mais serviços prestaram, pois todos se portaram denodadamente.

Em Janeiro de 1887 — sendo de 40 homens o efectivo da Companhia — a Câmara da presidência do Dr. Elias Fernandes Pereira resolveu conceder uma pensão pecuniária aos bombeiros, alistados há mais de um ano, que se inutilizassem no serviço de extinção de incêndios, ou às suas viúvas, entregando a Câmara à Companhia os júros de 2 inscrições de 100\$000 réis.

Em Fevereiro de 1888, o **Dr. Joaquim de Melo Freitas** foi nomeado Comandante, cargo que foi posteriormente ocupado pelo sr. **Carvalho Branco**,

em 1893, pelo sr. **João Bernardo Ribeiro Júnior**, em 1895, e pelo sr. **Manuel Gonçalves Moreira**, em 1897.

Conveniências da vida interna da Companhia levaram-na à dissolução, em Dezembro de 1898, transformando-a na ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AVEIRO. A mesma gente, o mesmo material, iguais fins altruístas, — com novos moldes orgânicos, nova estrutura estatutária, e nova designação, — numa palavra, independência da tutela municipal, embora a Câmara, como era de justiça, auxiliasse com um subsídio anual.

Nos documentos da época aparecem como renovadores, os nomes de **Manuel Gonçalves Moreira**, **João de Moraes Machado**, **Manuel da Rocha**, **Luís Benjamim**, **João da Silva J.^{or}**, **Teodorico Augusto da Silva**, **Firmino Fernandes**, **Manuel Ferreira**, **Manuel de Matos Bandarra**, **Pedro Soares**, **Joaquim dos Santos Gamelas**, **José Maria Pereira**, **Jerônimo Marcos de Carvalho**, **Lourenço de Oliveira Brandão**, **Isaías de Albuquerque**, **Abel Ferreira**, **João do Amaral Fartura**, **Angelo Augusto Sérgio**, **João Pinto de Miranda**, **José Pereira Carvalho**, **Domingos Vieira Guimarães**, **Gaspar Augusto da Cunha** e **João Augusto de Mendonça Barreto**.

A nova Direcção reuniu pela primeira vez no dia 25 de Janeiro de 1899, sob a presidência do sr. **Dr. Joaquim Simões Peixinho**.

A Câmara Municipal, do Dr. Alvaro Moura Coutinho de Almeida d'Eça, deu facilidades e permitiu que o Quartel ficasse instalado numa antiga arrecadação camarária, na Rua de Santa Catarina, junto do Teatro Aveirense, com a condição da Associação alugar, por sua conta e por 12\$000 réis semestrais, um armazém onde se fizesse arrecadação. Então, pela primeira vez, contratou-se um contínuo ou chaveiro, mediante concurso e fiança de 50\$000 réis, o qual vencia o ordenado mensal de 9\$000 réis.



DR. ANTÓNIO PEIXINHO
Médico do Corpo Activo

Nesse ano, sob um certo desafogo económico, efectuaram-se as seguintes aquisições:

- 150 metros de mangueira de lona, a 450 réis o metro;
- 1 bomba de chaminé, por 16\$820 réis;
- 5 lanços de escada Portuense, por 60\$000 réis;
- Bonés, por 1\$000 réis;
- e uma mobília para a Sala das Sessões, por 25\$000 réis;

Em 1909, graves desinteligências perturbaram a vida da Associação, e delas resultou a fundação, pelos elementos dissidentes, de uma nova corporação de bombeiros: — a Companhia de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes». Mas este incidente, longe de quebrar ânimos, mais ainda os acicitou.

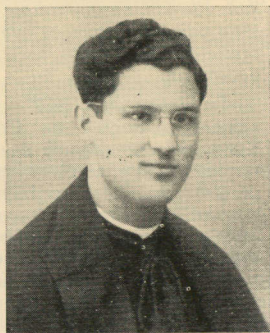
Em Novembro de 1908, a Associação participou nas grandes festas de recepção ao Rei D. Manuel II; e, em 19 de Dezembro de 1909, assistiu à inauguração do obelisco da Praça do Comércio.

Francisco Ferreira da Encarnação era o Comandante em 1911.

Em 1913, inteiramente debelada a crise por que se passara, logo se pensou em melhoramentos. Em reunião de 10 de Setembro foi resolvido comprar um carro de escadas «Magyrus», de modelo pequeno e barato, visto as condições das ruas da cidade não darem largura suficiente para modelo maior, e à Câmara foi pedida, entretanto, a construção de um novo quartel, visto o actual não se encontrar em condições e, além disso, não ter o espaço suficiente para arrecadar a escada «Magyrus» que se ia adquirir. A escada chegou em Março de 1914, mas, como não havia onde arrecadá-la, foi levada para as ruínas da igreja da Vera-Cruz. Erradamente supunham tê-la, ali, em bom abrigo, pois que, uma noite, forte ventania a fez voltar, partindo-a. Talvez por este acidente, a construção do novo quartel não demorou.

Em 1915 era Comandante o sr. **Júlio Cabral**, que, abandonando o cargo dois anos depois, deixou a substituí-lo o 2.º Comandante sr. **Firmino Fernandes**. Este cargo, efectivo, foi ocupado, em 1921, após algumas tentativas de fusão de ambas as Corporações, pelo sr. **Isaías de Albuquerque**.

Em 1925, tomou posse a Direcção da presidência do sr. **Ricardo Mendes da Costa**, que, no ano seguinte, adquiriu a primeira moto-bomba, para substituição da antiquada e pouco rendosa bomba braçal. Os gestos de generosidade tornaram-se frequentes; de resto, as necessidades crescentes duma cidade em franco aumento impunham a urgente modernização de todo o material existente. As viaturas eram braçais: — os próprios bombeiros, auxiliados pelo garotio, que sempre accorria, eram quem puxava, até o local do sinistro, os carros que conduziam o material, donde resultava, além de tão abnegado ridículo, um cansaço antecipado dos que iam trabalhar com grande responsabilidades. Três aveirenses dedicados, grandes amigos da Associação, contribuíram, na altura, para a almejada renovação: — o sr. **Egas Salgueiro**, oferecendo, em Setembro de 1927, um automóvel «Humber», para ser adaptado a pronto-socorro; — o sr. **Dr. José Maria da Silva**, fazendo, em Abril de 1928, idêntica oferta; — e o sr. **Dr. António Nascimento Leitão**, em



PADRE MANUEL C. FIDALGO
Capelão

Fevereiro de 1938, dotando a corporação com uma auto-ambulância, para o transporte de feridos.

O Governo da Nação, reconhecendo os valiosos serviços prestados pela Associação, distinguiu-a, em 16 de Março de 1929, com a comenda da ORDEM DA BENEMERÊNCIA; e, em 10 de Agosto de 1932, considerou-a INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA.

Nova viatura pronto-socorro foi adquirida em Outubro de 1932.

Em 1934, o comando foi entregue ao sr. **Tenente Alberto Daniel Machado**, lugar que ocupou até 1936, para ceder a vez ao sr. **Firmino Fernandes**, elemento valiosíssimo, a quem, em 1944, pouco antes da sua morte, foi prestada pública e solene homenagem, a quando do cinquentário da sua vida de bombeiro.

Marino Sousa Moreira, foi o comandante seguinte. Tomou posse em 14 de Março de 1945; graças a ele, adquiriu-se em Londres a magnífica serria de alarme que está a funcionar desde 6 de Setembro de 1946, graciosamente instalada, pelos Serviços Municipalizados de Electricidade, no telhado do Quartel, — acabando-se, assim, com o anacrónico sistema do toque do sino da torre dos Paços do Concelho.

Entretanto, a nova Direcção, empossada em 1 de Fevereiro de 1943, e ainda em exercício (aparte ligeira mudança de estrutura), substituiu toda a mangueria inutilizada no grande incêndio do Governo Civil, em 16 de Outubro de 1942, — exactamente no mesmo local onde ardera o Palácio dos Viscondes de Almeida, atrás referido —; reorganizou a esquecida CAIXA DE SOCORROS, de auxílio pecuniário ao bombeiro, garantindo-lhe ainda assistência médica e medicamentosa em doenças adquiridas fora do serviço; conseguiu da Câmara Municipal o seguro contra acidentes, para todo o pessoal do Corpo Activo; adquiriu uma agulheira de espuma, e respectivas cargas, para incêndios de gasolina, óleos e aguarrás; modernizou os prontos-socorros, blindando um deles; com-

prou uma moderníssima e potente moto-bomba *Escol*; renovou todos os fardamentos; criou uma escola de aspirantes; e, não esquecendo a função social que lhe é devida, organizou, em 1952, a ÁRVORE DO NATAL DA CRIANÇA POBRE, que foi um êxito.

Ao sr. **António Folhadela de Melo**, técnico distintíssimo, que comandou a Corporação a partir de 15 de Julho de 1947, se ficaram a dever muitas inovações, ainda mantidas e muito apreciadas.

Em Março de 1949, alguns pequenos subsídios, e os donativos de uma subscrição de que se encarregaram as telefonistas desta cidade, por iniciativa da sua chefe, sra. D. **Alcina dos Santos Gil**, e que rendeu esc. 12.500\$00, permitiu — com os bons officios do Governador Civil de então, sr. **Coronel Dias Leite**, e um importante subsídio do Governo — adquirir uma nova ambulância, de 2 macas e assaz confortável, que útil e copioso serviço tem prestado a toda a população.

Por afastamento do Comandante Folhadela, e por parecer do digno Inspector da Zona Norte, foi nomeado para o exercício daquele cargo, em 21 de Agosto de 1950, o sr. **Albano Henriques Pereira**, dedicadíssimo elemento, que, há muitos anos já, e em vários cargos directivos, vinha servindo a Associação.

É já longa a vida desta ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA, se a compararmos com os limites acanhados da vida humana; mas da vida humana só ela tem as consequentes dificuldades materiais de sobrevivência — porque a sua duração, função do *auxílio no perigo*, será infinita, como infinita é, no coração do Homem, essa magnífica virtude que se chama ALTRUIZMO.

Janeiro de 1957.

HUMBERTO LEITÃO

UMA CERTEZA!

SOLICITADA a colaboração desta Liga, para o número comemorativo do 75.º aniversário da Corporação dos Bombeiros de Aveiro, não podíamos ficar nem indiferentes, nem inaptos a tão honroso convite.

É sempre nossa obrigação moral, acompanhar as nossas federadas, nos seus momentos de alegria e de sofrimento, estar em todo o momento junto delas.

Cabem bem pois as nossas palavras, de alegria e de incitamento, pelo caminho já percorrido pela vossa gloriosa Corporação e para que possam continuar a fazer mais e melhor.

Todo o vosso passado está cheio de ensinamentos, de renúncia, de sacrifícios e de caridade cristã, e, podem aparecer agora que festejam o vosso 75.º aniversário com as consciências de bem terem cumprido a vossa missão de homens e de soldados da paz.

A vossa missão, das mais elevadas que conhecemos, não tem preço, porque parte do coração, e, destina-se a todos — amigos ou inimigos, ricos ou pobres, bons ou maus — e é prestada, muitas vezes, com risco da vossa vida.

Mas essa dádiva total, não pode nem deve ser desbaratada, sob pena de perder muito do seu



FRANCISCO AUGUSTO DUARTE
Membro do Conselho Fiscal



ANTÓNIO FOLHADEIA DE MELO
Comandante de 1948 - 1950

significado, tem de ser antes fruto de um amadurecimento moral e não consequência de uma acção intempestiva, sem produto para ninguém.

O Bombeiro tem de ser calmo, bravo e fiel ao seu ideal, e, como tal, deve medir o perigo, tomar todas as precauções para a sua segurança, defender também a sua vida tão útil para todos.

Estamos em presença de uma época em que o Bombeiro, tem preponderância destacada e isso obriga-o a não estagnar, a sair da rotina, e preparar-se intensamente para a luta contra o fogo.

Se na época actual o número de incêndios diminuiu pela aplicação de muitos materiais incombustíveis na construção civil, o progresso aumentou os riscos de incêndio pelo uso da electricidade, do aquecimento e dos carburantes, o que obriga a uma vigilância constante.

Outros perigos existem também, e esses requerem conhecimentos técnicos, que têm de ser ministrados a todos os que militam no voluntariado.

O trabalho realizado na vossa Corporação, atestado pelos 75 anos da vossa existência, são a garantia plena da maneira como trabalhais, e que merece todo o nosso apreço e respeito.

Podem os Aveirenses estar descansados, por terem como sentinelas vigilantes das suas vidas e haveres, abnegados Bombeiros como são os da sua Corporação.

MOURA E SILVA

Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses

Altruísmo obscuro e anônimo

Pelo Dr. JOSÉ TAVARES

TRATANDO-SE de corporações de Bombeiros Voluntários, frisam-se, com razão, as qualidades de dedicação, renúncia e altruísmo de que dão provas os indivíduos que nelas se alistam, e evocam-se numerosos casos de coragem e valentia manifestados na ocasião de incêndios, cheias, tufões, etc., etc., pelos que abnegadamente e muitas vezes à custa da própria vida se votam à salvação da vida dos outros. Todas as agremiações de bombeiros recordam, a par dos seus heróis, os seus mártires.

Nas aldeias, em caso de sinistro de qualquer natureza, nem sempre se pode contar com o auxílio de bombeiros: as povoações mais afastadas dos centros em que eles existem têm exclusivamente a protegê-las o heroísmo dos próprios habitantes. Surgindo, por exemplo, um incêndio, dá-se o rebate na torre da igreja matriz ou tangendo a sineta da capelinha mais próxima. Dentro de pouco, inteirados do que se passa, aparecem de todos os lados, na ânsia de prestar qualquer auxílio, homens, mulheres, e até crianças... Há sempre alguém, mais animoso e expedito, que se arvora em comandante desses improvisados «bombeiros». E começa a faina: empunhando toda a casta de vasilhas, quem pode vai transportando água, extraída dos poços ou fontes próximas; lançam-se escadas às paredes; trepa-se às janelas e telhados; arrombam-se portas, salvam-se pessoas, animais e haveres... Se no fim se reconhece a quase inutilidade dos esforços e cansaças despendidos, visto ter o prédio ficado reduzido a paredes nus, todos sentem a consolação do dever cumprido e a satisfação que sempre nos dá a prática desinteressada do altruísmo.

Este altruísmo obscuro e anônimo regista-o por vezes a literatura, pondo-nos diante dos olhos a acção de desprotegidas populações perante a brutalidade dos terremotos, incêndios, inundações, derrocadas, ciclones, em suma, dos mil flagelos que põem em perigo ou totalmente destroem o bem-estar e a vida da pobre humanidade.

Reproduzirei aqui, para regalo dos leitores da «HUMANITÁRIA», um pequeno trecho de bela descrição de incêndio, ocorrido numa vila. Deve-se à pena de uma das mais notáveis escritoras do nosso tempo — D. Adelaide Félix (1).

Diante de casa incendiada, chegam bombeiros, e povo, muito povo, para ajudar. A certa altura do ataque, em ponto oposto àquela em que os bombeiros trabalham, aparece sobre a cimalha da casa, «com uma criança nos braços, uma rapariga, de cabelos despendidos, feições desfeitas num esgar».

O fogo cresce, e continua a ouvir-se o rebato dos sinos na matriz. Várias tentativas, frustradas, da parte de dois corajosos rapazes... E, «naquela emergência de morte, só ficaram duas realidades: a da chusma, que estendia os braços à desgraçada, pedindo que se atirasse, e a da lancinação materna, lá no estreito tabuleiro de argamassa, apertando o menino mais e mais ao peito».

E a autora continua:

«Foi então que, ajudado por um punhado de homens, José Maria surgiu, congestionado, olhos raiados de sangue, arrastando um mastro delgado e comprido. Trouxera-o do adro da ermida, frente à qual, na manhã seguinte, o esperaríamos, entre uma farta dúzia, nos alindamentos do terreiro para as festas da Senhora da Saúde. João Maria sabia-os ali, que seu pai os emprestara para os luxos da romaria, e ele mesmo o transportara no carro, a junta a puxar que era um louvar a Deus.

Onde a mulher se mostrava, estacou, e ali quedou firme, a suster o pé do madeiro, enquanto os braços dos outros lhe iam empurrando o topo

A Minha Saudação

Uma agremiação que comemora o 75.º aniversário da sua fundação, impõe-se à consideração geral e mostra-se possuidora da vitalidade que gera os grandes cometimentos.

Saúdo portanto, nesta data, todos quantos à Associação dos Bombeiros Voluntários de Aveiro têm dado a sua valiosa cooperação, não podendo deixar de saudar muito especialmente aqueles que abnegadamente, no seu Corpo de Bombeiros, têm trabalhado como maior esforço, acorrendo em auxílio do seu semelhante com verdadeiro espírito de caridade cristã.

Para aqueles que a morte já levou, deixo a expressão da maior saude. Que descansem em paz.

Coronel SERAFIM DE MORAIS JÚNIOR

Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte

(1) — Do livro de contos — «Eu, pecador, me confesso...», conto — «Quando uma brasa se apaga...».

para cima, empurrando sempre, no fito de endireitá-lo.

— Levantem mais!.. Levantem!... Força!.. Força, seus m...!

Em dado momento, por trás do corniça onde a mulher se empoleirara, parte do telhado ruiu com fragor, espadanando no ar um inferno de lumes, mas ninguém se acobardou. Agora o pinheiro já principiava a erguer o cimo, jogados à bruta, em tal sentido, os joelhos, os ombros e as mãos calosas dos homens. Entre eles, João Maria multiplicava as próprias energias, acudindo como convinha. Por fim, num arranque hercúleo, conseguiram verticalizá-lo. Lesto, o moço atirou fora o colete, arregaçou até às coxas o surroboque das calças. Num galão, achou-se aos ombros dos outros e, abraçado ao poste, começou a trepar resolutamente, como quando, no domingo mais festivo daquelas redondezas, ia buscar, ao alto do mastro grande, a cobiçada nota de cem.

A meia altura, sentindo que o tronco vacilava deveras, bolsou para os de baixo uma obscenidade. Depois, a seu tempo, mandou:

— Encostem à parede! Devagar... Devagar!

Lentamente o mastro perdeu a vertical. Pingando suor, o cacho humano que o sustinha conseguiu encostá-lo à cimalha. Ágil como um símio, João Maria fincou os pés na plataforma ardente. Tomou a si a mulher. Prendeu-a bem com o braço esquerdo, enquanto com o direito lhe arrancava do colo o menino. E com ela bem colada à ilharga, berrou para a malta crispada numa sgonia:

— Ai vai o miúdo... Ai vai o miúdo... Cuidado!

Num balanço ligeiro, a modo que o fedelho não raspasse na cantaria, gingou um pouco o corpo e, surdo aos berros aloucados da mãe, cujos braços continuava a manter garrotados contra o seu flanco, atirou a criança para a almofada feita de braços estendidos.

Depois, juntou-se ao poste, carregando com a mulher, que acabava de desmaiara sobre o seu ombro. Soltou-se da cimalha, comprimindo entre as coxas, rjas como tenaz, o redondo madeiro. E assim foi descendo, devagar, ajudado o gancho das pernas pela pressão tentacular do único braço livre.

Já no chão, entregou a rapariga ao mulherio, que choramingava; perguntou pela criança. Estava fero, o inocente.

Só então deu por si, sentindo escorrer um líquido quente pelos joelhos e pelo braço direito, cuja manga pendia em tiras. Olhou, espantado: era sangue. Mas não lhe doía; o que lhe doía, coisa esquisita, era o braço esquerdo... Repetiu: acima do pulso, do lado exterior, vermelha e tufada, uma fenda queima arrepanhava a carne. E nem se lembrou de que, ao saltar sobre a cimalha, batera com o braço num dos enfeites de ferro que a guardavam, e eram outras tantas brasas naquele lumaréu.

Na manhã seguinte à noite em que João Maria roubou ao fogo aquelas duas vidas, a rapariga estava viúva, sem um chave de seu.

Este João Maria salvara da morte a mulher que fora sua noiva e o trocara por outro homem, — e, com ela, o inocente fruto da traição!

JOSÉ TAVARES

CRUZADA DO BEM OU A EXPLOSÃO DO AMOR

Pelo Dr. QUERUBIM GUIMARÃES

TEMPOS que correm são de desvaio do homem, do homem que se desvia da Pátria da Luz, para se abismar no mundo da Treva — Quase se não vêm almas na trágica ostentação dos corpos. Olhos que se não erguem para o Alto para se fixarem apenas no lodo dos pântanos. Espírito que se submerge no turbilhão da matéria. Corações que se não comovem perante a miséria do seu semelhante. Egoísmos que se não detêm vendo em farrapos vidas que se decompõem (ainda no mundo, antes de baixar à terra fria) no lodaçal do vício, na lepra da luxúria, ou no horror da fome a desfazer em sangue pulmões que for-

ças não têm já para oxigenar, em haustos de vida, corpos exangues. Sibaritas ou gosadores dos «cabarets» ou das tertúlias mundanas que não têm um movimento de amor, de caridade, para estender o braço em socorro do aflito, do violentado pelas forças da natureza ou pela cegueira do ódio. Homens da selva, da barbárie, do primitivismo animal, desafiando uma civilização milenária que Cristo criou quando, no mundo, se sacrificou e pelos homens, ofereceu a vida em holocausto dos seus vícios, das suas misérias e, pedindo ao Pai, do alto da Cruz, perdoasse aos que o crucificaram porque não sabiam o que faziam, instituiu essa cruzada de amor, amor ao próximo, por amor

de Deus — «amai-vos uns aos outros como eu vos amei». — Foi outro o Mundo depois de Cristo. Virou-o do avesso, diz um consagrado escritor. Dois mil anos passados, porém, regressa-se à selva, à crueza dos tempos pagãos em que a lei era a da vontade do opressor, em que a pessoa humana se desconhecía, simples escravo, de cuja vida o senhor podia dispor a seu talante, esmagados todos os direitos pelo culto da Força, pela violência do ódio.

Como se tornam belas, nestes tempos de tão asfixiante baixeza moral, os actos heróicos dos que se erguem da lama que os cerca para em, caridade cristã, socorrem o seu próximo, sem temor da morte, nessa ânsia sublime de salvar a vida do seu semelhante! Os que, com os olhos em Deus, a tudo o que é seu, a tudo o que do mundo é, renunciavam para correr em socorro dos aflitos, dos que se sentem morrer sem que alguém lhes valha, dos que se contaminam de

lepra, e morrem nas leprosas para socorrer os empestados, como o célebre Padre Damião, numa ilha afastada, do Pacífico, para onde o mundo afastara esses seus irmãos; como um São Vicente de Paulo, que substitue um galeriano para aliviar o condenado dessa horrível pena:

É um ideal cristão o que os inspira? Mas vós, Bombeiros, na vossa missão de sacrifício, a toda a hora, a todo o instante, de dia ou de noite, deixando o vosso ofício, ou abandonando o vosso lar, a vossa família, o vosso leito, em noites de tempestade, para arrancar vidas das chamas crepitantes, tendes um ideal cristão também, porque o ideal de humanidade que vos anima, é o ideal de Cristo, é o amor da caridade cristã por muito que o desconheçais!

Perante o vosso heroísmo, de tão sublimes audácias, curvo-me em respeito e gratidão.

QUERUBIM GUIMARÃES



Fábricas Aleluia

AZULEJOS — LOUÇAS

AVEIRO

Telef. 22

LISBOA

R. Rodrigo da Fonseca, 70 R C-Esq.

TELEF. 54872

PORTO

Galeria de Paris, 96-1.º

TELEF. 27012

O fogo leva tudo!

Pelo Desembargador **MELO FREITAS**

QUE dizer? Em boa verdade, falta-me «engenho e arte», mas, porque fui solicitado e não poderia de todo esquivar-me, a simples apontamentos me limito.

Passou-se o caso numa das últimas noites. Desabrido vento sacudia os caixilhos das janelas do meu quarto, voltado para a Praça Marquês de Pombal, e, a intervalos, fortes aguaceiros fugitavam as vidraças. Entretanto, no delicioso conforto da minha cama, protegido contra os elementos em fúria, ajeitava-me para de novo adormecer. Já tinham dado as 4 horas.

De súbito, porém, do próximo quartel dos *Bombeiros Velhos* soltou-se agudo grito da sereia de alarme. Um silvo contínuo (o apelo era para fora da cidade), não tardando muito que cessasse, e logo ouvi a saída de uma viatura. Voltara-se ao silêncio, só interrompido pelo vendaval.

Noite péssima, de rigorosa inverno, mas, quando eu e muitos outros repousávamos, lá iam eles, os *Voluntários*, lá iam eles, sentir de perto a intempérie, passar trabalhos, correr riscos...

BODAS DE DIAMANTE dos *Bombeiros Velhos* não representam apenas 75 anos de paradas, de desfiles, de vistosa presença em actos cívicos diversos. Mais do que isso, significam e avivam três quartos de século de abnegação inestimável e inúmeros sacrifícios!

Designá-los por *Bombeiros Velhos* equivalerá a reconhecer-se-lhes sólido e glorioso título de nobreza, galhardamente alcançado.

Quase todos eles de humilde condição social, sem outros bens que não sejam família mais ou menos numerosa a sustentar, sucede, todavia, que, tendo talvez posto os olhos no céu infinito e vendo o brilho das estrelas... com sublime devoção se comprometeram a árduas canseiras e graves perigos.

Crepitando e avançando violento incêndio, os simples espectadores, mesmo a distância se sentindo asfixiados e abrasados, prudentemente se afastam, mas os beneméritos e intrépidos *Voluntários* hão-de manter-se firmes nos seus postos, na ardência da fornalha ou molhados até aos ossos, enquanto os travejamentos desabem, as paredes se desmoronem e, acaso, deflagrem explosões. Em luta contra o fogo e contra a morte, chegam até à heroicidade.

Por quem o fazem?

Incêndios, inundações, naufrágios... E o quê mais, a que sejam chamados os *Bombeiros*?

Há anos, em Lisboa, assisti ao *aparatoso salvamento de um gato*, utilizando-se excelente e gigantesca escada Magirus, toda ela motorizada.

O bicho subira a tais alturas, de uma grande árvore, que perdeu o tino para descer.



DR. JOAQUIM DE MELO FREITAS

1888 - 1893

Muitas e baldadas foram as tentativas que vários *Bombeiros* empregaram, tendo querido aproximar-se do animalzinho e, por cautela, envolvê-lo em panos. Por fim, assustado e resvalando de frágil em frágil ramo a que não poderia segurar-se, caiu docemente num dos lagos da Avenida da Liberdade, onde o espectáculo se desenrolou.

Encharcado, em tristíssima figura, feito numa sopa! — mas salvo. Fora salvo *um gato*!

Estou a lembrar-me de certa poesia do meu livro de leituras alemãs, dos tempos de Liceu: «Não te esqueças de mim».

Trata-se de conhecida e delicada flor, dum azul como o dos céus: *myosotis*. «Não sabe dizer muito, e tudo o que diz é sempre sômente a mesma coisa, é sômente: não te esqueças de mim.»

Também a sereia de alarme do quartel dos *Bombeiros Velhos* não sabe dizer muito, e é

sempre o mesmo, enigmático, aflitivo e enervante o grito com que nos inquieta. Mas, se tivesse palavras para contar-nos tragédias, o que nos diria ela?

Veiu de Londres e aí serviu, no tempo dos bombardeamentos da Grande Guerra última. O que nos diria ela? — repito.

Tive ensejo de ver ferros torcidos, como se fossem vimes, restos de habitações, desventradas até ao pavimento das caves, e este pavimento transformado em baldio onde vegetavam, em abundância, fetos dos montes e moitas de «Epilóbium», de caules esbeltos e muito floridos, pondo manchas cor de rosa num quadro dramático.

Para recordação colhi no local algumas dessas florinhas, e as conservo, agora já enegrecidas mas que, se falassem, possivelmente diriam, ainda, que foram regadas com «sangue, suor e lágrimas», única promessa de Churchill à Inglaterra até que se alcançasse vitória.

Talvez aquela sereia dos *Bombeiros Velhos*, ao soltar seu grito plangente, queira repetir-nos: «Sangue, suor e lágrimas».

Quem sabe? *Sangue, suor e lágrimas* daqueles que pedem socorro. *Sangue, suor e lágrimas* dos que, por amor do próximo e bem fazer, correndo em auxílio se arriscam a desastre!

Antes de organizadas convenientemente as corporações de serviço contra incêndios, não raro era que a multidão, no propósito de salvar, acabasse por destruir quase por completo o que existia, lançando tudo pelas janelas, dos mais elevados andares à rua. No dizer de

«O Bombeiro» de 1 d'Agosto de 1889, o fogo representava um flagelo mas os salvadores constituíam uma praga!

Na época actual, Aveiro conta com duas prestantíssimas corporações de Bombeiros Voluntários, que, todavia, lutam com dificuldades.

No incêndio do Governo Civil, em 1941, a falta d'água foi problema confrangedor, e, mesmo com abundância d'água, a insuficiência de mangueiras ou o seu mau estado pode inutilizar os maiores esforços. Sabe-se que são caras e de pouca dura.

Confiemos nos nossos beneméritos Voluntários, poderemos contar com eles, mas, evidentemente, só na medida dos meios de que disponham. Não lhes bastam louvores e honrarias, estima e gratidão.

Estejamos sempre *em guarda*! Quando nos lembrarmos deles, feitas bem as contas é a nós próprios que serviremos. Não será assim?

Em minha vida sofri dois sobressaltos: princípio de incêndio em estabelecimentos do rés do chão de casas onde habitei, em Coimbra e em Aveiro.

Sem consequências, providencialmente, — mas, naqueles momentos de dolorosa ansiedade e pensando que de um bom serviço contra incêndios dependerá a nossa sorte, gravou-se no meu espírito a justeza de um conceito de velha sabedoria popular, com que termino:

«O ladrão leva o que pode, mas o fogo leva tudo!»

Ano Novo
1957

JAYME DE MELLO FREITAS

O BEM PELO BEM

Pelo Prof. BARBOSA DE MAGALHÃES

CONTINUAMENTE se vêem nos jornais e em outros órgãos de publicidade apelos à caridade alheia, pedidos de esmolas, de socorros, subscrições a favor de homens, mulheres, crianças e colectividades, convites para espectáculo, concertos ou chás de caridade, com bridge, ou sem bridge, com canasta, ou sem canasta, com variedades, ou sem elas, e, felizmente, esses apelos e pedidos são frequentemente atendidos, essas subscrições recolhem bastantes donativos e esses convites são aceites, dando ensejo a serem cobradas receitas mais ou menos quantiosas.

E é tudo por bem.

Mas, infelizmente, esse bem poucas vezes é devido a puro altruismo.

Há quem o faça para parecer bem; para ver o seu nome nos jornais, ou o seu retrato numa parede de certa colectividade; para ganhar o céu — quem dá aos pobres empresta a Deus —; para ir divertir-se, comendo, bebendo, dançando, jogando e gozando os variados espectáculos que se lhe proporcionam.

Há ainda, com certeza, quem o faça por política, para conseguir partidários e votos — um subsídio com dinheiro seu, ou do Estado, ou de um órgão administrativo, para um sino duma igreja ou capela, para um marco fontenário, para uma fonte, ou calçada.

E até há quem o faça para simples satisfação da sua consciência, por impulso da sua alma e do seu coração.

Entre estes beneficentes estão os bombeiros voluntários; e estão em primeiro lugar.

Porquê? Porque, mesmo dentre os que fazem o bem pelo bem, poucos são o que dão, ou sacrificam, aquilo de que precisam; em regra, dão ou sacrificam o que lhes é supérfluo.

Os bombeiros arriscam o seu sossego, o seu bem estar, a sua saúde e a sua própria vida — para evitar prejuízos aos outros, para lhes evitar os malea físicos, que derivam das calamidades públicas, para salvar a saúde, a vida e até a fazenda dos outros.

O que dão, o que arriscam não é nada do que lhes é supérfluo e são dos poucos beneficentes que seguem o preceito moral — faz o bem, não olhes a quem.

Bem poucos são os que pensam que, de um momento para o outro, podem precisar do precioso auxílio dos bombeiros, que, já de longe, se não limitam a evitar e a acudir aos incêndios, mas intervêm, com a sua valiosa acção, com todos os seus dedicados e inteligentes esforços, em todas as outras calamidades públicas.

Em regra, o egoísmo tem tal força que, contando com o altruismo alheio, nem deixa pensar que de repente pode haver precisão de recorrer

àqueles que estão sempre prontos para socorrer os outros.

No entanto, os bombeiros são daqueles altruistas que, aliás muito merecidamente, são olhados e respeitados com admiração e reconhecimento.

Surge agora, ao comemorar-se o 75.º aniversário — as bodas de diamante — da Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, um motivo para que essa admiração e reconhecimento lhes sejam manifestados por forma que comova todos os corações, e o sejam também a essa benemérita instituição, que a própria lei considera de utilidade pública, que já mereceu a comenda da Ordem da Benemérita e que, pelo esforço dos seus componentes, e pela ajuda dos seus protectores, tem salvado tantas vidas, evitado e minorado tantas dores, tem evitado e diminuído tantas perdas materiais, tem evitado muitas lágrimas de dor e de saudade e tem feito derramar outras de alegria e de gratidão.

Estou certo de que a minha, a nossa, cidade de Aveiro vai comemorar condignamente essas bodas de diamante e a essa comemoração me associo com toda a alma, agradecendo à Comissão Organizadora o amável e honroso convite, que me dirigiu, para colaborar neste 2.º número da «Humanitária».

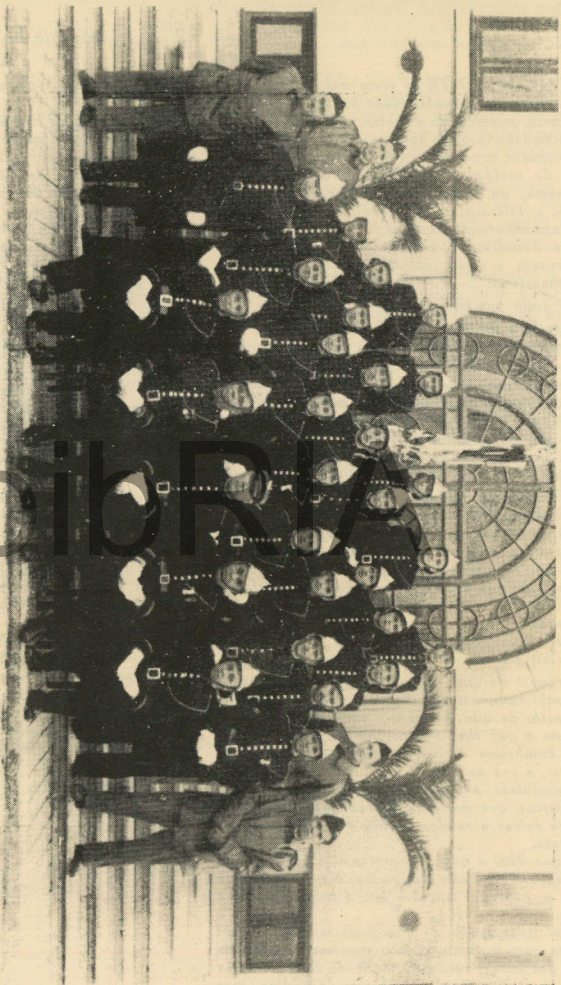
Apreciei-o e agradeço-o, tanto mais que sou devedor à Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro de muitas atenções, designadamente como o mais velho descendente actual do Homem que teve a bela iniciativa de promover a fundação da Companhia.

Saudando-a nesta hora solene, saúdo também a sua congénere aveirense Companhia Voluntária de Salvação Pública «Culherme Gomes Fernandes» e todos os componentes das duas colectividades e de todas as outras idênticas, constituídas por obreiros do bem, por aqueles que fazem o bem pelo bem.

Diz um provérbio popular — depressa e bem, há pouco quem.

Parafraseando o, eu digo — o bem pelo bem, há pouco quem.

Corpo Activo da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro



Da esquerda para a direita — 1.º plano de pé: José Pereira de Carnalho, José Correia, chefe, Manuel Martins Raposo, José

2.º plano — José Rodrigues Vieira, (Motorista) Vasco dos Santos Pinho, Firmiano Diniz Marques da Costa, Anibal Ferreira Martins, Amadeu Teixeira Calhau, Alvaro de Oliveira Carneira, José Salvador Lopes Martins, Adérito Fernandes, Albino Batista, e motorista Augusto Oliveira Carneira.

3.º plano — Leonildo Nunes da Maia, (Motorista) Alberto Deus da Louira Rufeyro, Abel de Carnalho Picado, António Martins Gonçalves Rei, João Evangelista dos Santos Morais, Alberto Francisco Pereira, Henrique da Silva Pimentel, Anselmo Correia da Costa, Manuel Ferreira Marques, José da Silva Ramalho, António Francisco Pereira e motorista António Almeida Pinto.

Sentados — Praça 1.ª classe João de Pinho Soares, chefe, António Monteiro, 1.º Comandante, Albano Henriques Pereira, 2.º Comandante Gonçalo Pinto e adjunto do Comando Manuel da Costa Freitas.

ESTÁ NO EVANGELHO

EU não me enganarei se disser que a alma dos bombeiros está no Evangelho.

O Evangelho é o cântico de todos os heroísmos e de todas as audácias. Nele se guardam, para a memória e a devoção dos séculos, o santo arrojo da Verónica, com o seu linho branco de piedade, e as lágrimas doloridas de Maria Madalena, esse pobre farra-pito humano que não pediu licença a ninguém para beijar os pés de Jesus e sobre eles estender a toalha dos seus cabelos.

É certo que o Evangelho não fala de corporações, nem de ambulâncias, nem de machados, nem de agulhetas, nem de cabelos ao vento. Também não alude ao toque de qualquer sireia quando o fogo, erguido da terra, devorou de pronto as cidades de Sodoma e Gomorra.

O nome das coisas, porém, pouco importa. O que importa é a sua alma. E ao ritmo dos nervos e do sangue que se escalam as montanhas. Só por acaso, não se tocam as estrelas. Tem que vir de dentro a força para que se não parta a asa dos nossos sonhos. O amor, se não é virtude, há-de acabar ali perto, ao primeiro amuo ou à mais leve contrariedade.

Ora a vida dos homens que hoje aqui se louvam, nestas felizes bodas de diamante da gloriosa Associação Humanitária, é uma legenda heróica

de grandezas. Podem alguns nem sequer o suspeitar, mas neles existe uma alma a que eu chamo cristã.

Espanta-se a gente diante da força que os leva na corrida?! E admira-se do ímpeto que os não deixa parar de medo, que até os faz sorrir dele?! E comove-se quando o seu coração ainda palpita por cima de todas as ruínas?!

Espante-se e admire-se e comova-se a gente com a virtude que lhes põe nos olhos esta luz, e nos lábios esta febre, e no peito esta alma... — esta alma que está no Evangelho.

É Jesus Cristo quem o diz: — Tem a sua recompensa um copo de água fresca que se dá de beber a quem é pequenino e pobre, mas vai sedento pelo caminho.

Quando o fogo queima as casas ou as searas, o bombeiro-soldado desejaria que à roda de cada pedra nascesse uma fonte. Desejaria até realizar o milagre de trazer ali as ondas todas do oceano largo e profundo. Mas, porque não é de suas mãos esta força, como era da vara de Moisés, ele sofre — e chora.

Lágrimas benditas que apagam incêndios!

Por elas, nesta festa de 75 anos, vos aplaudo e louvo e engrandeço, queridos amigos.

Aveiro, 1 de Janeiro de 1957

PADRE M. CAETANO FIDALGO

À procura dum significado para a palavra

HUMANIDADE

Pelo Dr. VASCO BRANCO

NASCEMOS pouco depois da guerra de catorze e a tempestade nazi apanhou-nos ainda na adolescência. Esses anos de incerteza e angústia deixaram-nos cicatrizes fundas e conduziram-nos a um hábito defensivo cujo escudo se chama cepticismo. Desconfiados, pois, não por natureza, mas pela impressão vívaz que a verificada falência de certas ensinanzas, tidas como dogma, escreveram em nossa alma, desconfiados, não por natureza, mas pelo cansaço da praga de propagandas que pretendeu e pretende governar a opinião pública — se não o Mundo —, só muito cautelosamente nos atrevemos ainda à arbitragem duma questão ou a escolher guarida para certas atitudes.

Nesta nossa época em que são vulgares os termos *engenheiros de almas*, *mentalidades teleguidas*, *epidemias psicológicas*, *opiniões dirigidas*, temos, mais do que nunca, larga justificação para essa desconfiança, para esse cepticismo. Ninguém descobre que actualmente a propaganda alinha em magestade e eficiência ao lado de qualquer outra arma, e nós, os leigos, nem sempre estamos preparados para a destrinça entre o nobre metal e a ganga que o envolve, pois só o tempo poderá fazer subir a vil escória ao plano do nosso desprezo. A propaganda, todavia, não desfigura somente os propósitos das nações, as atitudes dos partidos políticos, a redacção dos comunicados da guerra; a propaganda pode desvirtuar ou valorizar o mais insignificante procedimento humano. E' por isso que mais dificultosa se nos afigura a busca que empreendemos de um significado para a palavra *Humanidade*.

Quando determinámos procurar o significado desta palavra, o nosso primeiro impeto levou-nos a compulsar as definições dos dicionários e das enciclopédias. Foram lidas dezenas de vezes e finalmente abandonadas. Não conseguimos encontrar nessas definições calor suficiente. Abafadas em tecnicismo — aliás imprescindível à explanação das ideias — deixaram-nos um sabor a indiferentismo, provocaram-nos um prurido puramente epidérmico, que não se coadunavam bem com o nosso sentir. Tudo o que tentámos depois para fazer ganhar em veemência a definição, saiu verborreico e expletivo — e, por isso, nos agarrámos sofregamente à tábua de salvação do chamado exemplo.

Quando nos dizem que o massacre do povo magiar é desumano, somos o primeiro a

reconhecê-lo, como igualmente reconhecemos a desumanidade do bombardeamento atómico feito a Hiroshima e Nagasaki. Dirão certos argumentadores que, neste último caso, se tratava duma necessidade tendente a aproximar o fim da guerra. E' muito possível que tenham razão; mas, se pretendermos encarar as coisas exclusivamente sob o ponto de vista *humano*, mantemos o que afirmámos, visto que a *humanidade* não pode usar para medida pontos de vista particulares deste ou daquele indivíduo, deste ou daquele grupo, desta ou daquela facção política, deste ou daquele país, deste ou daquele continente, desta ou daquela raça, desta ou daquela civilização. A *humanidade* é uma palavra sem limites — é uma palavra tão grande que alberga, no mesmo carinho o trabalhador e o indigente, o rico e o pobre, o branco e o negro, o ministro e o operário, o sábio e o ignorante, o nórdico e o dravidiano.

A maior parte das vezes, a *humanidade* entra em conflito com os interesses individuais ou de grupo, e a eles se tem que sacrificar quase sempre: quando os povos europeus chegaram ao Novo Mundo o povo ameríndio viu a sua sentença de morte assinada e sem possível apelação; quando os japoneses chegaram às ilhas que constituem hoje a sua pátria, encontraram ali a raça ainú, que está em vias de extinção. Não vamos chorar sobre as campas frias destas fatalidades históricas; mas também não podemos, sem hipocrisia, chamar de *humanitários* aos invasores. A própria Natureza, tão cantada pelos poetas, teria que prestar largas contas se a chamássemos à liça pelo seu comportamento para com o bípede que — talvez... num momento de imprudência — dotou de cérebro...

A classificação de um acto sob o ponto de vista *humano* é muito subjectiva; o que para uns é louvável, outros condenam. Atitudes há, todavia, com tal cunho de *humanidade* que são imediata e unanimemente reconhecidas como tal.

Quando, no silêncio da noite, o lúgubre chorar da sereia avisa o bombeiro de que há gente em perigo, ele não trata de indagar se a casa a arder é de rico ou de pobre, de socialista ou monárquico, de branco ou de negro, de sábio ou de analfabeto, de cristão ou de ateu. E é precisamente nesta espontaneidade e neste desinteresse que vamos encontrar a definição mais adequada — e talvez mais capaz — para a palavra *Humanidade*.

COMANDANTES



FRANCISCO AUGUSTO DA F. REGALA
1882 - 1884



JOSÉ MARIA CARVALHO BRANCO
1893 - 1897



MANUEL GONÇALVES MORFIRA
1897 - 1906

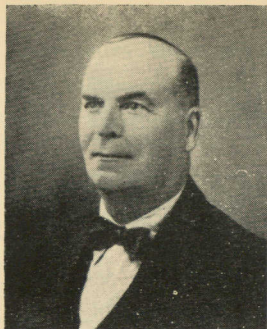


JOÃO BERNARDO RIBEIRO JÚNIOR
1906 - 1907



JOÃO MORAIS MACHADO
1907 - 1911

COMANDANTES



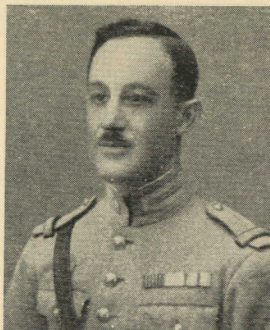
FRANCISCO F. DA ENCARNÇÃO
1911 - 1915



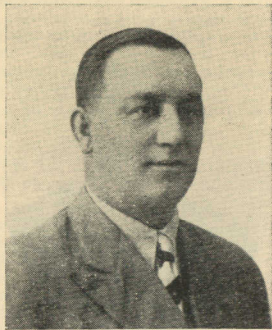
FIRMINO FERNANDES
1917 - 1921 — 1936 - 1945



ISAÍAS ALBUQUERQUE
1921 - 1934



TEN. DANIEL ALBERTO MACHADO
1934 - 1935



MARINO SOUSA MOREIRA
1945 - 1948

Herança Sagrada!

Pelo Dr. ALBERTO SOUTO

PASSA velozmente o Tempo e tão veloz que parece ser hoje, ainda, o dia festivo em que, há vinte e cinco anos, celebrámos o cinquentenário da Associação Humanitária



DR. ALBERTO SOUTO
Presidente da Assembleia Geral

dos Bombeiros Voluntários de Aveiro...

Neste quarto de século doado entre a comemoração de 1932 e a de 1957, a Morte não se deteve na sua eterna faina e, de mãos dadas com o Tempo, levou-nos muitos dos que comungaram connosco no júbilo e na alegria em que decorreram as Bodas de Ouro dos nossos Bombeiros Velhos.

Vai para todos os nossos Mortos queridos destes vinte e cinco anos, o nosso pensamento, com a lembrança das suas figuras físicas e morais, e a melhor homenagem

ao seu civismo, à sua conterraneidade, à sua dedicação a tudo quanto era útil e belo na cidade de Aveiro, e, particularmente, à sua amizade por esta benemérita corporação de salvação pública que é um título de ufania a esmaltar a nossa heráldica de um braço colectivo de Bem-Fazer.

Entre tantos nomes saudosos que nesta hora desejaría lembrar, não posso esquecer o conselheiro Luís de Magalhães, filho de José Estêvão, e o nosso hóspede e amigo, de Viseu, Dr. Mário Barroso, que tanto ilustraram com a sua presença e a sua eloquente palavra a sessão solene do Teatro Aveirense que, embora breve, foi das mais solenes a que tenho assistido e em



CARLOS ALELUIA

Vice-Presidente da Assembleia Geral

que, modestamente, tenho tomado pa te.

Dos sócios fundadores da Associação e sua Companhia, viviam ainda, em 1932, João Bernardo Ribeiro Júnior, Manuel e Fernando Homem Cristo, António Marques de Almeida, Anselmo Ferreira, Luís Benjamim e João Nunes da Maia.

Outros prestimosos amigos e consócios, como Firmínio Fernandes, Isaías de Albuquerque, Firmínio Costa, Ricardo Mendes da Costa e muitos mais não mencionados neste breve artigo, desapareceram também depois disso na trágica voragem.

A Morte e o Tempo ceifaram-nos comandantes, directores, soldados activos, protectores, colaboradores e devotos desta obra admirável que é a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro. A nossa amizade, a nossa gratidão e o nosso reconhecimento, porém, mantem-se vivos no nosso coração.

Para todos os nossos Mortos, do mais ilustre ao mais humilde, vão, pois, as homenagens da nossa saudade, neste dia de Bodas de Diamante, e não só para os nossos Mortos dos últimos vinte e cinco

anos, mas, também, para os do meio século anteriormente decorrido, não menos dignos de serem lembrados.

Sem esse *humus* de saudosas e prestáveis memórias, esta Associação não existiria.

Ela vive sobre extratos de insanos trabalhos, de belas virtudes cívicas, de grandes sentimentos generosos, de altruísmo, de sacrifícios e dedicações de centenas de homens bons que fizeram parte da comunidade aveirense.

É das seivas de uma tradição de bondade e de amor do próximo, arreigada na alma deste Povo que ela se alimenta.

Podemo-nos orgulhar todos do tesouro de boas obras e bons sentimentos que nos legaram.

Honra seja ao exemplo desse venerando Passado!

E que a herança sagrada se não perca, mas viceje e frutifique sempre em novas e lídimas mãos!

— Recolhei-a no melhor da vossa alma e honrai-a sempre, oh! geração de Hoje e de Amanhã!

ALBERTO SOUTO

PRESENTE!

por CAROLINA FIONILM CRISTO

CHAMAM-ME de Aveiro, minha terra espiritual, para que colabore com meia dúzia de linhas neste festivo número de aniversário.

No meio do rumorejar constante e intenso duma grande metrópole como hoje é Lisboa, na labuta diária



RAÚL DE SÁ SEIXAS

1.º Secretário da Assembleia Geral

da maratona absorvente do jornalismo tão diferente da calma vida provinciana, que saberei eu dizer que possa interessar ao público Aveirense, ou à simpática Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários que comemora os seus 75 anos de altruísta actividade? Contar-lhes como se envelhece depressa neste rodopiar alucinante das cidades modernas, apesar dos cosméticos de beleza e dos artifícios com que a moda nos ajuda a encobrir os estragos do tempo, e de todos os males da malfadada era atômica que nos ultrapassa? Falar-lhes da minha saudade profunda da recuada época em que Aveiro não tinha réclames a «néon» nem cafés, e só

íamos ao cinema uma vez por semana vêr fitas em 2, 3, e 4 episódios, que levavam um mês a correr e reuniam no Salão Nobre do antigo Teatro a guia flor da sociedade da terra em simpática e alegre cavaqueira?

A minha saudade, bem entendido, não é das ruas escalavradas de então, do silêncio sepulcral que se observava às 11 da noite quase de uma ponta à outra da cidade, da escuridão em que os nossos olhos mergulhavam e os nossos passos faziam eco ao sair de restrito serão familiar, ou das «bichas» de caneco à cabeça em redor das fontes que haveriam de enchê-los num evervante «pingue pingue», que consumiu horas de vida a muita mãe de família! Não, gosto da luz, do movimento, do progresso, e respiro fundo, em verdadeira satisfação, sem-



POMPEU DE MELO FIGUEIREDO

2.º Secretário da Assembleia Geral

pre que chego a Aveiro e descubro uma nova rua, o esboço de um futuro bairro ou um bairro novo já a caminho, de bonito traçado, no qual predominam as casas elegantes, de boa

arquitectura, sobretudo de bom gosto, como sucede, por exemplo, na nova zona do Liceu. Sigo a evolução de Aveiro de olhos enternecidos como se seguem os passos de um filho que começa a andar, primeiro cambaleante, depois firmando bem os pés no chão, já consciente e senhor de si. E a cidade faz tal diferença nos últimos 15 anos, que por vezes dou comigo a querer reconstituir na minha memória, um ângulo duma rua, ou tal e tal sítio, sem conseguir, já, fazê-lo com nitidez. Depois de uma paralisação quase total de mais de 30 anos, eis-la ressurgida, caminhando na vanguarda da maioria das terras de província, em profundo movimento de renovação que enhe de alegria e orgulho quantos, pelo nascimento ou sentimento, podem considerar-se aveirenses, como eu. Não é, pois, desse transposto período de decadência que tenho saudades, não. É desses grupos que já se não reúnem no salão do teatro, das pessoas que conheci, dos rostos que me eram familiares e desapareceram para sempre, da saborosa intimidade que encontrava por todos os lados, das pedras da Costeira que conheciam os meus passos, das áreas do Jardim Público onde passeei, vai-

dosa, os meus primeiros vestidos compridos, dos rapazes e raparigas desse tempo, da mocidade que se foi e não volta mais.

A minha juventude e primeira mocidade passaram-se em Aveiro. Aí desabrochei da adolescência, aí me fiz mulher, aí aprendi a trabalhar, lutar, e sofrer. Na rude escola da vida que era a convivência com meu Pai, formei o espírito, e moldei o carácter. A Ele devo tudo o que sou, e no seu exemplo de entranhado amor à terra em que nasceu, embora nem sempre compreendido, frutificaram as raízes que me prendem a Aveiro e me levam a responder — Presente! — neste momento, como sempre, ao apelo que me fazem, mesmo sem saber se correspondo ao que de mim se espera. «Presente» agora, na festa da benemérita Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro a que desejaria ainda prestar homenagem daqui a 25 anos, e «Presente» sempre que Aveiro de mim necessite.

Presente!

Lisboa, Janeiro de 1957

Carolina Homem Christo

SAUDAÇÃO

Por EDUARDO CERQUEIRA

N O meu tempo de miúdo — que me vai ficando já na recordação delido e indistinto como um sonho — o bombeiro disfrutava de um aliciente prestígio, que lhe conferia as auras e a dignidade de modelo para as nossas infantis tendências de macaquea  o.

Estou em crer que a pequenada de agora, com as atenções absorventemente suscitadas pelos ases, as proezas e os pleitos desportivos, se suporia amesquinhada com a mera hip tose de lhe apontarem como praticável o nosso entret m anacr nico de «brincar aos bombeiros». Mas aquí há umas quatro décadas de anos, na época pre-civilizada em que os relatos radiof nicos não ocorreriam a uma imaginação divinatória tão fértil como a de um Júlio Verne, a bola de câmara de ar era quase tão inacessível como hoje o planeta Marte, e os brios nacionais ainda se arras-tavam na triste indigência de não poderem enfeitar-se com os louros dos triunfos futebol sticos e quejandos.

Então, a petizada, a par de uns jogositos ingl rios e sensabor es, de alguma tropelia ing nuu, de qualquer aventureira incursão em desp ique com a do bairro vizinho, aplicava a sua t teta de imitar os adultos e a irremissível necessidade de agitar-se no arremedo desses homens generosos que, sem outro pr mio além de servir o semelhante, arriscavam o sossago e a vida, e tinham o ânimo forte, a destreza atlética, o garbo inalterável e a olímpica indiferença pelos riscos mais inquietantes.

Com capacetes de papelão e machadas toscas de madeira, insígnias recortadas em papel de cor que a

cola de sapateiro mal fazia aderir às blusas das horas de folguedo, ser «bombeiro» constituía um prazer e um orgulho.

Sem d vida a impoluta farda de gala; o reluzente capacete met lico; as paradas e cortejos cívicos onde o bombeiro se conferiam primazias de evidência; as inveros meis agulhetas que esguichavam água até aos telhados das casas mais altas; as escadas articuladas com uma presteza insuperável; a capacidade acrobática dos participantes nos simulacros; os apitos dos comandantes, imperativos e milagreiros como uma varinha mágica que tudo movesse com disciplinada exactidão, exerciam uma forte influência na miudegem.

Mas, mais fundo e mais alto que as exterioridades impressionava o fervor que animava os homens   ac o filantrópica; a abnegação individual diluída no trabalho de equipa e quase sempre relegada ao anonimato; o impulso de fraternidade humana, des-pida de quaisquer laivos de ego s-mo, isenta de toda a sorte de predilecção e lateralidade; o ser o amigo do próprio inimigo, se adregasse de pender sobre ele a ameaça ou do dano.

Cing mo-nos, decerto, ao que estava ao nosso alcance:   canhestra imitação, reduzida à escala do nosso material de fancaria e da compleição de pe metros com pros pias de meter lanças em África. Mas, para o resto, laborava em voos de  guia, a fantasia desfrenada e a inesgotável capacidade de sonhar e de crer nos sonhos como nas realidades mais aut nticas.

Apagar o fogo convencional, dominar labaredas imaginárias, arran-car ao suposto brazeiro algum camarada, subalterno e submisso, a

quem fosse cometido o papel de entretido, eram, ao fim, os nossos altos propósitos de humanitarismo platonico.

O que nos incentivava, o que incendiava os nossos entusiasmos juvenis era a cintilação daquela «chama» que conduz a apagar as chamas, aquele arder no amor do próximo que traz a satisfação no esforço oferecido e torna a dor alheia mais mecedora que a própria.

E, se tudo estava no âmbito da brincadeira improficua, havia, por detrás da aparência insignificante, uma expansão do sentimento, um propósito puro de revestir a traquinice de um sentido que a sobrelevasse.

Assim fui «bombeiro», e dessa missão me reformei, ainda de calções. Bons tempos, os dos calções! Despi com eles inúmeras quimeras — que o fato de homem toíhe a gente para toda a vida...

Demiti-me de «bombeiro», e quantas coisas mais que desejaria ser! Ficou-me, todavia, mais consciente, embora inoperante, a tenaz admiração por esse voluntariado de bem

fazer; a viva gratidão pela vigília em que permanentemente se coloca para acudir às aflições alheias; o apreço por essa forma nobilíssima de desinteressado sacrificio, a que não sei afoitar-me.

Fiquei na convicção de que exaltar os bombeiros corresponde a preitar uma virtude que é apanágio de poucos; e, mais do que serviços fruídos, é reconhecer o mérito de quem dá sem recompensa, e não a pede nem a ambiciona.

Fiquei no dever de lhes afirmar, em todos os ensejos que se me proporcionem, uma palavra de louvor e homenagem, se me não é lícito dizer de solidariedade.

Essa palavra dissaborida lhes trago, de saudade para os mortos, de aplauso e simpatia para os actuais, de bons desejos para a corporação que devotadamente serviram ou servem, nesta festiva comemoração do 75.^o aniversário da tão querida e benemérita Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

EDUARDO CERQUEIRA

GRIMPA GLORIOSA

PEDE-ME a Comissão Organizadora da Homenagem à A. H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro algumas palavras para inserir no n.º 2 da «HUMANITÁRIA», em comemoração das Bodas de Diamante da prestimosa colectividade aveirense, e eu tenho como dever não me escusar ao honroso pedido, na modesta proporção do que possa e saiba dizer.

Embora alheio, em pormenor, à vida intensa da benemérita Associação, não posso ser alheio ao seu valor como elemento de abnegação e de sacrifício em favor da linda capital do nosso distrito. Os Bombeiros, soldados da Paz por excelência, formam uma classe à parte na vida das terras em que exercem a sua nobilíssima missão, e durante 75 anos de heroísmos sem conta — grimpagem gloriosa atingida em nobre apostulado de ternura humana — certamente que a A. H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro tem cumprido a sua tarefa de maneira a dar a Aveiro a garantia solene de que nela podem confiar os seus habitantes.

Eu sei, todos nós sabemos, que nas horas de perigo iminente os Bombeiros são os primeiros Amigos com que podemos contar. Eles dão sempre o seu sangue e a sua vida pelo seu semelhante, sem exigirem qualquer

prémio. Caminhando para a luta com o coração a trasbordar de ternura por todos aqueles que se encontram em perigo, quantas vezes, nas grandes catástrofes, sucumbem, de sorriso nos lábios, enquanto nos seus lares fica a viuvez e a orfandade a testemunhar raios de heroísmo que não visam a recompensas que não sejam as do dever cristão humanamente cumprido.

Laboriosa, nobre e lavada ascensão é, portanto, a levada a efeito pelos fieis servidores da A. H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro durante estes 75 anos de amor pela sua terra, e pela vida e bens dos seus habitantes, e tudo quanto possa dizer-se — por maiores montanhas de louvores que se tecam em volta de tamanha obra — não passa dum pálido reflexo daquilo que Aveiro e o seu povo lhe deve.

E que isto é uma verdade suprema, atesta-o a homenagem que um grupo de aveirenses ilustres promove nesta gloriosa data, rodeando de afectivos carinhos e de festivas galas a benemérita Associação, homenagem a que eu me associo, de alma ajoelhada, com estas modestíssimas palavras.

Espinho, Janeiro de 1957

CARLOS DE MORAIS

Nas Bodas de Diamante da Associação Humanitária

UM ESCÂNDALO!

Pelo Dr. DAVID CRISTO

AO primeiro silvo da sereia, lúgubre na quietude sonolenta daquela manhã de Verão, o bombeiro saltou da cama, como se percutido por gigantesca mola, e correu — nu!!! — para o seu quartel.

Atravessou as ruas do bairro, ali da Beira-mar, — nu!!! — sob as vistas escandalizadas do mulhierio, que sempre, em emergências sinistras, assoma às portas p'ra saber onde é o fogo. Um escândalo!

Quando me relataram a insólita ocorrência, visionei o piloso varão direito às bombas, lesto como Mercúrio, e tão absorto em seu humanitário desvario que de tolo se esqueceu de que os seus pés poisavam nesta miseranda terra, exigente, mesmo para os deuses, quando menos, do resguardo da parra edênica.

E não contive uma gargalhada — essa gargalhada vil que se gera na epiderme das convenções, como borbulhaço de recôndito ácaro.

Pensei depois que talvez Freud não risse. E pensei ainda que Freud leva, ao comum dos mortais, a van-

tagem de não ter bom-senso: perfura desepiedadamente a estratificada crosta de milenárias hipocrisias e de sórdidos interesses, rasga as pesadas roupagens tecidas com o fio de ancestralidades a reflectir conveniências no falso dourado de europeus — e procura, nas fundas radículas do homem, o homem verdadeiro, santo ou demônio, águia ou gusano, seixo ou universo. E, para tanto, cruel mas sincero, Freud desnuda o homem.

Nauseamo-nos ao ver, por feitiços do sábio, surgir de rescendentes púrpuras hediondas deformações? Deslumbramo-nos quando nos surge Apolo dum gibão estarrapado? — É que os nossos olhos não têm agudeza nem coragem para contemplar a Verdade sem véus; nem são os olhos ingênuos daquela criança da lenda que denunciou à multidão circumspecta e formal a nudez bojudia do seu rei.

Freud e o menino não ririam, como eu ri estupidamente, do bombeiro que ia nu, nem se escandalizariam como as mulheres pudibundas; antes pensavam que a abnegação do nosso homem — tão espontânea que, ao primeiro grito de angústia, logo voou, num gigantesco salto, por sobre

a sólida montanha de venerados pejos — só tem olhos para as tragédias alheias, e tão exclusivamente postos nas ansiedades do seu irmão em perigo que não dão conta de que a folha de parra ficou esquecida no arcaz das decências.

A Mitologia fez os deuses como deuses; mas os homens vestiram o coração dos deuses da farrapada humana. Daí não sabermos lobrigar o altruísmo, quando desadornado dos trapos pomposos deste mundo feito aderecista de comediantes.

Nos setenta e cinco anos de existência da benemerente Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, somam-se, feitas as contas, mais de vinte e sete mil dias

e muito para cima de meio milhão de horas de permanente vigília — inacreditável contributo de várias gerações de homens tão despidos de interesses que, em sua desnuda devoção humana, correm para os perigos onde periga uma vida, esquecidos da sua própria vida; e correm tão velozmente que, às vezes, lhes sucede deixarem em casa, devolta com as suas esquecidas roupas de pobres, a viuvez e a orfandade, lutos de humildes, sem glória — porque o Mundo, que ri do bombeiro que vai nu, não descobriu ainda para tão louco heroísmo aquelas faustosas roupagens com que veste, de comum, as fátuas vaidades dos grandes...

DAVID CRISTO

bibRIA

EVOCAÇÃO

Por ALBANO PEDRO DA CONCEIÇÃO

Já lá vão perto de quarenta anos! Era eu, então, um rapazito da escola. O meu pai era o presidente dos Bombeiros Velhos. E eu tinha muita vaidade nisso, e orgulho também: o suficiente para



TENENTE JAIME DA SILVA SABINO
Membro do Conselho Fiscal

me julgar superior aos meus companheiros. Pois se o meu pai era o dono dos «bombeiros», e dos incêndios e daqueles brinquedos muito grandes, pintados de vermelho, com que não apetecia nada brincar, valha a verdade. Quando lá ia, passava por eles com respeito e temor, apesar de estarem muito quietos e calados. E' que eles, qual matéria viva dotada de sensibilidade, comunicavam-me a impressão estranha de que estavam sempre atentos e prontos para correrem à desfilada, logo que soasse o primeiro alarme do sino grande de S. Domingos — para mim, certamente o maior sino do mundo!

E como aquela voz estentória era determinante, não admitindo demoras nem hesitações, lá iam, carros e bombeiros, facies duro para a luta contra as chamas, corações abnegados para salvar vidas alheias.

Que diferença nas paradas! Nem pareciam os mesmos homens. Muito calmos, muito direitos, muito «generais»! Estou a vê-los: Firmino Fernandes, idoso e dcente, a vender saúde nas paradas e a remoçar nos incêndios; Manuel da Rosa, velhinho, uma espécie de símbolo da corporação; Isaias Albuquerque, bastante gordo, e tão elegante e ligeiro dentro da farda; um outro, cujo nome não tenho presente, e de quem recordo os enormes bigodes que deviam ter atemorizado muitos incêndios; Francisco da Encarnação, a quem se chamaria, agora, o galã bombeiro; o velho Bandarra, e tantos, tantos outros, todos muito apurados dentro daquelas fardas as-



MANUEL JOSÉ DA COSTA GUIMARÃES
Membro do Conselho Fiscal

seadas, luvas dum branco sem mácula; botões luzídios, capacetes resplandecentes, postos na cabeça com aquele gestinho peculiar de cada um, que os tornava mais garbosos. Mas o que eu tinha de reconhecer, com certa máguia, era que os Bombeiros Novos não faziam pior figura. E a verdade, para mim tão arreliadora, era que, muitas vezes, eram estes que chegavam primeiro aos incêndios.

Um dia fui convidado... Não, ponhamos as coisas no seu lugar: um dia, o meu pai mandou-me à sede dos bombeiros falar com o Firmino Costa, outro bombeiro dedicado (haverá bombeiros que não sejam dedicados?). Quando entrei no salão já lá estavam umas duas dúzias de garotos e meninas da minha idade. O Firmino Costa colocou-me ao lado duma menina e disse-me: «Esta é o teu par». E foi assim que passei a fazer parte do rancho infantil dos Bombeiros Velhos. Eu era um rapazito com alguma iniciativa e com expediente de sobra para a brincadeira. Mas, perante situações mais sérias era um tímido. Assim, quando tinha de comprar uns sapatos novos, nunca maçava ninguém. Os primeiros que me calçavam, quer estivessem apertados ou largos, já os não abandonava; dizia que me assentavam muito bem; tinha medo de não conseguir melhor, e aqueles já eu tinha seguros nos pés.

Não me lembro das danças do rancho. Da exibição, no coreto do jardim, tenho uma vaga reminiscência, mas o que tenho vivo na memória é um acontecimento de que fui vítima, precisamente por causa daquela faceta de tímido.

Na véspera da exibição pública houve ensaio geral e distribuição de barretes e faixas, para comple-

mento do nosso traje de pescador. Em cima de uma mesa estava um monte de barretes. A' ordem de avançar todos corremos para eles, precipitadamente, como se não houvesse barretes que chegassem. Naquela desordem agarrei-me ao primeiro que me caiu nas mãos. Vou a experimentá-lo e sofro uma decepção: era muito apertado. Mas não desanimei; aquele é que eu já não largaria. E com as duas mãos, em movimentos precipitados de balancê, fazia os maiores esforços para enfiar o barrete. Olhava para os outros companheiros e via-os com seus barretinhos muito satisfeitos, todos geitosos. Uma espécie de agonia dominava-me. Então, aos esforços das mãos juntei a colaboração da cabeça, fazendo com ela movimentos de parafuso. Foi o desastre! Senti um estalo no pescoço, e uma dor agudíssima. E o pescoço, durante um mês, não se mexeu nem mais um milímetro. No dia seguinte, no jardim, com outro barrete, um aprumo exagerado distinguia-me dos outros companheiros. Muito teso, muito hirto, devia ter irritado quantos me olhassem, quando afinal ninguém conhecia a significação trágica daquela antipática postura.

Já lá vão perto de quarenta anos! Era eu, então, um rapazito da escola.

Um destes dias vi os bombeiros marchando nas ruas da cidade, com bandeira e música. Tudo tão belo, tão evocativo, tão igual a sempre, que no meu espírito, enlaçando passado e presente, se originou uma natural transmutação de personagens. E reví os homens do passado, tão presentes e tão vivos que me deu ganas de saltar para a rua e, como dantes, marchar ao lado deles.

Dezembro de 1956

Albano Pedro da Conceição

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

SETENTA e cinco anos de existência!!... Três quartos de século de vida impoluta, fecunda, altruista. Bemdita hora em que um punhado de homens de alma e coração se lembraram de tomar sobre si o encargo de formar uma Associação em prol da humanidade e cujo lema era *coragem e abnegação*. De facto se formou, tendo esse punhado de homens posto de parte o seu bem estar e oferecendo desprendimento da própria vida. Assim, se há um perigo iminente ou incêndio, o seu heróico altruismo impele-os a correr per entre o fumo e as brasas a salvar a vida do próximo e os seus haveres materiais. Bemdito o momento que nesta data faz setenta e cinco anos, celebrando as suas bodas diamantinas, cobertas de feitos gloriosos.

São estas simples e sinceras palavras que brotam do meu coração e de minha alma com verdadeiro entusiasmo e dedico à Companhia Velha, assim chamada popularmente, tendo a firme certeza que a nossa terra, que durante esse longo espaço de tempo colheu as honras e benefícios a ungirá dos louros da suprema gratidão e seus aplausos e que ela continuará *ad aeternum* a registar os feitos benéficos e gloriosos.

São estas as breves palavras que dedica à Companhia Velha o humilde nonagenário

SILVA ROCHA

AVEIRO

CORRENDO a terra portuguesa, de l s-a-l s, sentimos as suas variantes profundas, quer na paisagem quer na índole dos seus povos.

Há como que uma identificação entre o carácter individual e o meio que o cerca.

No Alentejo, por exemplo, onde já est ve por duas vezes, tudo parece planificado.

  planície extensa e mon t na a paisagem que nos rodeia; um efl vio triste e enebriante evolui-se da própria terra; sentimos como em nenhuma outra parte a dor profunda da solidão.

O carácter do alentejano, agarrado ao solo donde nunca emigra   merenc rio; a sua voz   pastosa, duma melopeia monoc rdica, que se expressa assim nos próprios cantares.

Nota-se logo a influência  rabe e as raízes profundas que l  deixou.

No Minho, ao contrário, tudo é diferente. O que no Alentejo   extenso, compacto, fechado em si próprio, é ali pequenino, achegadinho, cheio duma franqueza vibrante.

O seu povo, mais do que qualquer outro,   alegre, vivaz, todo comunicativo.

A sua paisagem, sem d vida,   das mais belas de todo o país.

Viana do Castelo, por exemplo, é uma tela fulgurante de beleza sem par. Pois o vi nense   também como tudo o que o cerca ruidoso de sons como a sua paisagem   ruidosa de cores, alacre como ela, comunicativa, terrena, muito humana.

O sangue  rabe já ali não deixou vestígios, pois a dominação mussulmana muito pouco se demorou por lá. Mas se meditarmos bem, notaremos que essa mancha populacional tem uma t pica acentuação étnica que a torna diferente de todas as outras regiões. Talvez sangue suevo que por ali se derramou para sempre.

Nas outras províncias d -se o mesmo!

Quer seja o estremenho, quer seja o beirão ou o algarvio, profundas diferenças o delimitam entre si, com o fundo próprio de cada paisagem para cada qual.

Aveiro, a nossa região, é um todo desgarrado no todo português.

A sua paisagem, por si,   já única no país, para não dizer no próprio mundo.

A ria é um acidente geográfico que em nenhuma outra parte encontramos e que modelou o seu *hinterland* numa estrutura nova, diferente de todos os outros meios.

Definir essa paisagem, impossível.   nostálgica e alegre ao mesmo tempo, vasta e muito aconchegada; possui todos os cambiantes, e, se de manhã pode parecer vibrante e juvenil de entusiasmo,   noitinha, já se transformou num aspecto de profunda tristeza, com os seus péres de sol inconfundíveis.

O povo de Aveiro é como a sua região, diferente de todos os outros.

  só igual a si próprio.

Povo franco e enérgico como não encontrei em qualquer outra parte, imbuído dum espiritualismo que o torna num viveiro de poetas, artistas ou homens de ciência, o aveirense, e quem diz aveirense diz todo o natural do Baixo-Vouga, é um ser marcante não só no seu meio como em qualquer parte do mundo em que habite.

Há 22 anos que deixei Aveiro onde resid  durante outros vinte e dois.

L  decorreram os melhores tempos da minha vida.

Pois bem, Aveiro, nestes 22 anos, não me tem sa do do coração, tão profundas raízes ali se criaram.

Houve na sua paisagem, no seu povo, na sua hospitalidade, uma magia tão grande, a que nunca mais me pude furtar, e que de mim fizeram o aveirense mais convicto, o mais amante da sua terra, embora o mais humilde e o mais despido de qualquer valor.

ANTÓNIO CARDO

Promotores das Bodas de Diamante

COMISSÃO DE HONRA

Engenheiro Alberto Branco Lopes
Ricardo Pereira Campos Júnior
Orlando Moreira Trindade
Carlos Aleluia
Alberto Casimiro Ferreira da Silva
Eduardo Cerqueira

SUB-COMISSÕES

Desporto

Dr. José Cristo
José de Oliveira Ferreira
Manuel de Castro

Baile

António Luís Moraes da Cunha
Carlos Grangeon Ribeiro Lopes
Agnelo Casimiro

Merenda às corporações representadas

2.º Comandante Gonçalo Pinto
Chefes Manuel Costa Freitas
e João Soares

Revista «Humanitária»

Manuel José da Costa Guimarães
Amadeu Ala dos Reis
Augusto Pinho Varela

Parada

Tenente Jaime da Silva Sabino
João dos Santos
Carlos Alberto Pinho Varela
Décio Cerqueira

Arraial

José Rodrigues Vieira
João Nunes Ferreira Salgueiro
Carlos Júlio Duarte Matos

Recepção

A Direcção e o Comando

A Comissão Promotora da publicação da Humanitária agradece muito reconhecida a todas as pessoas que se dignarem prestar a sua colaboração e auxílio, tornando possível levar a bom termo a missão que lhe foi confiada.

humanitária

1882
bibliotheca
1957